



## **PREGAÇÃO E PRÁTICAS MINISTERIAIS**

Professor Me. Rafael de Paula

## UNICESUMAR

Av. Guedner, 1610 - Jardim Aclimação  
Cep 87050-900 - MARINGÁ - PARANÁ  
unicesumar.edu.br  
44 3027.6360

## UNICESUMAR EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

NEAD - Núcleo de Educação a Distância  
Bloco 4 - MARINGÁ - PARANÁ  
unicesumar.edu.br  
0800 600 6360

as imagens utilizadas neste  
livro foram obtidas a partir  
do site SHUTTERSTOCK.COM

## FICHA CATALOGRÁFICA

C397 **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ.** Núcleo de Educação a Distância; **PAULA**, Rafael de.

**Pregação e Práticas Ministeriais.** Rafael de Paula.

Reimpressão - 2020.

Maringá-Pr.: UniCesumar, 2016.

236 p.

"Graduação - EaD".

1. Pregação. 2. Práticas. 3. Ministeriais. 4. EaD. I. Título.

ISBN 978-85-459-0329-1

CDD - 22 ed. 250  
CIP - NBR 12899 - AACR/2

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário  
João Vivaldo de Souza - CRB-8 - 6828

Impresso por:



### Reitor

Wilson de Matos Silva

### Vice-Reitor

Wilson de Matos Silva Filho

### Pró-Reitor de Administração

Wilson de Matos Silva Filho

### Pró-Reitor de EAD

Willian Victor Kendrick de Matos Silva

### Presidente da Mantenedora

Cláudio Ferdinandi

### NEAD - Núcleo de Educação a Distância

#### Direção Operacional de Ensino

Kátia Coelho

#### Direção de Planejamento de Ensino

Fabício Lazilha

#### Direção de Operações

Chrystiano Mincoff

#### Direção de Mercado

Hilton Pereira

#### Direção de Polos Próprios

James Prestes

#### Direção de Desenvolvimento

Dayane Almeida

#### Direção de Relacionamento

Alessandra Baron

#### Head de Produção de Conteúdos

Rodolfo Encinas de Encarnação Pinelli

#### Gerência de Produção de Conteúdos

Gabriel Araújo

#### Supervisão do Núcleo de Produção de Materiais

Nádila de Almeida Toledo

#### Supervisão de Projetos Especiais

Daniel F. Hey

#### Coordenador de Conteúdo

Roney de Carvalho Luiz

#### Design Educacional

Ana Claudia Salvadego

#### Iconografia

Isabela Soares Silva

#### Projeto Gráfico

Jaime de Marchi Junior

José Jhonny Coelho

#### Arte Capa

Arthur Cantareli Silva

#### Editoração

Fernando Henrique Mendes

#### Qualidade Textual

Hellyery Agda

Nayara Valenciano



Professor  
Wilson de Matos Silva  
Reitor

Em um mundo global e dinâmico, nós trabalhamos com princípios éticos e profissionalismo, não somente para oferecer uma educação de qualidade, mas, acima de tudo, para gerar uma conversão integral das pessoas ao conhecimento. Baseamo-nos em 4 pilares: intelectual, profissional, emocional e espiritual.

Iniciamos a Unicesumar em 1990, com dois cursos de graduação e 180 alunos. Hoje, temos mais de 100 mil estudantes espalhados em todo o Brasil: nos quatro campi presenciais (Maringá, Curitiba, Ponta Grossa e Londrina) e em mais de 300 polos EAD no país, com dezenas de cursos de graduação e pós-graduação. Produzimos e revisamos 500 livros e distribuímos mais de 500 mil exemplares por ano. Somos reconhecidos pelo MEC como uma instituição de excelência, com IGC 4 em 7 anos consecutivos. Estamos entre os 10 maiores grupos educacionais do Brasil.

A rapidez do mundo moderno exige dos educadores soluções inteligentes para as necessidades de todos. Para continuar relevante, a instituição de educação precisa ter pelo menos três virtudes: inovação, coragem e compromisso com a qualidade. Por isso, desenvolvemos, para os cursos de Engenharia, metodologias ativas, as quais visam reunir o melhor do ensino presencial e a distância.

Tudo isso para honrarmos a nossa missão que é promover a educação de qualidade nas diferentes áreas do conhecimento, formando profissionais cidadãos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade justa e solidária.

Vamos juntos!





## Janes Fidélis Tomelin

Pró-Reitor de Ensino de EaD

## Kátia Solange Coelho

Diretoria de Graduação e Pós

## Débora do Nascimento Leite

Diretoria de Design Educacional

## Leonardo Spaine

Diretoria de Permanência

Seja bem-vindo(a), caro(a) acadêmico(a)! Você está iniciando um processo de transformação, pois quando investimos em nossa formação, seja ela pessoal ou profissional, nos transformamos e, consequentemente, transformamos também a sociedade na qual estamos inseridos. De que forma o fazemos? Criando oportunidades e/ou estabelecendo mudanças capazes de alcançar um nível de desenvolvimento compatível com os desafios que surgem no mundo contemporâneo.

O Centro Universitário Cesumar mediante o Núcleo de Educação a Distância, o(a) acompanhará durante todo este processo, pois conforme Freire (1996): “Os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem dialógica e encontram-se integrados à proposta pedagógica, contribuindo no processo educacional, complementando sua formação profissional, desenvolvendo competências e habilidades, e aplicando conceitos teóricos em situação de realidade, de maneira a inseri-lo no mercado de trabalho. Ou seja, estes materiais têm como principal objetivo “provocar uma aproximação entre você e o conteúdo”, desta forma possibilita o desenvolvimento da autonomia em busca dos conhecimentos necessários para a sua formação pessoal e profissional.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize os diversos recursos pedagógicos que o Centro Universitário Cesumar lhe possibilita. Ou seja, acesse regularmente o Studeo, que é o seu Ambiente Virtual de Aprendizagem, interaja nos fóruns e enquetes, assista às aulas ao vivo e participe das discussões. Além disso, lembre-se que existe uma equipe de professores e tutores que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.

**Professor Me. Rafael de Paula**

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Maringá. Graduado em Teologia pelo Centro Educacional Evangélico ISBL. Bacharel em Teologia pelo UniCesumar. Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. cursando Licenciatura em História pelo UniCesumar.

**SEJA BEM-VINDO(A)!**

Olá, aluno(a). Neste livro, vamos fazer uma abordagem panorâmica das principais atividades do ministério pastoral. Nossa ênfase será sobre a questão da Pregação, com suas implicações e pressupostos. Também trataremos sobre questões relacionadas à realização de cultos públicos de adoração. Além disso, trataremos conceitualmente dos principais elementos que fazem parte do culto público.

Na primeira unidade, trataremos sobre a essência do ministério pastoral, sua importância, seu significado, suas responsabilidades. Analisaremos os critérios que devem ser preenchidos para que uma pessoa exerça o ministério pastoral. Também analisaremos as atividades que uma pessoa deve desempenhar no ministério pastoral.

Na segunda unidade, trataremos sobre a questão da adoração e da liturgia, observando esses conceitos no Antigo Testamento, no Novo Testamento e na Igreja Patrística e Reformada. Analisaremos a questão da contextualização da liturgia para nossos tempos atuais, finalizando com uma discussão sobre a importância de se usar formas diferentes de comunicação do Evangelho.

Na terceira unidade, trataremos de elementos do culto público de adoração a Deus, do ponto de vista de sua liturgia. Observaremos a questão do uso dos sacramentos e finalizaremos refletindo sobre a relação entre o culto público e a missão da Igreja.

Na quarta unidade, trataremos dos pressupostos básicos sobre a arte da Pregação da Palavra. Daremos especial ênfase à questão do trabalho de interpretação dos textos bíblicos para que eles sejam expostos por meio das técnicas de pregação.

Na quinta e última unidade, trataremos da questão da pregação em si, do ponto de vista da homilética. Analisaremos os tipos diferentes de sermão, seus objetivos e suas partes de composição. Daremos ênfase em como elaborarmos um esboço a partir de um texto bíblico.

O assunto a que nos propomos é, certamente, muito amplo. Há muito o que dizer e muito o que aprender. Com certeza, não esgotaremos o assunto nessas cinco unidades, mas elas servirão como um bom guia introdutório para que você se aperfeiçoe no seu serviço cristão.

Bons estudos!





## ■ UNIDADE I

### FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA TEOLOGIA PRÁTICA

15	Introdução
16	Conceito, Sujeito e Método
19	Análise Crítica da Realidade Pastoral Contemporânea
34	Principais Conceitos Teológicos do Ministério Pastoral
49	Perspectiva Teológica Para Uma Prática Ministerial Relevante e Contextual
58	Atribuições E Qualificações Para O Exercício Do Ministério Pastoral
69	Considerações Finais
82	Gabarito

## ■ UNIDADE II

### FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA LITURGIA CRISTÃ

85	Introdução
86	As Formas de Adoração e Liturgia no Antigo Testamento
90	As Formas de Adoração e Liturgia no Novo Testamento
94	A Liturgia e Homilética na Igreja Patrística e Reformada
101	A Necessidade de Uma Liturgia Contextualizada
105	A Liturgia e a Articulação da Fé
107	Considerações Finais
114	Gabarito



## ■ UNIDADE III

### LITURGIA E CULTO

117	Introdução
118	Adoração
124	Sacramentos
128	Celebração
132	Diaconia
134	Culto Público e a Missão da Igreja
136	Considerações Finais
144	Gabarito

## ■ UNIDADE IV

### HOMILÉTICA

147	Introdução
148	Definição da Disciplina de Homilética
151	Comunicação e Expressão
155	Do Texto à Exposição
170	A Vocação do Pregador
174	Fundamentos Para uma Homilética Relevante e Contextualizada
179	Considerações Finais
191	Gabarito



## ■ UNIDADE V

### O SERMÃO

195 Introdução

---

196 Classificação dos Sermões

---

200 Requisitos Fundamentais ao Sermão

---

206 Partes Constitutivas Do Sermão

---

213 Tipos de Cerimônias e Solenidades

---

216 Técnicas de Elaboração de um Sermão

---

227 Considerações Finais

---

235 Gabarito

**236 CONCLUSÃO**





# FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA TEOLOGIA PRÁTICA

UNIDADE

I

## Objetivos de Aprendizagem

- Definir e esclarecer a função e a natureza do ministério pastoral na Grande Comissão.
- Analisar alguns dos principais desafios para o exercício do ministério pastoral na realidade contemporânea.
- Descrever os fundamentos bíblicos e os pressupostos teológicos cristãos para o exercício do ministério pastoral.
- Analisar os fundamentos da liderança espiritual e do discipulado cristão para o exercício do ministério pastoral.
- Analisar as atribuições e qualificações para o exercício do ministério pastoral.

## Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Conceito, sujeito e método
- Análise crítica da realidade pastoral contemporânea
- Principais conceitos teológicos do ministério pastoral
- Perspectiva teológica para uma prática ministerial relevante e contextual
- Atribuições e qualificações para o exercício do ministério pastoral



## INTRODUÇÃO

Olá, aluno(a). Nesta unidade, vamos desenvolver uma visão panorâmica sobre os principais conceitos que envolvem o exercício do ministério pastoral, suas responsabilidades, desafios e exigências. Vamos também observar alguns conceitos bíblicos e teológicos sobre o assunto.

Assim, nesta unidade, trataremos, de forma abrangente, dos principais conceitos bíblicos e teológicos sobre o assunto. Também trataremos de algumas das principais exigências, qualificações e responsabilidades do ministério pastoral. Como veremos, o ministério pastoral é muito maior do que quaisquer dos pastores que o exercem. Estes apenas podem interagir com a responsabilidade que lhes cabe calcados na imensa Graça e Misericórdia daquele que os chamou para essa obra.

No decorrer desta unidade, estaremos nos referindo ao termo “pastor”. Entretanto, deve estar claro que há pessoas que exercem o trabalho de um pastor, mas que não possuem o título ou o reconhecimento de “pastor”. Isto porque o “ser pastor” tem a ver com a função que é exercida. Em alguma medida, todo tipo de liderança na Igreja relaciona-se a exigências e qualificações que são próprias do pastoreio.

Assim, todo o conteúdo que trataremos nesta lição é igualmente importante a todo aquele que exerce liderança, em alguma medida, na Igreja, apesar de estarmos nos referindo especificamente ao ministério pastoral.

Também estamos nos referindo sempre aos termos no gênero masculino cientes de que há muitas pastoras, em diversas denominações evangélicas, e cristãs engajadas no trabalho de edificação do Reino de Deus neste mundo. A opção é mera praticidade de expressão, cabendo aqui as explicações e o devido reconhecimento ao que Deus está fazendo por meio de suas filhas, ao longo da História do Cristianismo.

Vamos começar com uma fundamentação teórica para o exercício do ministério pastoral, que pode ser aproveitado a partir da área da Teologia que chamamos de Teologia Prática.

## CONCEITO, SUJEITO E MÉTODO

Podemos entender como Teologia Prática aquela área do saber teológico que se ocupa em relacionar as construções doutrinárias e dogmáticas da fé cristã com a realidade da Igreja e do Mundo que a cerca. Por isso, “[...] fazer teologia prática é refletir criticamente sobre a teologia que praticamos em nosso contexto” (ZABATIERO, 2005, p. 15). Apenas de forma ilustrativa, a Teologia Prática poderia ser compreendida como “uma espécie de ponte”. De um lado desta ponte estão as “articulações intelectuais” que explicam e fundamentam a fé cristã. Do outro, estão a experiência cristã vivida dentro e fora das comunidades de fé, à luz dos desafios e demandas da sociedade em geral, onde essas comunidades de fé estão inseridas. Assim, Zabatiero (2005) propõe que:

[...] toda pessoa que serve a Deus liderando a igreja através de ministérios “ordenados” (ou, se não “ordenados”, reconhecidos e estruturados nas instituições eclesásticas), se considere, mais que ministra ou ministro, *teóloga prática* e *teólogo prático*. [...] Teologia prática nasce da prática da teologia. E esta indica, aqui, todo e qualquer serviço que, como líderes do povo de Deus, realizamos para a glória de Deus, a expansão do Reino, o crescimento da igreja e a edificação do Corpo de Cristo (ZABATIERO, 2005, p. 14).

A Teologia Prática poderia ser vista como uma aplicação do saber teológico à realidade das pessoas, mas também pode ser vista como uma fonte que traz para o saber teológico essa mesma realidade, exigindo a articulação de respostas e de reflexões que atendam e fundamentem a experiência de fé. Isto porque a Teologia Prática leva para o labor teológico os desafios da realidade em que a Igreja está inserida, ao mesmo tempo em que leva para as pessoas os fundamentos para a sua conduta, no contexto em que estão inseridas. A Teologia Prática ainda é “teologia”, mas é “prática”. Ocupa-se do que está acontecendo dentro de uma realidade de vida, mas também se ocupa dos fundamentos doutrinários dessa vivência prática. Teologia Prática é a teologia sendo praticada e a prática sendo teologizada.

Zabatiero (2005, p. 21) identifica que, no segmento da fé cristã Protestante, a Teologia tem sido comumente dividida em quatro grandes áreas: Teologia Sistemática, Teologia Histórica, Teologia Bíblica e Teologia Prática. De acordo com o autor, “[...] apenas na segunda metade do século XX, a teologia prática



passa a disputar espaço com as demais disciplinas teológicas e a se constituir autonomamente, desenvolvendo metodologia e objetivos específicos.” O referencial principal para a relevância da Teologia Prática não é o mundo em que a fé cristã está inserida, assim como também não é a Igreja com seus desafios ou demandas. Também não são as elaborações intelectuais a respeito dos credos, doutrinas ou dogmas, apesar de serem estes as assim chamadas matérias-primas para o trabalho e a relevância da Teologia Prática. É preciso lembrar que a Teologia Prática é antes de tudo cristã. Por isso, o seu referencial principal é Cristo. Isso implica que a Teologia Prática deve exercer um caráter crítico e ao mesmo tempo construtivo. Crítico porque precisa conseguir avaliar a prática das comunidades de fé e dos indivíduos, as doutrinas aplicadas a estes e por estes; e também avaliar o mundo que os circunda à luz da própria realidade de Cristo. Construtivo porque precisa nortear as ações ministeriais em cumprir com os propósitos de Cristo, em Cristo e por Cristo. Nas palavras de Zabatiero (2005, p. 30):

Por ser cristã, a teologia é discurso cujo paradigma da ação não se encontra na Igreja, mas em Jesus Cristo, Alfa e Ômega de toda a criação. Sua presença ativa no mundo é articulada e configurada pelo Espírito Santo que a tudo e a todos permeia como luz e vida e que energiza a comunidade cristã para ser agente histórico da vontade divina. A teologia, nesse sentido, visa a construir um saber discursivo que nos permita seguir a Jesus, imitá-lo e caminhar em seus passos (Mc 1.16-17; 1Pe 2.21; Ef 5.1-2). [...] Nas palavras de Jesus, a teologia prática deve ser sal da terra e luz do mundo, e para sê-lo precisa dialogar, estar na terra e no mundo, mas sem ser do mundo (Jo 17.11-18). Sendo discurso sobre a ação cristã no mundo presente, é contextual, articulada a partir dos limites e das possibilidades da ação no tempo e no espaço específicos da comunidade cristã que a realiza.

O ministério pastoral, portanto, em seu treinamento teológico, torna-se o pivô fundamental dessa dinâmica de funcionamento da Teologia Prática. É por meio dos líderes das comunidades de fé e pela natureza de suas funções que a Teologia Prática acontece, formando condutas e comportamentos e edificando a experiência espiritual em Cristo por meio da fundamentação teológica da fé bíblica cristã. A responsabilidade desse agente, portanto, é enorme e de fundamental importância, isto porque o exercício do ministério pastoral precisa ser pautado na clareza dessa responsabilidade e de suas implicações.



A estrutura eclesiástica, as convenções e denominações, as iniciativas ministeriais, as programações, os eventos, as reuniões de planejamento, os cultos, a elaboração da fé em conceitos teológicos, os próprios cursos de Teologia, os treinamentos de liderança, as estratégias de discipulado, tudo isso, e ainda muito mais, tem, na verdade, um fundamento e uma razão de ser: a Grande Comissão, a qual é o cerne da Missão que Jesus deixou para os seus discípulos. A razão de ser da Igreja, do ponto de vista de sua missão, e a razão de ser de toda a Teologia gira em torno desse pilar central, registrado em Mateus 28.18-20:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (MATEUS 28.18-20, NVI).

Poderíamos dizer que o “teólogo prático” é aquele que está exercendo o ministério pastoral junto a uma comunidade, que tem como responsabilidade e desafio relacionar o saber teológico com a vida, e a vida com o saber teológico. Ele próprio é, portanto, um agente formador e articulador no labor teológico, à luz de suas funções como um agente transformador de realidades humanas. Esse “teólogo prático”, esse pastor, está trabalhando para cumprir pessoalmente a Grande Comissão, enquanto, ao mesmo tempo, está liderando e influenciando seu rebanho para que este também esteja cumprindo, individual e pessoalmente, essa mesma Grande Comissão. Esse “teólogo prático”, esse exercício ministerial pastoral, teologicamente dirigido, é fundamental para que a linha-mestra da Grande Comissão não seja perdida, confundida ou desorientada. A razão de ser do saber teológico, de um lado, como a razão de ser da prática eclesiástica, tem como fundamento primário a Grande Comissão. Ser um “teólogo prático” é ser um agente que, orientado pela Grande Comissão, articula um saber teológico para uma comunidade de fé e, ao mesmo tempo, reflete teologicamente sobre as demandas da vivência dessa comunidade de fé, dentro de seu contexto.

## ANÁLISE CRÍTICA DA REALIDADE PASTORAL CONTEMPORÂNEA

Há inúmeros desafios com os quais o ministério pastoral lida. Desafios absolutamente inerentes à própria essência do ministério, em sua interação com realidades espirituais. Alguns desafios são advindos realidade social em que as igrejas estão inseridas. As comunidades de fé onde o ministério pastoral é exercido não estão (e nem poderiam estar) isentas do mundo que as cerca. A mentalidade e a cosmovisão de nossa sociedade, de uma forma ou de outra, também estão representadas nas comunidades de fé. Outros desafios referem-se ao modo como o ministério pastoral tem sido visto e praticado, criando desafios de credibilidade, mas também relevância.

Dentre os muitos desafios importantes que poderiam ser observados aqui, vamos nos deter em apenas quatro deles: a crise da Verdade e o Pluralismo; a fé como objeto de consumo; o profissionalismo do ministério pastoral; e as prioridades invertidas no exercício do pastorado. Todos desafios bastante presentes e significativos.

### A CRISE DA VERDADE E O PLURALISMO

Stanley Grenz (2008) explica que vivemos num mundo de mentalidade pós-moderna. A Era Moderna deu lugar a uma Era Pós-Moderna, sendo que essa Era Pós-Moderna também é chamada por alguns de “Modernidade tardia”. Na Era Moderna, imperava a razão como meio para se conhecer a Verdade, para se diferenciar “o certo” do “errado”. Essa foi a característica marcante das gerações passadas, desde o declínio da Era Medieval. A atual geração não acredita haver uma Verdade Absoluta que possa ser conhecida, e vê a questão do “certo” e do “errado” como questões de preferências pessoais.



©shutterstock

Considerado um importante pensador da atualidade, Zygmunt Bauman cunhou o termo “mundo líquido moderno” para referir-se a essa característica de nossa sociedade. Um tipo de mentalidade sem valores ou bases muito concretas. Grenz (2008) explica como tudo é muito relativo e subjetivo, quando o assunto é valores de “certo” e “errado”. Isto porque o mundo de nossos dias é radicalmente diferente do mundo de uma ou duas gerações passadas. Os valores e a forma de se enxergar a realidade é completamente outra.

O alvorecer desta pós-modernidade trouxe consigo o que alguns têm chamado de “uma crise da verdade”, delineada pelo pluralismo e pelo relativismo. Por relativismo, podemos entender a característica deste “[...] pensamento pós-moderno [que] rejeita [...] que existam verdades absolutas e fixas. Toda verdade é relativa e depende do contexto social e cultural onde as pessoas vivem” (LOPES, 2007, p. 197). De acordo com Lopes (2007, p. 198), a pós-modernidade rejeita o ideal moderno de que a verdade pode ser alcançada através da análise racional, abandonando “[...] a busca de verdades absolutas e fixas, que caracterizou o período anterior, rejeitando igualmente o conceito de dogmas e definições exatas”.

A implicação dessa realidade é o estabelecimento de uma pluralidade e relativização da verdade. Na perspectiva pós-moderna, “[...] a realidade está na mente daquele que contempla”, e, portanto, não se deve julgar “[...] coisas em outra cultura ou na vida de outra pessoa”, uma vez que as realidades são diferentes (COUCH, 2009, p. 37).

Na mentalidade do mundo em que vivemos, em linhas gerais, como característica cultural de nossa sociedade, não existe a preocupação em provar que alguns estão certos e outros errados. As crenças são, “[...] em última análise, uma questão de contexto social e, portanto, é bem provável que cheguem à conclusão de que ‘o que é certo para nós talvez não o seja para você’ e ‘o que está errado em nosso contexto talvez seja aceitável ou até mesmo preferível no seu’” (GRENZ, 2008, p. 30).

Essa assim chamada “crise da verdade”, presente na mentalidade do mundo em que vivemos hoje, estabelece novos e grandes desafios para a fé cristã.

Pluralismo – para a maioria dos líderes conservadores e cristãos evangélicos é uma ameaça à integridade bíblica; para teólogos liberais e alguns evangélicos é um conceito que promete esperança e união em um mundo que precisa de paz. Para alguns, significa compromisso; para outros, cooperação. Para uns, é um torturante afastamento da exclusividade teológica rumo à compatibilidade; para outros, é um encorajador afastamento do autoritarismo totalitário rumo à tolerância. Para uns, é corrupção; para outros é compaixão. Para alguns essas linhas são desenhadas claramente na areia; para outros, nenhuma linha parece extrema (COUCH, 2009, p. 477).

Erwin Lutzer (IN COUCH, 2009, p. 461) afirma que um dos sintomas práticos dessa mentalidade na sociedade é a identificação de vizinhos e colegas de trabalho que “[...] normalmente acreditam que não importa o deus ao qual se ora, porque toda divindade é, afinal, a mesma, apenas identificada com um nome diferente”. De acordo esse autor, uma pesquisa norte-americana revelou que “[...] cerca de dois em cada três adultos sustentam que a escolha de uma fé religiosa em detrimento de outra é irrelevante porque todas as religiões ensinam as mesmas lições básicas sobre a vida” (COUCH, 2009, p. 460-461). É bastante possível que nossa sociedade brasileira não esteja muito distante dessa realidade, como a experiência parece indicar.

Grenz (2008, p. 234) argumenta que o efeito do relativismo para a fé é que este torna “[...] todas as interpretações humanas – inclusive a cosmovisão cristã – igualmente válidas porque todas são igualmente inválidas.”

Esta é uma descrição do mundo no qual o ministério pastoral e a própria Igreja estão inseridos. Há, portanto, novos, renovados e profundos desafios perante o exercício do ministério pastoral em nossos dias. Em gerações passadas,

os pastores ministravam a pessoas que já partiam do pressuposto de que existiam coisas “corretas” e coisas “erradas”; de que havia uma Verdade absoluta que podia ser conhecida. A atual geração, por sua vez, não está interessada em saber se há uma Verdade absoluta e se ela pode ser conhecida, pois customizou a Verdade de acordo com critérios subjetivos. A geração passada poderia não concordar com a fé professada nas igrejas cristãs, mas sentia-se na responsabilidade de se defender. Os indivíduos tinham que alegar quais eram suas bases para um não comprometimento com a fé, geralmente, apelando para um “cientificismo artificial”. Já a atual geração simplesmente não se importa e banaliza essa necessidade.

Como ministros do Evangelho de Jesus Cristo, que não mudou ao longo desses milênios, o desafio posto é o de comunicar as mesmas verdades de sempre, a mesma Palavra de sempre, de modo que alcance essa geração que não se importa. Corre-se o risco de que a Igreja cristã e seus ministros estejam ainda respondendo perguntas que as pessoas não estão mais fazendo. Perguntas estas que eram feitas nas gerações passadas, mas que a atual geração não está mais fazendo. É tremendamente importante discernir os tempos.

Stanley Grenz (2008) sugere um caminho de relevância para que a atual geração seja alcançada com os mesmos valores do Reino de Deus, de sempre. Esse caminho não é mais do convencimento argumentativo, racionalizado, apologético. Trata-se de um caminho que poderíamos chamar de “Evangelho encarnado na vida”:

Os membros da nova geração, geralmente não se impressionam com nossas apresentações verbais do evangelho. O que desejam ver são pessoas que vivenciam o evangelho em relacionamentos integrais, autênticos e terapêuticos. Centrando-se no exemplo de Jesus e dos apóstolos, o evangelho cristão da era pós-moderna convidará outras pessoas a participarem da comunidade daqueles cujo alvo de lealdade maior é o Deus revelado em Cristo. Os participantes dessa comunidade procurarão atrair outros a Cristo incorporando o evangelho à comunhão de que partilham (GRENZ, 2008, p. 240).

Trata-se da sugestão de se constituir, nas igrejas locais, comunidades de vida nas quais o Evangelho e o seu poder aconteça na prática, no dia a dia das pessoas. A presente geração não se importa com verdades absolutas, mas se importa com o senso de comunidade, de pertença, de envolvimento numa causa maior que

valha a pena para a sociedade em geral, para os necessitados, para o bem-estar da vida humana. Em outras palavras, comunidades em que o Reino, que já chegou (na dimensão do Já/Ainda não) é real, visível e passível de engajamento.

SAIBA MAIS



A mensagem primordial do próprio Jesus era de um Reino inaugurado, um Reino que já tinha começado em sua vida e seu ministério, mas que aguardava a consumação no futuro. [...] Às vezes, Paulo fala do Reino de Deus como se ele fosse uma realidade presente, possível de ser experimentada pelos fiéis cristãos. [...] Outras vezes, Paulo fala do Reino de Deus como se ele fosse uma esperança futura, algo que os fiéis cristãos ainda tinham de aguardar. [...] o Reino de Deus é descrito em termos de ser a justificação divina futura para os que suportam o sofrimento pela fé.

Além disso, em harmonia com a dimensão futura do Reino de Deus, Paulo fala frequentemente dele como algo que os fiéis herdarão, se demonstrarem o caráter necessário (1Co 6.9-10; 15.50; Gl 5.21). A linguagem de herança futura também se encontra em Colossenses 3.24 (cf. Cl 1.2). Uma declaração semelhante a respeito de herança é feita em Efésios 5.5 [...].

Fonte: Kreitzer, L. J. (2008, p. 1054).

## A FÉ PARA CONSUMIDORES

Vivemos numa sociedade Capitalista, numa sociedade de consumo. A lógica do trabalho e da produção de riquezas está pautada na questão do consumo, o qual, falando de forma grosseira e superficial, faz com que seja girada a “roda da produção”, dentro do sistema capitalista. Por essa razão, somos bombardeados com estratégias de propaganda e apelos dos mais diversos, com a finalidade de que o consumo aconteça. Tais estratégias consistem, até mesmo, em se criar dentro das pessoas necessidades que possam ser atendidas por meio do consumo. Necessidades estas que podem ser reais ou forjadas pelas estratégias de consumo.

Toda a sistemática de funcionamento do sistema Capitalista, em sua cadeia de produção e de geração de riquezas, de trabalho, de extração mineral ou vegetal,

está, em última instância, atrelada à questão do consumo. A produção e a venda de produtos dependem do consumo, e o consumo depende do sujeito, cliente, consumidor. Essa realidade faz com que as pessoas, de forma geral, conscientes ou não, acabem desenvolvendo uma mentalidade de “clientes perante a vida”. Como tal, sentem-se com o potencial de escolha entre diversas opções e asseidiadas por estas.

A lógica do consumo começa, então, a formar a perspectiva pela qual as pessoas conseguem enxergar a vida. A perspectiva da lógica do consumo passa, por sua vez, a se fazer presente na maneira como as pessoas veem a si mesmas (talvez, como um produto “a ser consumido”) e como veem as demais pessoas e os relacionamentos interpessoais (talvez, como produtos a serem consumidos, que possam ser desejados, usados ou descartados).

Uma tese desenvolvida pelo sociólogo de origem polonesa Zygmunt Bauman (em “44 cartas do mundo líquido moderno”) é a de que a pessoa nesta sociedade de consumo acaba se sentindo apenas um alguém insignificante em meio a uma multidão de opções, de vozes, de apelos, de estilos etc. Sua identidade e seu senso de valor pessoal acabam sendo diluídos em meio a inúmeros apelos, conceitos, opções, etc. O ato de consumir, de acordo com o pensador, torna-se, então, o principal e mais prático meio pelo qual essa pessoa diluída sente-se um sujeito. Um ser com valor pessoal e apreço (próprio e também daqueles que o cercam). O ato de consumir confere “esse poder” de sentir-se um alguém. As pessoas, então, acabam se sentindo “clientes perante a vida”, porque estão sendo formadas pela lógica do consumo capitalista.

Um desafio para o exercício do ministério pastoral é ministrar o Evangelho do Senhor Jesus Cristo a uma sociedade que se sente “cliente perante a vida”. Esta é a mentalidade dos nossos dias e que influencia tanto os que estão fora das igrejas quanto os que estão dentro delas. Os que estão fora avaliam a fé e a Igreja na perspectiva de quais interesses pessoais poderiam ser supridos por um envolvimento religioso. Os que estão nas igrejas avaliam se aquela comunidade, aquele pastor ou aquela programação, por exemplo, estão compatíveis com suas necessidades e expectativas pessoais. Ao sentir-se “desagradoado” ou “não devidamente atendido” ou talvez “contrariado”, seja pelas programações voltadas para a família, seja pelas pregações, seja pelos eventos, seja pela qualidade



da música, seja pelo que for, poder-se-ia considerar algum outro “fornecedor religioso” para envolvimento. É possível que haja, na mente de alguns pastores, estratégias para “fidelização” de seus membros. Assim, toda a teoria acerca de estratégias de crescimento de igrejas poderia, talvez, ser identificada com algum aspecto dessa mentalidade de consumo.

É certo que essas considerações, talvez, não representem a plena realidade da vida na Igreja. É possível que fatores mais espirituais e dignos da causa de Cristo estejam interagindo em função de formar discípulos de Jesus no cumprimento da Grande Comissão, mas é importante avaliarmos que este é um dos desafios do ministério pastoral em nossos dias.

Perante esses desafios, alguns ministros, voluntariamente ou não, conscientemente ou não, têm conseguido usar exatamente essa lógica de consumo para conseguir atrair pessoas e evangelizá-las. Outros, talvez, nesse caminho de tentativa, expõem-se ao risco de se fazerem “celebridades” religiosas e de construir igrejas a partir das necessidades das pessoas, em vez de a partir das necessidades de Deus para as pessoas, fundamentadas na Bíblia.

## PROFISSIONALISMO

A profissionalização do ministério pastoral também é um grande desafio a ser enfrentado em nossos dias. Nossa época de acesso fácil à informação, de cursos de capacitação, de disseminação do conhecimento, de despertar do senso crítico, de fácil acesso aos cursos universitários, querendo ou não, impõe exigências e expectativas ao pastor. Além disso, questões envolvendo a lógica de consumo também criam alguma necessidade de ação por parte dos ministros.

Um resultado possível é o surgimento de pastores que sejam “profissionais da fé”, gerentes, administradores, comunicadores, empreendedores (e até mesmo *popstars*). São perfis desejáveis para atender aos consumidores clientes da fé, em potencial. Tudo bem, poderíamos condescender, mas desde que a essência do que significa ser um pastor não seja (ou não fosse!) perdida, em meio a essas exigências e expectativas. Nas palavras de Edson Pereira Lopes:

Muitos pastores tentam submeter as Escrituras aos seus próprios exames, entretanto, elas é que devem colocar à prova o trabalho pastoral, mediante o exame de nossas concepções ministeriais, porque são as Escrituras que norteiam todo o ofício e o papel do pastor. Quando nos esquecemos desse princípio fundamental, permitimos o surgimento de líderes que se autodenominam “pastores”, mas se enquadram mais no perfil de empresários, artistas, psicólogos, filósofos ou advogados, por enfatizarem coisas terrenas e a busca pelo poder, deixando de lado o princípio bíblico e a vida com Deus – o único meio para alcançar o cerne do verdadeiro cristianismo (LOPES, 2011, p. 15-16).

John MacArthur Jr., num texto importantíssimo a respeito do ministério pastoral, intitulado “Redescobrimo o Ministério Pastoral”, explica de que forma essa tendência ao profissionalismo pode ferir a essência do exercício da liderança espiritual na Igreja. Para ele, o pastor deve ser um modelo, com sua própria vida, para que seu rebanho aprenda a viver dentro da vontade de Deus. Este é o significado da liderança que o pastor deve exercer. O autor, no contexto de sua explanação, refere-se, nas palavras abaixo, a qualquer tipo de liderança na Igreja, incluindo, especialmente, a liderança no exercício do ministério pastoral:

Alguns líderes contemporâneos da igreja imaginam que são empresários, profissionais de mídia, artistas, psicólogos, filósofos ou advogados. Essas noções contrastam de modo marcante com o teor do simbolismo que as Escrituras empregam para descrever os líderes espirituais. [...] A liderança na igreja [...] não é um status que possa ser conferido à aristocracia da igreja. Não é conquistada por tempo de serviço, adquirida por dinheiro, nem herdada por laços familiares. Não recai necessariamente sobre os que têm sucesso nos negócios ou nas finanças. Não é distribuída em função de inteligência ou talento. Suas exigências são: caráter irrepreensível, maturidade espiritual e, acima de tudo, disposição para servir com humildade. [...] Dentro do plano que Deus ordenou à igreja, a liderança é uma posição de serviço humilde, feito com amor. A liderança da igreja é um ministério, não uma gerência. O chamado daqueles a quem Deus designa como líderes não é para posição de reis, mas de humildes escravos; não de celebridades refinadas, mas de servos trabalhadores. Os que forem liderar o povo de Deus devem, acima de tudo, ser um exemplo de sacrifício, devoção, submissão e humildade (MACARTHUR, 1998, p. 14-15).

Para ensinar os seus discípulos, Jesus comumente usava ilustrações e metáforas, pois este é um meio de comunicar conceitos e valores espirituais aos seus ouvintes de forma muito efetiva. No Evangelho de João, encontramos um desses

ensinos, no qual Jesus faz uso do trabalho de um pastor de ovelhas para ensinar a respeito de seu ministério terreno. Essa ilustração é tremendamente propícia para desenvolvermos uma perspectiva crítica sobre a possível “profissionalização” em meio ao ministério pastoral em nossas igrejas.

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O assalariado não é o pastor a quem as ovelhas pertencem. Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa. Ele foge porque é assalariado e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas; e elas me conhecem; assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. (JOÃO 10.11-15, NVI).



©shutterstock

Observe que Jesus contrasta aqui dois tipos de pastores: um verdadeiro pastor e outro tipo de pastor, chamado por ele de mercenário. A palavra “mercenário” sugere alguém que trabalha por causa do dinheiro, e não por estar com o seu coração envolvido em uma causa. Essa ilustração pode nos ser útil ao refletirmos sobre o perigo da “profissionalização” no trabalho pastoral. É possível que outros elementos (que não o amor às ovelhas e o coração na causa de Cristo) possam interagir, produzindo “ministérios e ministros profissionais”, os quais são chamados de pastores, mas que, como nos alerta Edson Pereira Lopes, na verdade, não o são:



As Escrituras nos ensinam que muitos se denominam pastores, mas não o são de verdade. Em vez disso, podem ser enquadrados no texto de João 10:12: “Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa”. Também são retratados em Isaías 56:11: “São cães devoradores, insaciáveis. São pastores sem entendimento; todos seguem seu próprio caminho, cada um procura vantagem própria”. [...] Como esse comportamento é habitual na vida de muitos pastores, eles têm substituído a Bíblia por técnicas litúrgicas motivacionais para “encherem” suas igrejas. Alguns se veem como artistas, profissionais de mídia, empresários, psicólogos, advogados e intelectuais, do que resulta um ministério caracterizado pela busca de evidência e posição social, dentro e fora da igreja. [...] Em consequência dessa substituição, valores não cristãos são verificados dia a dia nas igrejas e na vida dos cristãos, de maneira que, em vez de procurar servir uns aos outros, muitos buscam o sucesso. O elitismo, oposto à comunhão cristã, tem reinado entre nós. A política que contradiz a Palavra de Deus tem sido, a cada ano, mais evidente entre os evangélicos. No lugar do altruísmo, vemos divisão, competição, busca de riquezas e avaria, opostas ao ensino de Cristo, que é: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus” (Mt 6:33). Esse desagradável quadro do cristianismo também é fruto da omissão do ministério pastoral, considerando que, dentre suas funções, é incumbência do pastor “viver” a verdadeira vida com Deus, por meio das Escrituras Sagradas, e “ensinar” isso à igreja de Jesus. Mas, em muitas situações, o ensino das Escrituras tem sido deixado de lado, porque muitos pastores já não têm a Palavra de Deus como centro de suas vidas e de seu ministério. (LOPES, 2011, p. 16-50).

A “profissionalização” do ministério pastoral é um risco surgido a partir das próprias demandas e exigências do ministério pastoral, inserido no contexto social e cultural em que estamos. É muito importante que aprendamos a avaliar essa questão criticamente, pois é possível que a essência do que significa ser um pastor ou um líder espiritual possa ser perdida (ou confundida) em meio ao esforço de exercer um ministério que seja relevante para a Igreja e para a sociedade atual; esforço legítimo de desenvolver um ministério “bem-sucedido para” Deus.

## PRIORIDADES INVERTIDAS

O legítimo desejo de servir a Deus no ministério pastoral, com eficiência e dedicação, pode levar algumas pessoas a sérios problemas pessoais, emocionais e até mesmo espirituais. Isto porque as necessidades dos indivíduos sempre serão muitas e diversas e, ao buscar atendê-las eficientemente, para que Deus seja glorificado na vida delas, o líder espiritual pode acabar se perdendo. Há prioridades que devem ser respeitadas no exercício do ministério pastoral. Assim, a negligência, o desrespeito, alguma soberba ou autossuficiência em relação a essas prioridades poderá conduzir o ministro “bem-intencionado” à desqualificação para o exercício do ministério pastoral.

Manter as prioridades em sua devida ordem é um dos maiores desafios que o pastor enfrenta. As muitas preocupações do pastorado constantemente pressionam os ministros a comprometer a oração, a vida devocional, a família e, às vezes, até o padrão moral exigido pela Palavra de Deus (CARLSON et al., 2005, p. 17).

As prioridades do líder espiritual podem ser agrupadas em três grupos, conforme Thomas E. Trask: 1) Seu relacionamento com o Senhor; 2) Sua esposa e filhos; e 3) Seu ministério e trabalho. Sobre a prioridade número um, Hernandes Dias Lopes afirma que:

O pastor deve ser primeiramente um homem de oração e jejum. O relacionamento do pastor com Deus é a insígnia e a credencial do seu ministério público. “Os pregadores que prevalecem com Deus na vida pessoal de oração são os mais eficazes em seus púlpitos quando falam aos homens”. A oração precisa ser prioridade tanto na vida do pastor como na agenda da igreja. Mede-se a profundidade de um ministério não pelo sucesso diante dos homens, mas pela intimidade com Deus. Mede-se a grandeza de uma igreja não pela beleza de seu edifício ou pela pujança de seu orçamento, mas pelo seu poder espiritual, através da oração. [...] Infelizmente, muitos pastores e igrejas abandonaram o alto privilégio de uma vida abundante de oração. Hoje, nós gastamos mais tempo com reuniões de planejamento do que em reuniões de oração. Dependemos mais dos recursos dos homens do que dos recursos de Deus (LOPES, 2008, p. 71).

Parece que um desafio ao que ministra outros é ser ministrado. Especialmente referindo-se ao pastor, que costuma preparar sermões, sua vida pessoal de leitura



e meditação bíblica pode ser afetada pela responsabilidade da pregação pública no culto. É possível que alguns pastores tenham dificuldade de não pensar em como pregar um texto bíblico em que estejam lendo ou meditando. Isso é um perigo. O perigo de se fazer do envolvimento com a Bíblia um recurso para o trabalho pastoral. Novamente, o perigo de se tornar um “profissional da fé”, mero exercício religioso, em vez de fruto de um coração apaixonado e em sintonia com Deus.

O pastor, como aquele que se espera que ministre os outros, deve em primeiro lugar e antes de tudo ser ministrado por Deus. A vida devocional particular do ministro, o tempo gasto com Deus, determinará a verdadeira altura e profundidade de seu ministério (CARLSON et al., 2005, p. 28).

Leslie E. Welk também contribui com as seguintes palavras:

Uma vida devocional disciplinada é assunto inteiramente pessoal, e não ousamos relegá-lo a uma exigência profissional rotineira. Antes de sermos pastores, somos filhos de Deus, individualmente responsáveis e necessitados do alimento espiritual diário. Como pastores, logo perceberemos que alimentar o rebanho de Deus requer que primeiro sejamos estudantes diligentes da Palavra. Mesmo assim, uma das maiores armadilhas para o obreiro cristão de tempo integral é permitir que o período dedicado ao estudo pessoal substitua o período devocional particular. Fazê-lo pode ser comparado a passar a semana inteira preparando um banquete para convidados, sem ter tempo de se sentar para comer. (CARLSON et al., 2005, p. 29).

A questão da prioridade à família é decisiva para que o ministério pastoral não seja desqualificado. A primeira Igreja do pastor é seu próprio lar. Depois da comunhão pessoal com Deus, por meio de uma vida devocional frutífera e abençoada, a família é o segundo campo para dedicar atenção. “Ao ministrar para a família, o pastor está ministrando à igreja, e, ao ministrar para a igreja, está ministrando à família, pois um lar cristão bem-sucedido é o maior respaldo da igreja local” (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 154). O relacionamento familiar credencia o pastor para ministrar na Igreja, na condição de um modelo a ser imitado. Sua vida familiar lhe confere autoridade, isto porque:

Se você quiser saber se um homem vive uma vida exemplar, se ele é coerente, se pode ensinar, exemplificar a verdade, conduzir as pessoas à salvação, à santidade e ao serviço de Deus, então observe os rela-

cionamentos mais íntimos de sua vida e veja se ele consegue cumprir essas coisas. Observe sua família e você vai encontrar as pessoas que o conhecem melhor e o sondam mais de perto. Pergunte-lhes o tipo de homem que é. Há muitos homens que trabalham duro. Alguns também conseguem administrar bem a casa, mas não levam os filhos a Cristo e a uma vida de piedade. Esses homens não são candidatos potenciais a pastor. Visto que a liderança pastoral é um processo de paternidade em que o pastor ou presbítero deve ser capaz de liderar seu povo tanto por meio de sua vida como por seus preceitos, a igreja precisa de alguma pista de provas com a qual possa verificar se aquele tipo de liderança já é visível em sua vida. Essa pista é o lar. (MACARTHUR, 1998, p.113-114).

O pastor corre o risco de “[...] dar atenção a todos os que o procuram e não dar atenção à própria família. [...] O primeiro e mais importante rebanho de um pastor é sua própria família” (LOPES, 2008, p. 28-29). Para Raymond T. Brock não há uma pregação do Evangelho tão poderosa quanto a própria vida familiar do pastor. O autor destaca ainda a importância e a profundidade de significado do casamento saudável do pastor da seguinte forma:

Há muitas maneiras de ministrar a uma congregação e comunidade. Nenhuma, entretanto, é mais eficaz do que o relacionamento conjugal do pastor, o qual exemplifica ao mundo o relacionamento místico entre Cristo e a Igreja (Ef 5.29-33). Paulo apresenta a ordem divina dos relacionamentos no casamento cristão. Em Efésios 5.21, é ordenado ao marido e à mulher que sejam mutuamente submissos um ao outro. No restante do capítulo, o esposo é exortado a devotar amor a sua esposa, e ela deve submeter-se voluntariamente ao seu amor. O marido cristão (pastor ou leigo) deve amar sua esposa tanto quanto Cristo amou a Igreja, oferecendo-lhe sua última gota de sangue e a última explosão de energia, se necessário. Ele deve dar a ela todos os privilégios (materiais e temporais) que toma para si (Ef 5.23-29). (CARLSON et al., 2005, p. 38).

Dois textos bíblicos apresentam a questão do cuidado com a família como requisitos básicos para o ministério pastoral. São eles 1Timóteo 3.4-5 e Tito 1.6. Sobre esses dois textos Richard L. Mayhue resume:

1. Ele deve ser marido de uma só esposa, isto é, totalmente devotado, não pôr os olhos em outras mulheres nem se afeiçoar a elas (1Tm 3.2; Tt 1.6). Ele deve demonstrar o mesmo nível de amor que Cristo revela por sua noiva, a Igreja, em seu amor firme e inabalável. 2. Ele deve liderar sua família (1Tm 3.4), não podendo delegar a responsabilidade

final da direção de seu lar, nem deixar de dar prioridade a este governo. Assim, não basta que simplesmente lidere, mas que a qualidade de sua liderança em casa seja excelente. 3. Os filhos devem viver em harmonia na casa pastoral, tendo o pai como exemplo e instrutor (1Tm 3.4; Tt 1.6). Isso não significa que os filhos de pastor não tenham problemas. Entretanto, significa que o padrão geral de comportamento deles não deve ser um embaraço para a igreja, uma pedra de tropeço para o ministério de seus pais, nem um padrão contraditório em relação à fé cristã (MAcARTHUR, 1998, p. 177-178).

Depois da prioridade da comunhão com Deus e da prioridade da vida familiar, a terceira prioridade do pastor é o seu ministério e trabalho na Igreja em si. Tem a ver em como o pastor usa o seu tempo com as atividades que estejam relacionadas com o exercício do seu ministério. Erwin Lutzer explica que é muito relativa a questão da organização do tempo, dentro desta prioridade terceira, porque dependerá de cada caso.

Cada pastor deve determinar suas tarefas específicas. Não existe uma resposta simples à pergunta: 'Quanto tempo devemos gastar por semana aconselhando ou fazendo visitas?'. Tal questão será determinada por nossos dons, pelo tamanho da igreja e pelas expectativas da congregação (LUTZER, 2000, p. 130).

Ainda assim, o pastor faz uma sugestão de princípios que devem nortear as decisões que ele próprio deverá tomar no seu dia a dia, no que se refere à organização de seu tempo. O uso desses princípios ajudará o exercício do ministério pastoral no sentido de não inverter ou confundir-se em suas prioridades. De acordo um excerto de Lutzer (2000, p. 131-135), apresentado na sequência, esses princípios são:

- **Orar é mais importante que pregar:**

Não quero dizer que devemos dedicar mais tempo orando que estudando – embora possa haver épocas em que isto tenha utilidade. Quero dizer que devemos separar nosso tempo de oração com mais firmeza do que o tempo de estudo. Quando formos obrigados a escolher entre ambos, a oração deve vir primeiro. [...] Apesar de todo pregador precisar gastar um bom tempo preparando a mente para a pregação, os grandes homens do passado muitas vezes gastavam a mesma quantidade de tempo em oração, preparando a alma. A oração, como dizem, não é a preparação para o trabalho – ela é o trabalho.



▪ **Pregar é mais importante que administrar:**

As reuniões de comissões são necessárias. Ainda mais importante é a visão e a habilidade de fazer a congregação caminhar para alvos estabelecidos. Nos momentos cruciais de decisão, porém, é o ministério da Palavra que causa o maior impacto. Geralmente uma igreja pode sobreviver com uma administração fraca, desde que tenha uma pregação eficaz. Entretanto, não há nada mais patético que as pessoas irem à igreja e voltar para casa sem o alimento espiritual.

▪ **A família é mais importante que a congregação:**

Muitas vezes, o pastor se sente como se tivesse muitos patrões. A tentativa de mantê-los todos satisfeitos leva-o a desconsiderar os sentimentos daqueles a quem mais ama – aqueles a quem, pelo menos por um tempo, deixará de lado.

▪ **Fidelidade é mais importante que competição:**

É fácil desanimar no ministério quando nos comparamos com os outros. Os membros da nossa congregação nos comparam com os pregadores de TV ou com os líderes das super igrejas que já estão construindo o terceiro andar do templo. São muitas as histórias de ministérios bem-sucedidos. Se nos concentrarmos nelas, logo ficaremos insatisfeitos com nosso quinhão na vinha do Senhor. Sabemos que superamos o espírito de comparação quando conseguimos nos alegrar com o sucesso dos mais talentosos que nós. Quando estivermos contentes com nossa pequena parte na obra total de Deus na terra, teremos um senso de satisfação e realização. [...] A fidelidade e não o sucesso como geralmente é definido, é o que o Senhor busca em nós.

▪ **Amor é mais importante que habilidade:**

Obviamente não podemos atuar com eficácia sem os dons que nos qualificam para as exigências do ministério. Devemos conhecer a Palavra e ser capazes de transmiti-la. Temos também de ter habilidades para liderar e trabalhar com as pessoas. Certamente o amor em si não nos qualifica para o pastorado. [Mas] quando tivermos de fazer uma escolha, devemos optar pela capacidade de amar, e não de ministrar. Nem mesmo o melhor estudo bíblico pode transformar vidas se não for filtrado por uma personalidade cheia de amor. Quando pregamos com severidade contra o pecado, raramente motivamos a congregação à piedade. Mas, quando pregamos com quebrantamento e amor, o Espírito Santo derrete os corações mais duros. Sempre devemos repetir: sem amor, nada somos.



No ministério pastoral, inverter as prioridades e perder-se é um risco muito real e muito sério, dadas as demandas do trabalho com as pessoas. Manter-se atento a essa questão é uma responsabilidade que deve ser assumida por cada pastor.

## PRINCIPAIS CONCEITOS TEOLÓGICOS DO MINISTÉRIO PASTORAL

O exercício do ministério pastoral e sua essência devem estar fundamentados na Bíblia, devendo ser também teologicamente organizados e articulados. Vamos tratar de três aspectos que nos darão uma perspectiva bíblica e também teológica do assunto: a) o pastor é alguém escolhido (chamado) por Deus; b) os conceitos bíblicos que fundamentam o exercício do ministério pastoral; e c) o aspecto de honra que o ministério pastoral confere ao chamado.

### O PASTOR É ESCOLHIDO POR DEUS

Podemos afirmar categoricamente, à luz da Grande Comissão, que todo cristão tem um chamado específico de Deus, pois todo cristão é um ministro de Deus neste mundo. Na realidade, o ponto de partida para o engajamento no ministério pastoral é ser salvo, para glorificar a Deus com a vida, como todo cristão. James M. George diz que “[...] a pessoa que deseja identificar seu chamado ao ministério vocacional deve primeiro certificar-se de que é chamada por Cristo” (2Co 13.5). “Não se deve ter a ousadia de cogitar um ministério do Evangelho da Graça ao povo, sem antes experimentar esta graça por meio da fé salvadora em Jesus Cristo” (MAcARTHUR, 1998, p. 125-126).

Todo cristão tem um chamado porque é um salvo, mas nem todo cristão tem um chamado específico para o ministério pastoral. Ser um pastor é uma escolha de Deus, testificada por uma convicção íntima do Espírito santo, testificada

por meio de dons conferidos por Deus e pela comunidade onde a pessoa está inserida. Portanto, uma pessoa não é um pastor simplesmente por decisão própria ou pelo incentivo de outros ou por circunstâncias aparentemente favoráveis. Como diz Hernandez Dias Lopez (2008, p. 36):

O pastor não é um voluntário, mas uma pessoa chamada por Deus. Seu ministério não é procurado, é recebido. Entrar no ministério com outros propósitos ou motivações é um grande perigo. O ministério não é um palco de sucesso, mas uma arena de morte. O ministério não é um camarim onde colocamos máscaras e assumimos um papel diferente daquele que, na realidade, somos, mas é um campo de trabalho cuja essência é a integridade. A vida do ministro é a vida do seu ministério. O pastorado não é uma plataforma de privilégios, mas um campo de serviço; não é uma feira de variedades, mas lugar de trabalho humilde e abnegado.

Um cristão se torna um pastor porque tem um bálsamo de amor em seu coração pela edificação do Reino e pelas ovelhas de Jesus Cristo; porque tem uma atitude interior inabalável de renúncia pessoal e humilde em favor de que o Reino de Deus seja abençoado e edificado por intermédio de sua vida. Essa pessoa possui uma convicção íntima, vinda do Espírito Santo, que Deus a separou e a está separando para o exercício do ministério pastoral. Essa convicção íntima é confirmada pelos cristãos que a cercam, que sentem-se abençoados, fortalecidos e consolados por Deus através da vida dessa pessoa. A essa realidade espiritual costumamos dar o nome de Chamado. É possível tornar-se um pastor sem a convicção íntima de um Chamado de Deus, mas é impossível pastorear sem essa convicção íntima: o ministério pastoral não será abençoador, frutífero e perseverante em toda a plenitude. Erwin Lutzer explica:

Não sei como alguém poderia sobreviver no ministério acreditando ser tudo uma questão de escolha. Alguns ministros raramente experimentam dois dias seguidos de bonança. O que os sustenta é saber que Deus os colocou onde estão. Ministros sem essa convicção com frequência perdem a coragem e andam com a carta de demissão no bolso do paletó. Ao menor sinal de dificuldade, vão embora. Fico irritado com quem prega e ensina sem ter a ideia de ter sido chamado. Quem considera o ministério uma opção entre muitas tende a ter uma visão horizontal. Não tem o senso de comprometimento de Paulo, que disse: “Me é imposta a necessidade de pregar”. Como disse John Jowett: “Quando perdemos a capacidade de valorizar a maravilha da nossa comunhão,

tornamo-nos vendedores comuns, num mercado comum, tagarelando sobre mercadorias comuns.” (LUTZER, 2000, p. 14).

É necessário haver a convicção íntima para que uma pessoa exerça o ministério pastoral, compreendendo que não se trata de uma escolha pessoal sua, mas de uma resposta a uma iniciativa da Graça de Deus sobre sua vida. Pode haver certa confusão e engano na perspectiva de pessoas que anseiam pelo ministério pastoral como forma de *status* ou de supostos privilégios. Ministério pessoal é uma resposta humana a uma iniciativa de Deus, sustentada até o fim pela própria Graça de Deus. A “estranha advertência” de Warren W. Wiersbe e Howard F. Sugden cabe bem neste sentido:

Não se deve abraçar o ministério por se ter fracassado em diversas outras ocupações, ou porque não há mais nada a fazer. Vale a pena repetir o conhecido conselho: Se lhe é possível ficar fora do ministério, faça-o. As pessoas que recebem um chamado de Deus sabem reconhecê-lo. Uma vez que se rendam de coração à vontade de Deus, nada mais as satisfará, a não ser realizá-la (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 12).

O ministro deve lembrar-se de que a Igreja é de Jesus. Ele é o Supremo pastor. Todos os demais pastores são cooperadores dele no cuidado com o seu rebanho. É, portanto, prerrogativa dele escolher sua “equipe de trabalho”.

## FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA O MINISTÉRIO PASTORAL

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, encontramos registros que nos ensinam sobre as responsabilidades e os significados do exercício do ministério pastoral. Edson Lopes (2011, p. 53-57) nos apresenta uma descrição de palavras gregas do Novo Testamento que lançam luz ao trabalho pastoral. Sua tentativa é a de construir uma definição do que significa ser pastor, bem como suas implicações. De acordo com o autor, se essas palavras não forem bem compreendidas, podem causar alguma confusão sobre o significado do ser pastor. Acompanhe um excerto da referida obra do autor, que segue, na íntegra:

- ***Episkopos* (bispo)**

Uma dessas palavras é “bispo” ou “supervisor”, que no grego aparece como

episkopos, significando “direção”, “supervisão” e “vigia”. Da leitura do artigo de Beyer, percebemos claramente que esse termo não foi de uso restrito da Igreja nem dos escritores neotestamentários. Tratava-se de palavra aplicada no grego clássico aos “deuses” que demonstravam proteção e cuidado pelos homens. Nesse mesmo sentido, *episkopos* era empregada a homens que exerciam funções de vigilância e proteção. Por isso, nos séculos IV e V a.C., os funcionários do governo também eram chamados de *episkopoi*. [...] Certamente é no Novo Testamento que nos deparamos com a aplicação de *episkopos* à liderança da Igreja e a Deus, quando o termo é traduzido por “bispo”. Exemplo disso está em Atos 20:28: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a Igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue”. Igualmente, lemos em Filipenses 1:1: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos”. Além dessas passagens, o termo pode ser lido nos escritos paulinos de 1Timóteo 3:2-5 e Tito 1:7. Com referência a Deus, o texto de 1Pedro 2:25 é explícito: “Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas”. Percebemos, à luz desses textos, que o termo, em sua origem, não destacava a pessoa, mas a função de servir o rebanho e cuidar dele, como rebanho de Deus. Além disso, as mesmas exigências aplicavam-se tanto ao “bispo” como ao “presbítero”, como veremos a seguir, demonstrando, assim, que eram termos diferentes, mas com conteúdo sinônimo.

#### ▪ ***Presbyteros* (presbítero)**

Esse termo é traduzido do grego para “presbítero” e “ancião” ou “mais velho”. Ele designava uma pessoa com idade mais avançada em relação ao grupo. Segundo Bornhkamm, o termo *presbys* era, na constituição de Esparta, um título político e designava o presidente de um colégio. Em algumas situações, os *presbyteroi* tinham funções administrativas e judiciárias. Em geral, o escolhido para o exercício do presbiterato era um ancião.

Entretanto, no judaísmo, e posteriormente no cristianismo, “presbítero” passou a ter dois sentidos: o de ancião e o de quem exercia determinado ofício, cabendo-lhe a direção nas reuniões e a representação do povo nos concílios superiores, como lemos em IReis 8:1: “Então o rei Salomão reuniu em Jerusalém as



autoridades de Israel, todos os líderes das tribos e os chefes das famílias israelitas, para levarem de Sião, a Cidade de Davi, a arca da aliança do Senhor”. Paulo, em I Timóteo 5.17, afirma: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino”. [...] Notamos nesse texto que os presbíteros [...] eram dignos de honra e, com isso, considerados autoridades na igreja cristã, como lemos em Atos 15.6: “Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão”.

No mesmo sentido, registra Beyer: “A princípio esses [...] conceitos [...] não designam coisas diferentes, muitos menos coisas contrárias [...] Paulo chama a todos os presbyteroi indistintamente de episkopoi”. Além disso, segundo Coenen, esses dois termos são intercambiáveis, uma vez que ambos cumprem as mesmas exigências pessoais e morais, têm as tarefas especiais de exortar e de refutar os que discordam. Conforme visto, em síntese, todos esses termos têm um conceito central: “[...] a direção vigilante e cheia de cuidado da Igreja [...]”.

#### ▪ **Poimnê (pastor)**

O termo “pastor”, no grego, aparece como *poimên*, e seus derivativos são *poimên* e *poimmion*, cuja tradução é “rebanho”. Além desses, também encontramos *poimanô*, traduzido por “pastorear”, “cuidar”. Outra palavra encontrada no texto bíblico é *archipoimên*, que pode ser traduzida por “sumo pastor”, “pastor principal”. No grego clássico, *poimên* (pastor) era título de honra aplicado a soberanos, líderes, governantes e comandantes dos exércitos gregos. Ao que parece, esse entendimento do termo em análise não se restringiu ao período do grego antigo, mas chegou até o apóstolo Paulo, que emprega palavras denotando o privilégio e a honra dos que exercem o ministério pastoral na Igreja de Cristo, como verificamos no quadro abaixo:

Quadro 1 - Termos Bíblicos Aplicados aos Pastores

ALGUNS TERMOS BÍBLICOS APLICADOS AOS PASTORES	
Termos	Textos Bíblicos
Governante	1Ts 5.12; 1Tm 3.4-5, 5.17
Embaixador	2Co 5.20
Defensor	Fp 1.7
Ministro	1Co 4.1
Exemplo	1Tm 4.12; 1Pe 5.3

Fonte: Lopes (2011, p. 57).

A profissão de pastor não era fácil como se pode pensar. Eles deveriam cuidar incansavelmente dos animais indefesos e sua “[...] devoção ao dever era posta à prova ao montar-se guarda sobre o rebanho, noite após noite, contra as feras e os salteadores”. De dia eram consumidos pelo calor; e à noite, pela geada dos campos palestinos. Hienas, chacais e ursos apareciam com frequência, não sendo incomum a luta entre o pastor e uma fera selvagem. Daí não serem apenas figura de linguagem as palavras de Jesus: “O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (JO 10.11).

Por essa razão, não podiam dormir muito, faziam escalas entre si. Isaías 56.10-11 assinala que os pastores eram considerados atalaias, e a crítica de Deus, por meio do profeta, consistia no fato de que eles eram sonhadores preguiçosos e que gostavam de dormir. Pastores com atitudes incompatíveis à ocupação pastoral são desconsiderados por Deus como tal. Já os pastores compromissados com sua profissão, em vez disso, construíam apriscos com paredes de pedra ou de madeira, com altura suficiente para que animais predadores não pudessem saltá-las e devorar as ovelhas.

Traçando um paralelo entre o ministério pastoral na atualidade e os pastores do período bíblico, percebemos que se tratava de um trabalho árduo, a despeito de muitos pensarem que se tratava de um trabalho fácil, razão pela qual consideravam o pastor desnecessário e dispensável. Assim parece ocorrer na Igreja da atualidade.

Talvez isso justifique o princípio de algumas denominações evangélicas “consagrarem” ou “ordenarem” para o pastorado pessoas sem qualquer preparo

espiritual e acadêmico. Essas denominações atestam que qualquer um pode ser pastor, pois basta ter um pouco de eloquência e ser filho de pastor ou de família influente na denominação. Pode ainda ser uma conquista por tempo de serviços prestados na Igreja, ou alguém de sucesso que possua recursos financeiros.

Biblicamente, como vemos, o termo “pastor” é um referencial metafórico para uma realidade espiritual. Deus escolhe cristãos conferindo a eles dons e habilidades para que trabalhem para (e também com) o Supremo Pastor, Jesus Cristo, no cuidado e liderança espiritual daqueles que nasceram espiritualmente de Deus, comprados pelo sacrifício de Cristo. Portanto, o “ser pastor” é uma enorme responsabilidade, sobretudo uma enorme honra e imenso privilégio.

Alex D. Montoya afirma que a concepção bíblica do ministério pastoral está na Eclesiologia. A natureza da Igreja, sua essência e sua função neste mundo, para o autor, estão intimamente ligadas ao que significa o ministério pastoral, chegando ao ponto de defini-lo. Para o autor, biblicamente, a Igreja tem uma tríplice função: adoração, testemunho e trabalho. “A igreja deve exaltar o Senhor, evangelizar o mundo e edificar os seus membros” (MACARTHUR, 1998, p. 90). Para o autor, nessa tríplice função reside a essência do ministério pastoral, no sentido de viabilizar para que essa dinâmica aconteça.

Pensando numa concepção bíblica para o ministério pastoral, é importante lembrarmos a figura bíblica que dá nome a essa atividade: pastor. O termo em si já sugere um modelo para a liderança da igreja, pois o trabalho do ministro religioso (ou do líder espiritual), enquanto pastoreio, traz as implicações do cuidado zeloso de um pastor de ovelhas, como comenta Alex D. Montoya:

A figura neotestamentária de um pastor e suas ovelhas proporciona um excelente modelo para a igreja e sua liderança. Assim como o pastor de ovelhas lidera, alimenta, prepara, incentiva, protege e multiplica seu rebanho, o pastor de almas deve fazer com seu rebanho. Os paralelos são maravilhosos e ilustrativos. Em termos atuais, os líderes da igreja devem dar direção aos cristãos, conduzindo-os à verdade. Eles devem ensinar à congregação todo o conselho de Deus conforme revelado nas Escrituras, por meio de uma exposição fiel da Bíblia (At 20.27; 2Tm 4.15). O pastor deve cuidar para que cada membro de seu rebanho esteja crescendo rumo à semelhança de Cristo, provendo o necessário para que se alcance esse alvo. Ele deve encorajar as ovelhas à medida que avançam por ambientes hostis, protegendo-as dos perigos provenientes do mundo, da carne e do diabo (At 20.28). Sua preocupação constante



com lobos e armadilhas garante um rebanho seguro e maduro. O alvo do pastor é que a igreja cresça tanto em número como na semelhança de Cristo. Ele não se contentará com poucas ovelhas ou um rebanho tão contaminado pelo pecado e por Satanás que pareçam “ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36). (MACARTHUR, 1998, p. 98-99).

As associações entre o trabalho de liderança espiritual na Igreja com a figura bíblica do pastor de ovelhas são profundas e quase que inesgotáveis em suas implicações e fonte de significados. Metáforas são realmente poderosos meios de comunicação de conceitos. Pelo menos duas dessas analogias entre o trabalho como pastor de ovelhas e o trabalho espiritual com pessoas são feitas pelo próprio Jesus, conforme os evangelistas. A primeira a ser mencionada é a que ele refere-se a si como um pastor, registrada em João, no capítulo 10. Aqui, suas palavras apresentam implicações importantíssimas ao exercício do ministério pastoral, comissionado e delineado pelo Supremo Pastor. O contraste que Jesus faz é entre o verdadeiro pastor e o mercenário (que trabalha por dinheiro, ou outros interesses):

Os pastores estão na melhor posição para proteger o rebanho. Na analogia do pastor de ovelhas (Jo 10.1-18), Jesus nos lembra de que o inimigo atacará as ovelhas. É interessante observar que Jesus disse que o pastor pode ver o agressor se aproximando. Nesse ponto, é frequente as ovelhas não terem consciência do perigo. No momento em que o percebem, já é tarde demais para se salvarem. Esse é o momento em que a escolha de abandonar o rebanho e não assumir o compromisso pessoal necessário para defendê-lo pode ser opção tentadora. O pastor que ama a congregação não apenas fica para defendê-la em tempos de perigo, mas também não a torna assunto derrisão e desprezo em conversas. O bom pastor se deleita pessoalmente no sucesso e crescimento do rebanho. Ele vê o bem em potencial em cada cordeiro (CARLSON et al., 2005, p. 219).

A segunda analogia a ser mencionada é a que Jesus faz para explicar o valor de uma pessoa. Nesta, ele menciona o pastor que deixa as suas 99 ovelhas em segurança para buscar a apenas uma que se perdera, registrada em Mateus 18. Wayne Kaiss explica que essa analogia significa que:

[...]é raro que uma ovelha perdida encontre o caminho de volta ao redil. É mais provável que fique parada e balindo por socorro. Um cordeiro nessa situação é presa fácil do predador. Muitas pessoas que deixam de

ir à igreja são como um cordeiro perdido. Raramente encontram por si próprias o caminho de volta à congregação. São vulneráveis, estão amedrontadas e sós. Sua salvação muitas vezes depende do valor que o pastor lhes dá e até onde ele está disposto a ir para salvá-las. (CARLSON et al., 2005, p. 219).

A função de pastor, nos dias de Jesus, de acordo com Montoya, não era uma posição de proeminência social:

Quando Jesus se referiu a si como pastor de ovelhas, falou de um cargo humilde e servil. Quando ordenou que Pedro apascentasse suas ovelhas, estava pedindo que o apóstolo aceitasse uma função vista com desdém e derrisão na cultura do primeiro século. Não se tratava de uma chamada à proeminência pública ou ao luxo. Não era uma chamada ao prestígio e respeito. Era uma chamada para viver com ovelhas e bodes. Pedro não esqueceu do significado dessa chamada e a isso se referiu em 1 Pedro 5. Ele sabia que as implicações dessa função exigiam a incumbência de servir com boa vontade, não “por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1 Pe 5.2,3). (CARLSON, 2005, p. 216).

Os fundamentos bíblicos para o ministério pastoral estão intimamente ligados à analogia do trabalho de pastor de ovelhas. O pastor deve ver sua comunidade como um rebanho de Deus, a qual Deus está cuidando por intermédio de sua vida. Nisto está a honra do ministério pastoral. Na escolha de Deus e no trabalho de Deus por intermédio da vida do pastor, que se coloca à disposição do seu Senhor. O anseio por quaisquer outras recompensas pode se tornar um risco ou uma armadilha. Está implícito na figura bíblica do “pastor” um cargo humilde e servil.

Edson Pereira Lopes (2011, p. 70) destaca as qualificações bíblicas que um pastor deve preencher para o exercício de seu ministério. Abaixo, há um excerto (adaptado) de suas considerações sobre o que o autor chama de qualificações que compreendem as atitudes e relacionamentos do pastor, com base em 1Timóteo 3.1-7:

Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo. (1TIMÓTEO 3.1-7, NVI).

- **O pastor deve ser moderado, sensato e respeitável, isto é, controlado.**

Para isso, ele deve ser imparcial, cuidadoso nos julgamentos, ponderado, sábio e profundo. Na concepção de Paulo, podemos entender que, “[...] se a pessoa não consegue controlar sua vida, não está apta para o pastorado”. Muitas igrejas, por desconsiderarem essa qualificação, têm consagrado ou ordenado pessoas descontroladas em várias áreas, dentre elas, uma pouco comentada, que é a financeira.

- **O pastor deve ser hospitaleiro.**

O princípio de Paulo é demonstrar que o pastor deve ser um homem gene-

roso. Longe de amar o lucro, ele vê tudo o que possui como um meio de atender às necessidades do próximo.

- **O pastor deve ser apto para ensinar.**

A docência, aqui, não deve ser vista apenas sob o viés acadêmico, mas pelo uso de todas as modalidades do conhecimento, sobretudo o ensino da Palavra de Deus que vise à edificação da Igreja de Cristo.

- **O pastor não deve ser apegado ao vinho.**

Qualquer pessoa, em qualquer liderança cristã, deve estar alerta e sóbria. Podemos compreender a ordem paulina de que os homens viciados em vinho ou bebidas alcoólicas (ou dominados por estes de alguma forma) sejam excluídos do ofício episcopal, pois eles devem estar sempre no controle de todas as suas faculdades mentais para liderar a Igreja.

- **O pastor não deve ser violento, mas amável.**

Violência, neste texto, tem a ver com a ira ou a raiva que, mantida no coração, leva a pessoa a “estourar” com frequência. O homem que Deus escolhe para o ministério pastoral não deve ficar irado, hostil, briguento, nem irritado quando as coisas não se acertam, mas deve ser capaz de aceitar um não como resposta.

Além disso, precisa ser paciente, gentil e amável com todas as pessoas. Porém, precisa se preocupar com o equilíbrio entre a severidade e a delicadeza, como acentua Baxter (on-line):

É preciso haver, igualmente, uma prudente mescla de severidade e delicadeza [...]. Se não houver severidade nenhuma, nossas repreensões serão desprezadas. Se só houver severidade, tomar-nos-ão como dominadores, e não como persuasores da verdade.

Daí Paulo incluir, na qualificação do pastor, que este seja pacífico, isto é, que resolva conflitos pacificamente, de modo piedoso, gentil e humilde. O pastor deve ser o oposto de quem se entrega ao vinho; deve saber suportar injúrias pacificamente e com moderação; deve saber perdoar, engolir insultos e ser inimigo de contendas.

- **Não ser apegado ao dinheiro.**

Esta é outra qualificação importante para que o pastor seja irrepreensível. O que Paulo combate é a postura de quem não se importa com a maneira pela qual consegue dinheiro. “Qualquer pessoa que ame o dinheiro se

comprometerá e lucrará de alguma forma sórdida. O homem que esteja na liderança espiritual não deve ser cobiçoso, pois facilmente seria corrompido”. Nesse contexto, vale ressaltar as palavras de Calvino: “[...] aquele que não suporta a pobreza paciente e voluntariamente, inevitavelmente se tornará uma vítima da vil e sórdida cobiça”.

#### ■ O pastor não pode ser recém-convertido.

Para que não se ensoberbeça e caia na mesma condição em que caiu o diabo. Calvino pontua que “[...] naquele tempo, muitos homens de extraordinária habilidade e cultura estavam sendo conduzidos à fé. Paulo, porém, proíbe que se façam bispos aos que recentemente tenham professado a Cristo”. Na concepção de Calvino, os recém-convertidos, por terem confiança em sua própria capacidade, podem entender que não dependem de Deus. Todavia, a atitude do pastor deve ser de inteira dependência do Senhor: “[...] Vendo-me, Senhor, como estou nu e despreparado para essa obra, preparas-me com os recursos necessários para tal tarefa”.

O resultado da soberba é que esta conduz à mesma condenação do diabo. Ao comentar essa soberba, MacArthur explicita que ela é uma arrogância cheia de amor próprio, de ser consumido por si mesmo, de buscar o próprio caminho, a satisfação e a gratificação, a ponto de desprezarem os outros. Baxter afirma que o pastor deve detestar o orgulho porque é raiz de inveja, espírito belicoso, descontentamento e todos os obstáculos que impedem a renovação espiritual, por isso, declara: “Onde há orgulho, todos querem dirigir e ninguém quer seguir ou concordar. Em razão disso, o orgulho é causa de cismas, apostasias, usurpação arrogante e outras formas de imposição”. Sendo assim, vale ressaltar as palavras de MacArthur: “Ninguém que seja dominado pelo ego está apto para o ministério pastoral”.

#### ■ O pastor deve ter boa reputação “perante os de fora”.

Para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo. Deveria ser difícil para os cristãos da Igreja primitiva ter boa reputação, uma vez que viviam em meio a muitas perseguições. O que Paulo enfatiza nessa última qualificação é que o pastor deve ter um comportamento piedoso, de maneira que, mesmo os incrédulos, tenham de reconhecer que ele é uma boa pessoa. É com isso em mente que o apóstolo se refere à “cilada do diabo”. Em vez de ser uma pessoa boa, o pastor corre o risco de começar a endurecer o coração e a entregar-se livremente a todo tipo de perversidade.

Edson Lopes termina sua análise das qualificações bíblicas necessárias ao exercício pastoral destacando que a conclusão óbvia é a de que nem todos os que almejam o ministério pastoral estão realmente qualificados para ele, biblicamente falando.

Diante do que vimos até aqui, deixamos claro que nem todos os que desejam o ministério pastoral podem de fato exercê-lo. E necessário, assim, que a Igreja de Cristo esteja de fato preocupada com as pessoas que pastoreiam o rebanho. Que elas sejam irrepreensíveis em todas as coisas para serem instrumento do Senhor e exemplo para o povo de Deus. Alguém pode questionar se existe uma pessoa que possa, à luz do que foi dito, exercer o ministério pastoral. De fato, ninguém poderá ser completo em todas as coisas, mas deve ser alguém que busque santificar sua vida, livrando o nome de Deus de todo e qualquer escândalo. Além disso, deve ser um exemplo vivo de que essas qualificações podem ser observadas na vida do pastor. Por conseguinte, que o pastor seja um homem íntegro, piedoso, dotado de muitas habilidades e, ao mesmo tempo, alguém que mantém a atitude e a postura humilde de um menino pastor (LOPES, 2011, p. 76).

## A HONRA NO MINISTÉRIO PASTORAL

Contanto que seja reconhecidamente penoso e calçado em tremenda responsabilidade, o ministério pastoral é certamente uma grande honra e um grande privilégio, vivenciado pelo cristão escolhido por Deus para essa função no Reino. John MacArthur Jr. (1998, p. 16-17) faz uma relação de por que ama ser pastor, a qual deve ser digna de nota aqui, com suas palavras na íntegra:

- **Pregar é o principal meio humano que Deus usa para dispensar sua graça.**

O apóstolo Paulo ordenou a Timóteo: “Que pregues a Palavra” (2Tm 4.2). Tenho o privilégio de, todos os domingos, proclamar a mensagem de Deus para seu povo – uma mensagem de graça, pela qual Deus salva pessoas e transforma vidas.

- **Posso me consumir no estudo e na comunhão com Deus.**

Tenho um lado público que a congregação vê, mas tenho um lado par-

ricular que só Deus conhece. Embora eu possa pregar só três horas por semana, eu estudo trinta. Essas horas gastas todas as semanas na presença de Deus são um privilégio elevado e santo.

- **Sou diretamente responsável diante de Deus pela vida das pessoas que Ele me encarregou de pastorear.**

Ensinando pelo rádio não sou pessoalmente responsável pela aplicação que as pessoas fazem da Palavra de Deus. Entretanto, como pastor-mestre de uma congregação, tenho um relacionamento com meu povo, tal como o do pastor com suas ovelhas. Cuido da alma deles “como aqueles que há de dar contas delas” (Hb 13.17).

- **Também devo satisfações às pessoas da minha igreja.**

Tudo está à vista delas: minha vida e família, meus pontos fortes e fracos – tudo. Aprecio essa necessidade de prestar contas. É um incentivo constante no sentido de que eu reflita em tudo o que diga e faça.

- **Amo o desafio de edificar uma equipe eficaz de líderes com as pessoas que Deus colocou na igreja.**

Quando alguém monta uma empresa, pode contratar qualquer pessoa que queira. É totalmente diferente de edificar com as pessoas que Deus chamou, dos quais poucos são sábios, poderosos ou nobres, de acordo com os padrões do mundo (1Co 1.26). Deus revela a grandeza de seu poder ao demonstrar que os insignificantes para o mundo são seus recursos mais preciosos.

- **O pastorado abrange a vida inteira.**

Participo da alegria dos pais com o nascimento de uma criança, bem como do sofrimento de um filho na morte da mãe ou do pai. Ajudo a celebrar um casamento; também ofereço consolo em um funeral. Há uma imprevisibilidade inevitável que acompanha meu chamado – uma aventura incrível pode começar a qualquer momento. Nessas horas, o pastor vai além do sermão, colocando-se, por amor a Deus, na fenda da vida de seu povo.

- **As recompensas nesta vida são maravilhosas.**

Sinto-me amado, apreciado, admirado, sinto que sou necessário, que as pessoas confiam em mim – tudo porque sou um instrumento usado por

Deus para dar progresso espiritual ao seu povo. Sei que meu povo ora por mim e se preocupa profundamente comigo. Sou grato a Deus por isso. Tenho a honra de ser um canal pelo qual a graça de Deus, o amor de Cristo e a consolação do Espírito Santo podem tornar-se reais às pessoas.

■ **Tenho medo de não ser pastor.**

Quando eu tinha 18 anos, o Senhor me jogou para fora de um carro que estava a mais de cem quilômetros por hora. Caí de costas e rolei pela pista por uns cem metros. Graças a Deus, não morri. Quando me levantei naquela estrada, sem ter perdido a consciência em nenhum momento, consagrei minha vida para servir a Cristo. Falei a Ele que não resistiria mais, porém faria a vontade dele: pregaria a Palavra.

Além de compartilhar do aspecto de privilégio e honra que sente em exercer o ministério pastoral, na mesma obra, o autor faz uma descrição de como entende ser a igreja; enaltecendo ainda mais o imenso privilégio e honra de, como pastor, atuar ativamente na igreja, na edificação do Reino de Deus na vida das pessoas e por meio delas. Essa descrição da igreja também vale a pena ser apreciada aqui, na íntegra (MACARTHUR, 1998, p. 13):

1. A igreja é a única instituição que nosso Senhor prometeu edificar e abençoar (Mt 16.18).
2. A igreja é o lugar de reunião dos verdadeiros adoradores (Fp 3.3).
3. A igreja é a assembleia mais preciosa sobre a terra, uma vez que Cristo a adquiriu com seu próprio sangue (At 20.28; 1Co 6.19; Ef 5.25; Cl 1.20; 1Pe 1.18; Ap 1.5).
4. A igreja é a expressão terrena da realidade celestial (Mt 6.10; 18.18).
5. A igreja por fim triunfará, tanto no âmbito universal como no local (Mt 16.18; Fp 1.6).
6. A igreja é esfera de comunhão espiritual (Hb 10.22-25; 1Jo 1.3; 6,7).
7. A igreja é quem proclama e protege a verdade divina (1Tm 3.15; Tt 2.1, 15).
8. A igreja é o lugar principal de edificação e crescimento espiritual (At 20.32; Ef 4.11-16; 2Tm 3.16-17; 1Pe 2.1-2; 2Pe 3.18).



9. A igreja é a plataforma de lançamento para a evangelização do mundo (Mc 16.15; Tt 2.11).
10. A igreja é o ambiente onde se desenvolve e amadurece uma liderança espiritual forte (2Tm 2.2).

## PERSPECTIVA TEOLÓGICA PARA UMA PRÁTICA MINISTERIAL RELEVANTE E CONTEXTUAL

A prática do ministério pastoral deve ser relevante e contextual. Estes devem ser dois objetivos do trabalho pastoral. Para que esses objetivos sejam viabilizados, os conceitos fundamentais do exercício do ministério pastoral precisam ser articulados pela Teologia Prática, definindo-se conceitos e organizando-os como os fundamentos. Trataremos de alguns desses conceitos aqui, sendo eles: a) o ministério pastoral deve ser de liderança espiritual; b) o ministério pastoral está pautado no caráter do pastor; c) o ministério pastoral está pautado da espiritualidade do pastor; d) o ministério pastoral deve ser vivenciado na dimensão do amor; e) o ministério pastoral deve promover o discipulado cristão; e e) o ministério pastoral deve promover a descoberta, o desenvolvimento e o exercício dos dons ministeriais, na Igreja.

### LIDERANÇA ESPIRITUAL

O ministério pastoral precisa, necessariamente, desempenhar um tipo de liderança gerencial e administrativa na Igreja. É preciso saber organizar as programações, as pessoas, com seus dons e habilidades e há demandas de bom zelo de recursos da Igreja em que o pastor deve estar envolvido.

Entretanto, esta não é a principal liderança de um pastor numa Igreja. Sua principal liderança é a liderança espiritual. Essa liderança significa conduzir com sua vida, seus ensinamentos, seus conselhos, suas palavras, seus exemplos

pessoais. Essa condução é para um relacionamento mais próximo, profundo e saudável com Deus. Trata-se de uma liderança para que as pessoas vivam na vontade de Deus para suas vidas. Wesley Duewel (1996) refere-se a essa liderança espiritual da seguinte forma:

Como líder espiritual, o pastor é vigiado tão de perto, e suas palavras e exemplo geralmente são tão seguidos, que ele guia ou desvia os cristãos em muitos aspectos da vida. Os princípios que ele proclama e os padrões bíblicos de conduta que ele ensina podem ter um efeito profundo sobre as pessoas. As atitudes e os atos justos delas afetam então a sociedade e o governo. O pastor deve ajudá-las a ter um comportamento tão justo que venham a tornar-se o sal da sociedade e a luz cristã nas trevas seculares e pagãs à sua volta. Este é o significado das palavras: “Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (Sl 23:3). “Por amor do seu nome” significa tanto “de acordo com a sua natureza santa” como “pela honra do Seu nome”. (DUEWEL, 1996, p. 122).

Eugene Peterson fala sobre a liderança como fruto de um relacionamento pessoal entre o pastor e a ovelha. Não acontece liderança espiritual porque houve uma palestra ou uma atividade de organização ou um evento. A liderança espiritual acontece informalmente, ainda que através de encontros mais formalmente idealizados, como visitas e aconselhamentos. O autor acredita que “[...] muitos pastores se dedicariam muito mais à orientação espiritual, com mais consistência e habilidade, se percebessem quão mais importante ela é do que nossos professores falaram, e a importância que teve no ministério pastoral nos séculos anteriores” (PETERSON, 2000, p. 126). Para ele, “[...] a orientação espiritual acontece quando duas pessoas concordam em dar atenção completa ao que Deus está fazendo em uma delas (ou nas duas) e procuram reagir com fé” (PETERSON, 2000, p. 126). O ministério pastoral, para o autor, em sua essência, consiste exatamente na questão da liderança espiritual, tanto que comenta que:

Ironicamente, muitas pessoas presumem que seja isto que os pastores fazem o tempo todo: ensinar a orar, ajudar a discernir a presença da graça nos acontecimentos e sentimentos, afirmar a luz através da escuridão da peregrinação, guiar a formação de auto entendimento que seja bíblico e espiritual e não meramente psicológico ou sociológico. Os pastores, porém, não orientam o tempo todo, nem chegam perto de gastar com isso o tempo suficiente. Alguns não o fazem com frequência porque não têm ou pensam não ter tempo, o que dá quase no mesmo. Outros desconsideram por não terem ideia de sua importância. Sem-

pre que a praticamos, porém, há o reconhecimento instintivo de que este trabalho está no âmago da vocação pastoral (PETERSON, 2000, p. 127).

A orientação espiritual seria a arte de conduzir as pessoas na direção do trabalho de Deus em suas vidas, porque conseguimos “ler o Espírito” e podemos ajudar as pessoas a discernirem o que, como pastores, estamos “lendo”. Trata-se de um trabalho que tem muito mais a ver com o discernimento espiritual e as atividades de bastidores do nosso ministério público.

Por sua natureza obscura, cotidiana, discreta, tranquila, este trabalho é o que precisa de mais encorajamento, se desejarmos mantê-lo como centro de nossa consciência e prática. Na realidade, é a tarefa para a qual recebemos menos encorajamento, já que está sempre sendo empurrada para o lado, em face da mentalidade de urgência de nossos colegas, voltada para o desenvolvimento da carreira, e das solicitações cheias de pressa e famintas de estímulos de nossos membros da igreja. Nossa relutância em nos atirmos ao trabalho sem *glamour* e obscuro da orientação espiritual não é nova. Os aspectos mais públicos, exortativos e motivacionais do ministério sempre foram mais atraentes. No primeiro século, Paulo observou: “...ainda que tivésseis milhares de professores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais (1 Co 4:15). É mais fácil dizer às pessoas o que...” devem fazer do que estar com elas, em companheirismo cheio de discernimento e oração, à medida que prosseguem. A razão desproporcional entre “professores” e “pais” não se alterou nos vinte séculos que passaram. Acima de tudo, é aumentada pelo marketing de massa sobre ajuda espiritual. As pessoas, em busca de orientação, pegam livros descartáveis, artigos resumidos e programas de entrevistas na televisão. Mas a verdadeira natureza da vida de fé requer que sejamos pessoais e intuitivos, se quisermos amadurecer: não apenas sabedoria, mas uma pessoa sábia, que nos compreenda em relação à sabedoria (PETERSON, 2000, p. 136-137).

Como líder espiritual, o pastor deve estar atento ao que Deus está fazendo na vida de suas ovelhas e deve estar disposto a estar junto delas, nessa perspectiva de ser um instrumento de Deus para conferir-lhes discernimento espiritual, que resultará em crescimento na Graça de Deus. Poderíamos compreender que o trabalho de liderança espiritual faz parte do cerne do ministério pastoral.



## REFLITA

Existe uma enorme diferença entre ser um discípulo habitado interiormente pelo Espírito e ser revestido do Espírito, cheio do Espírito e capacitado pelo Espírito. O Espírito deve penetrar e possuir todo o nosso ser. Ele deve controlar-nos com toda a Sua soberania. Ele deve permear a nossa personalidade.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 32).

## CARÁTER

O pastor precisa ser uma pessoa de caráter. Aprovado por aqueles que o conhecem de perto, sua família e os que pastoreia, mas também pelos de fora. O caráter é uma das credenciais de autoridade para que o pastor ministre em nome de Deus. Certamente não é uma pessoa sem falhas humanas ou defeitos, mas é muito provável que se trate de uma pessoa séria com Deus e com Sua Palavra, que tem uma conduta irrepreensível. John MacArthur Jr explica que:

“Irrepreensível” não se refere a uma perfeição impecável, pois, nesse caso, nenhum ser humano estaria qualificado para o ofício, mas a um padrão elevado e maduro que implica em um exemplo coerente. É exigência de Deus que seu despenseiro viva de maneira santa, de tal forma que sua pregação nunca seja contraditória ao seu estilo de vida, que suas faltas nunca tragam vergonha ao ministério e sua conduta não mine a confiança do rebanho no ministério de Deus. Ela é a qualidade mais importante do pastor. O restante da lista é uma análise detalhada de cada componente dessa característica, desenvolvendo o seu significado. Os componentes dividem-se em três grupos: moralidade sexual, liderança familiar e nobreza de atitude e conduta (MACARTHUR, 1998, p. 110).

A santidade é a característica marcante do caráter do pastor, porque ele está empenhado a ensinar que seu rebanho viva em santidade. E esse ensino será, de fato, poderoso por sua própria vida, muito mais que por suas palavras, orientações ou sermões. MacArthur afirma que

[...] esse é o tipo de homem que Deus está procurando para estabelecer como modelo em sua igreja. Isso não significa que tais homens sejam melhores que os outros ou mais espirituais, dotados ou mais usados por Deus que os outros. Significa, porém, que são adequados para uma função singular. De acordo com a Palavra de Deus, ninguém é superior. (MACARTHUR, 1998, p. 112-113).

O cuidado com sua própria vida espiritual é, portanto, fundamental ao pastor, visto que há muito a ser perdido e muitos danos na Igreja, caso este tenha um caráter reprovado.

O pastor tem de estar alerta aos perigos e tentações pessoais, não apenas para seu próprio benefício, mas também por causa do rebanho. É tolice o pastor acreditar que as ovelhas sob seus cuidados são vulneráveis, mas que ele não. Poucos são os ministérios que compreendem o valor de um pastor que seja forte e capaz de defender o rebanho de Deus (CARLSON et al., 2005, p. 223).

O pastor deve cuidar de si em primeiro lugar, para depois poder cuidar de sua família e de seu rebanho. Isso deve ser valorizado pela família e pelo rebanho, porque é proteção para eles.



©shutterstock

## ESPIRITUALIDADE

David Deuel afirma que “[...] o pastor, em sua rotina de ministério, fica tão preocupado com o crescimento espiritual dos outros que negligencia a si próprio ou a sua própria família” (MACARTHUR, 1998, p. 257). Para o autor, a fadiga e o esgotamento espiritual do pastor têm a ver com a falta de cuidado de sua própria espiritualidade.

O pastor, quando corre por suas próprias forças, logo é tentado a deixar o ministério. Mas o pastor que mantém seu relacionamento com o Sumo Pastor terá recursos para amar o povo de Deus sacrificialmente porque ‘a assistência de Deus é poderosa, e suas promessas, verdadeiras’. (MACARTHUR, 1998, p. 258).

Em 1Timóteo 4.16 encontramos uma advertência importante do apóstolo Paulo ao jovem pastor Timóteo: “Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, fazendo isso, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem” (1Tm 4.16, NVI). A advertência consiste em que o pastor Timóteo cuidasse primeiramente de sua própria vida e depois da doutrina que estaria pregando. Ao perseverar nisso, a consequência é que seriam salvos tanto Timóteo quanto seus ouvintes, deixando a entender que se Timóteo cuidasse apenas da doutrina correta, mas não de sua própria vida, seus ouvintes poderiam ser salvos, mas ele próprio se perderia. A advertência de Jesus aos que ministraram em seu nome também é importante:

Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!’ (MATEUS 7.21-23, NVI).

A expressão “nunca os conheci” é digna de nota. Conhecer provavelmente não significa “dominar informações a respeito de”, mas um conhecimento por experiência pessoal. A espiritualidade do pastor, provavelmente “dará o tom” da espiritualidade de sua Igreja, falando de forma geral.

## AMOR

Para uma prática ministerial relevante, é necessário o amor. O pastor deve amar suas ovelhas. Se não com um amor próprio, com um amor de Deus em sua vida. O amor no exercício do ministério pastoral será determinante para que as ovelhas descansem e confiem no cuidado do pastor. Wesley Duewel (1996) diz que:

Embora as suas orações não fiquem evidentes para eles, o amor investido em oração pelos membros se torna aparente de muitas formas. O líder que investe muita oração pelo seu povo não precisa anunciar isso. Eles vão sentir seu interesse e se sentirão ligados a ele. A oração é com certeza a maneira mais poderosa de amar as pessoas. Ela não é o único meio, não pode substituir as demonstrações concretas de amor, mas é básica para tudo o mais e dela depende a eficácia de todas as outras coisas (DUEWEL, 1996, p. 107).

Algo precioso no amor é que ele constrange, como diz a Bíblia a respeito do amor de Cristo (2Co 5.14). Quando amamos as ovelhas, despertamos um constrangimento que será respondido com amor. Sempre haverá problemas e dificuldades no trato com as ovelhas, pois somos todos humanos. Mas onde há amor, há um ambiente de quebrantamento, aceitação, perdão e compreensão. Amor é um fundamento básico para o exercício do ministério pastoral. Sem amor, nada do que fizermos no Reino de Deus terá realmente um valor espiritual, como nos ensina 1Coríntios 13. No que se refere ao pastoreio, isso é tremendamente significativo. Wesley Duewel (1996) defende que:

Quando você ama intensamente as pessoas, elas se tornam sua fonte constante de alegria, especialmente à medida que respondem ao seu amor. Da mesma forma que um pai se alegra observando o filho brincar, crescer, dizer coisas interessantes e desenvolver-se constantemente, assim também o seu coração de amor pelo seu povo irá rejubilar-se constantemente ao ver o Espírito de Deus operar nele. (DUEWEL, 1996, p. 105).

É possível liderar sem amar, mas não será uma liderança cristã genuína. Como líderes cristãos, lideramos “[...] em nome de Cristo, a favor de Cristo, no espírito de Cristo e para a glória de Cristo. Isto só pode ser feito quando lideramos no amor de Cristo em nossas vidas” (DUEWEL, 1996, p. 74-75).

## DISCIPULADO CRISTÃO

Fazer discípulos é o coração da Grande Comissão. A missão da igreja é a Grande Comissão e a Grande Comissão é fazer discípulos (Mt 28.18-20). Tudo o que se fizer na igreja deve ter como alvo último o “fazer discípulos”. Por isso, o ministério pastoral é fundamental e deve estar completamente engajado no que é a natureza do trabalho na Igreja. Cada cristão deve, pessoalmente, estar engajado na tarefa de fazer discípulos, na Grande Comissão. O pastor, como líder, deve inspirar seus liderados pelo exemplo e capacitá-los para essa tarefa.

Um discípulo pode ser definido como alguém que colocou sua fé em Cristo e, por meio do batismo, é identificado como um seguidor de Cristo e como um membro da Igreja de Jesus Cristo. Ele torna-se submisso a Cristo e se esforça para viver uma vida de obediência a Deus, inclusive, sendo um agente para que outros discípulos sejam formados.

O crescimento do discípulo em obediência é um processo para toda a vida. As Escrituras descrevem um discípulo como alguém que “[...] nega-se a si mesmo e toma a sua cruz e segue (a Cristo)” (Mt 16.24). O discípulo serve a outros (Mt 20.25-28). Ele tem um amor supremo por Cristo (Lc 14.25-27). As pessoas sabem que ele é um discípulo de Cristo pelo seu amor aos outros (Jo 13.34-35). Sua vida produzirá o fruto do Espírito (Jo 15.8).

Igrejas reproduzem-se porque discípulos se reproduzem na vida por meio do processo de fazer discípulos. Numa analogia médica, o evangelismo é o obstetra espiritual, o fazer discípulos é o pediatra espiritual. Nesse processo de criar filhos, não se espera que eles sejam eternamente dependentes e imaturos. No processo de fazer discípulos, nós ajudamos nossos irmãos e irmãs em Cristo a crescerem completamente em maturidade espiritual, trabalhando com Deus no processo de edificação mútua e de santificação.

Fazer discípulos foi a tônica do ministério de Jesus. Os evangelhos claramente nos dão uma descrição clara de como Jesus escolheu certas pessoas para segui-lo, treinou-os e os comissionou para continuar sua missão. A Bíblia chama essas pessoas de “discípulos”, o que significa aprendizes ou seguidores. Na Grande Comissão Jesus revelou que fazer discípulos é o centro do propósito de Sua Igreja até que Ele volte.



Deve ser lembrado que conversão por conversão nunca deveria ser a meta. A conversão deve ser entendida simplesmente como o primeiro passo de um processo que seguirá por toda a vida. O discipulado leva esses novos convertidos a um profundo entendimento da vontade de Cristo para suas vidas. Esse profundo entendimento e obediência vêm de corações que amam e que estão crescendo em união com Cristo e uns com os outros. Isso revela a importância do ministério pastoral e da relevância de que ele seja um modelo a ser seguido pelos demais “discipuladores” na Igreja. Em termos bem claros, discipular é pastorear, e pastorear é discipular. Todo cristão deve ser um discipulador, porque a Grande Comissão é para todo cristão. Alguns desses cristãos serão separados por Deus, por meio de um chamado, para cuidar do rebanho como um todo e modelar com sua vida como devem ser os demais discípulos de Jesus.

## DESENVOLVIMENTO DOS DONS

Um aspecto do ministério pastoral de importância essencial é a capacitação para que os discípulos de Cristo, seu rebanho, descubram e usem seus dons espirituais para o cumprimento da missão da Igreja, no mundo. Como já dito anteriormente, missão que é tríplice: “[...] exaltar o Senhor, evangelizar o mundo e edificar os seus membros” (MACARTHUR, 1998, p. 90). O pastor, nesse sentido, também atua como uma espécie de técnico, organizando a Igreja conforme os dons espirituais. Alex D. Montoya explica:

O pastor, portanto, possui a tarefa especial de preparar os membros de sua congregação, de modo que descubram e utilizem seus respectivos dons para a maturidade uns dos outros. Alguns usam a analogia do técnico de um time. O técnico ensina ao time os fundamentos do jogo, e o time joga. A igreja foi projetada para ser uma comunidade de trabalho em que cada membro serve fielmente ao Senhor por meio de seu serviço aos outros membros (MACARTHUR, 1998, p. 98).

O pastor também deve atuar como um tipo de capacitador, ajudando os discípulos de seu rebanho a exercerem seus dons com eficiência espiritual. Essa capacitação pode ser “técnica”, conforme as habilidades e experiências do pastor. Há também um aspecto de incentivo e de desafio por parte do trabalho do

pastor que encoraja suas ovelhas. Mas, fundamentalmente, essa capacitação é espiritual, porque o exercício do dom espiritual depende da experiência da saúde espiritual do discípulo.



©shutterstock

## ATRIBUIÇÕES E QUALIFICAÇÕES PARA O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO PASTORAL

Há atribuições que definem a prática do trabalho pastoral no dia a dia. Trata-se de responsabilidades que, quando assumidas, viabilizam que o pastoreio esteja acontecendo. Também há qualificações que são necessárias a essas atribuições. Ao tratarmos essas atribuições e também qualificações para o exercício do ministério pastoral, destacaremos que: a) o pastor deve ter cuidado com o rebanho; b) o pastor deve consagrar-se ao ministério da Palavra e da Oração; c) o pastor deve estar pessoalmente envolvido com Evangelismo e Missões; d) o pastor deve se empenhar para que a igreja cresça; e e) o pastor deve ser um conselheiro espiritual. Essas atribuições e qualificações viabilizaram a efetividade do exercício do ministério pastoral.

## O PASTOR DEVE TER CUIDADO COM O REBANHO

O pastor é chamado a cuidar do rebanho de Deus que está sob seus cuidados, não por ganância ou como um dominador, mas de livre vontade e como um “subpastor” a serviço de Cristo, o qual é o Supremo Pastor do rebanho e os seus chamados são seus pastores auxiliares.

Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória (1PEDRO 5.2-4, NVI).

As palavras do apóstolo Pedro são muito significativas, profundas e cheias de implicação para todo aquele que exerce o ministério pastoral ou tem algum interesse nele. Paul Hoff (1996) faz uma explanação acerca do que consiste esse cuidado com o rebanho:

O verdadeiro pastor deve estar onde estão as ovelhas. Ele se compadece de suas fraquezas, as ama de coração, as consola e as cura. Vive perto delas, pensa com a mente delas, vê com os olhos delas, sente com o coração delas, sofre as tristezas delas, leva junto com elas suas cargas, e deste modo cumpre os mandamentos de Cristo. O pastor deve ocupar um lugar importantíssimo na vida de sua congregação. Ele desempenha um papel único nas ocasiões significativas, tais como o nascimento, a conversão, o enlace matrimonial, a enfermidade e a morte. É natural que seus membros recorram a ele quando seus filhos causam problemas. O pastor tem a grande responsabilidade de aconselhar bem; caso contrário haverá consequências desastrosas. E esse trabalho não é fácil, é cansativo, consome tempo, e às vezes não se conseguem os resultados almejados. Mas vale a pena cumprir esse ministério tão necessário para o bem das ovelhas e das pessoas em geral. Tudo isso devemos fazer em nome daquele que “não veio para ser servido, mas para servir” (HOFF, 1996, p. 12-13).

David Deuel destaca que esse cuidado pastoral vai além da boa e necessária alimentação das ovelhas de Cristo. Também é necessário que elas sejam protegidas das ameaças à sua fé e à segurança delas em Cristo. O pastor não deve estar distraído, nem ao menos iludido, as ovelhas que estão sob sua responsabilidade serão atacadas. Faz parte de sua missão defendê-las:

Um pastor amoroso e cuidadoso não somente alimenta as ovelhas de Cristo com a Palavra de Deus, como também as guarda (mas primeiro guarda a si mesmo!) contra os predadores espirituais. Estes surgem tanto de fora do aprisco, infelizmente, como de dentro. Esses lobos consomem o rebanho em vez de alimentá-lo. A analogia é eloquente. O pastor não alimenta o rebanho visando o que poderia obter dele, como fazem os lobos – essa é a essência do verdadeiro coração de pastor. (DEUEL apud MACARTHUR, 1998, p. 255).

A metáfora bíblica do cuidado com o rebanho revela que as ovelhas de Jesus são totalmente dependentes do trabalho do pastor, o qual deve estar ciente de suas responsabilidades, advindas dessa ilustração bíblica.

O pastor é mais que o líder corporativo da congregação. Assim como o pastor de ovelhas, ele determina a direção e o passo da jornada. Precisa estar focalizado em algum objetivo. O pastor tem que saber em que ponto a congregação está e a direção que deve tomar. Tem de saber onde está o perigo e conduzir a congregação para longe. Tem de saber onde estão os verdes pastos e guiar a congregação a eles. Tem de saber onde há água fresca e planejar um itinerário que leve a congregação a lugares de refrigério. Tem de conhecer a capacidade e a maturidade da congregação e cuidadosamente projetar a sua jornada espiritual. Mais do que qualquer pessoa na congregação, o pastor é o responsável em estabelecer o programa de trabalho, descrever as metas e apresentar uma visão para a congregação seguir. As ovelhas são seguidoras. Ficam satisfeitas em saber que o pastor as precedeu no caminho e sabe para onde está indo: os perigos foram descobertos. O caminho está limpo de serpentes. O trajeto está seguro. Água potável está dentro do alcance. Pasto adequado está perto (CARLSON et al., 2005, p. 220).

Essa responsabilidade de alimentação, direção, proteção e liderança que o subpastor de Cristo deve assumir, exige dele uma dedicação pessoal ao ministério da Palavra e da Oração, como fontes dos recursos que precisa para tal responsabilidade.

## O PASTOR DEVE CONSAGRAR-SE AO MINISTÉRIO DA PALAVRA E DA ORAÇÃO

A principal responsabilidade da liderança pastoral na Igreja é o ministério da Palavra e da Oração. É necessário envolver-se com inúmeros outros afazeres,

mas o pastor deve considerar esses dois ministérios os seus principais. Os apóstolos separaram-se para o ministério da Palavra e da Oração e levantaram outros homens fiéis para os ajudarem no serviço de outras necessidades da Igreja, conforme nos revela Atos 6.

Os pastores que preferem gastar tempo cuidando das necessidades físicas das pessoas podem estar privando os diáconos de assumir a função que lhes foi dada por Deus. Caso sintam-se dirigidos a se concentrar em tais necessidades em vez de ensinar a Palavra, talvez devam, sem desculpas, deixar suas funções de pastores-mestres, cumprindo o alvo como ajudadores, pessoas profundamente compadecidas pelas necessidades físicas. Isso abriria espaços pastorais para outros pregarem e ensinarem a Palavra. Os cristãos necessitam a todo custo do ensino da Palavra de Deus. Isso não deve ser negligenciado. As igrejas que preferem ter um pastor que gaste a maior parte do seu tempo com visitas e aconselhamento devem considerar a possibilidade de encontrar uma pessoa especialmente para essas tarefas. As igrejas que possuem maior necessidade nessas áreas não podem se dar ao luxo de desprezá-las, mas nem as igrejas nem os pastores devem tolerar uma situação em que o pastor selecionado para ministrar a Palavra de Deus troque suas funções pelas dos diáconos; ele não deve deixar a Palavra de Deus e servir às mesas (At 6.2) (MAcArthur, 1998, p. 253).

O principal trabalho do pastor, em seu dia a dia, é, portanto, o ministério da Palavra e a Oração. O pastor deve ser um amante estudioso da Palavra e um homem de oração. Eliseu Queiroz de Souza afirma que:

O pastor é um representante de Cristo entre os homens, especialmente, entre os crentes, e deve exercer um trabalho semelhante ao de Cristo: orando e intercedendo diante de Deus, em nome de Cristo, a favor dos homens. Se o pastor não ora e não intercede diante de Deus por sua igreja, não pode esperar vê-la progredir, nem no sentido espiritual nem no esforço de ganhar almas para o reino de Deus. O ministério da oração intercessória é semelhante à chuva que cai sobre a lavoura. (SOUZA, 1982, p. 18-19).

A alimentação do rebanho está diretamente atrelada à dedicação do pastor ao ministério da Palavra e da Oração.

É tão urgente levar o seu povo diante de Deus em oração como é urgente levar Deus para diante do povo em suas mensagens. Você deve interceder pelo seu ministério, pelos cultos e pela evangelização. Mas

you must also intercede for your people, family by family and person by person (DUEWEL, 1996, p. 188).

A pregação e a oração do pastor estão diretamente ligadas. Duewel (1996) diz que:

[...] nenhum conhecimento substitui a oração ou falta dela. Nenhuma sinceridade, diligência, estudo, dom suprirá a sua falta. Falar com os homens sobre Deus é uma grande coisa, mas falar com Deus sobre os homens é algo ainda maior. Não é possível que alguém fale bem e com sucesso aos homens sobre Deus se não tiver aprendido a falar com Deus sobre os homens. Mais que isto, palavras sem oração [...] são palavras mortas (DUEWEL, 1996, p. 173).

O fundamento das mensagens que o pastor prega está na sua vida de estudo e de oração, ainda mais do que nas necessidades que precisam ser atendidas:

O líder ou pastor que durante sua oração e meditação diárias experimenta constantemente o Espírito Santo, revelando para ele aquelas coisas que “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano”, mas que “Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Co 2:9), está ele mesmo se banquetecendo com as coisas profundas de Deus encontradas na Palavra de Deus. Ele está tão entusiasmado e excitado com a iluminação da Palavra pelo Espírito que é ungido para pregar ou ensinar “pelo Espírito Santo enviado *do céu*” (1 Pe 1:12). Quando as pessoas sentem a vibração santa de Deus em sua voz e a alegria entusiástica do Espírito em sua face, enquanto revela as grandes verdades de Deus que o Espírito está tornando tão reais para ele, elas comem com ele as uvas espirituais de Escol e o leite e mel de Canaã. Os indivíduos ricamente abençoados, semana após semana, pela sensação de estar sendo nutridos por Deus através do seu pastor, tornam-se o melhor meio de convidar outros cristãos famintos para se aproximar e ser alimentados. Um número surpreendente de cristãos verdadeiros está insatisfeito com o ministério que recebe e se sente faminto e quase morto de fome com a dieta espiritual suprida pela igreja. O seu povo continua com fome depois de ouvir você? (DUEWEL, 1996, p. 117).

## O PASTOR DEVE ESTAR PESSOALMENTE ENVOLVIDO COM EVANGELISMO E MISSÕES

A evangelização e o engajamento em missões urbanas ou transculturais deve ser também uma das atribuições do pastor. Conduzir pessoas à salvação em Cristo

é responsabilidade de todos os cristãos, porém, os líderes espirituais devem ter essa responsabilidade como característica. Segundo Wesley Duewel (1996): “Todo líder cristão, qualquer que seja seu título ou papel oficial, deve ser caracterizado por uma paixão para levar outros a Cristo. Todos aderimos nominalmente à conquista de pessoas” (DUEWEL, 1996, p. 83). O pastor, como líder espiritual, deverá incentivar, ensinar e organizar para que isto esteja acontecendo em sua igreja. David Deuel adverte:

O pastor cujo coração bate pelas pessoas mostrará compaixão especial pelos perdidos. A Bíblia ensina que não ter compaixão pelos não-regenerados ou é descrença na existência eterna do outro ou desinteresse. Há mais de um século, Murray mencionou “o problema missionário”, referindo-se à falta de compaixão pelos que não têm Cristo. Na mente de Cristo havia um quadro claro do que é o mundo e de suas necessidades, de modo que ele sentiu compaixão pelos perdidos e deu sua vida por resgate de muitos. Uma congregação não pode responder adequadamente à Grande Comissão se, porventura, seu pastor for indiferente às necessidades de um mundo perdido (CARLSON et al., 2005, p. 250).

É claro que, como modelo para o rebanho, ele próprio deve estar pessoalmente engajado em evangelismo pessoal. As pessoas costumam aprender mais por meio de exemplos do que de discursos. Nossa vida sempre falará mais alto que nossas palavras. É certo que não se trata de uma questão de “dom de evangelismo”, mas uma questão de “compromisso com o evangelismo”. Wesley Duewel (1996) sugere que líderes espirituais busquem essa paixão pela salvação de pessoas:

Nenhum líder cristão é a pessoa de Deus que o Senhor quer que ele seja, a não ser que dia após dia o desejo consumidor do seu coração seja o de que as pessoas se acheguem a Cristo. Para isto devemos viver, desejar, buscar oportunidades, orar e crer. Você não bebeu profundamente do espírito de Cristo se não compartilhar as Suas lágrimas pelos perdidos que estão cegamente avançando para uma eternidade separada para sempre do amor de Deus, da presença de Cristo e com toda esperança de mudança perdida. Precisamos sentir o amor pelas pessoas que trouxe Cristo do céu para a terra, que enche o Seu coração no trono do céu hoje. Precisamos absorver os anseios infinitos do Seu coração, enquanto Ele olha para um mundo cheio de pessoas mortas em seus pecados, seus sofrimentos e sua desesperança espiritual. A paixão pelas almas deve vir do coração de Cristo. Devemos buscar nEle essa paixão até que a encontremos. (DUEWEL, 1996, p. 83).

## O PASTOR DEVE SE EMPENHAR PARA QUE A IGREJA CRESÇA

Todo organismo vivo e saudável deve crescer. A Igreja, se estiver viva e saudável, deve crescer também, tanto numericamente quanto em profundidade, na Graça de Deus. Wiersbe e Sugden entendem que o crescimento da Igreja está diretamente ligado ao crescimento do pastor:

Se o pastor crescer em sua vida pessoal, a igreja também crescerá. Se a vida estiver monótona e enfadonha, cuidado! Se não houver entusiasmo no estudo da Palavra e na preparação das mensagens, se o trabalho pastoral estiver maçante, se você chega ao gabinete tarde e vai embora cedo, comportando-se de forma defensiva, há uma situação de desgaste espiritual que fará com que você e a igreja sofram. Se o trabalho é um eterno desafio e você está sempre ávido para ministrar a Palavra em público e de casa em casa, é provável que Deus esteja abençoando, e o trabalho crescendo (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 170).

O crescimento deve ser visto como algo natural. O objetivo primário não é o crescimento, mas o ser fiel nas responsabilidades que o ministério pastoral exige. O crescimento será naturalmente decorrente desse comprometimento. Pastores que foquem no crescimento estarão em risco de se perder na fidelidade às suas responsabilidades. Sobre esse caráter natural de crescimento na Igreja, Wiersbe e Sugden comentam:

Onde há vida, há crescimento. Charles Spurgeon costumava dizer que as únicas pessoas que reprovavam estatísticas eram aquelas que nada tinham para apresentar. Ele talvez estivesse certo. O Espírito Santo contou a multidão no livro de Atos, porém todos eram fruto do ministério de homens e mulheres dedicados. Queremos que nossas igrejas cresçam, não para podermos contar pessoas, mas porque pessoas contam. Algumas vezes o crescimento é constante e lento; outras vezes, Deus dá uma farta colheita. De qualquer forma, o crescimento numérico é um indicador de que o Senhor está agindo, desde que não se deva a artifícios carnavais criados pelo homem. O crescimento das ofertas também é um teste de sucesso espiritual. Se as ovelhas forem alimentadas, certamente ofertarão. Quando estão famintas, começam a “morder umas às outras”. Quando o ministério está sendo abençoado por Deus, há uma atmosfera de amor, confiança e assistência na igreja. Em sua grande maioria, as pessoas amarão umas às outras e procurarão ministrar umas às outras. Sempre haverá problemas a serem resolvidos e batalhas a serem travadas, pois a igreja é formada por pessoas, mas



essas tribulações não se tornarão crises. A capacidade de uma igreja em enfrentar e resolver problemas é uma indicação de crescimento espiritual. Além disso, o aparecimento de novos problemas indica que a igreja está em movimento. Nunca tenha receio de diferenças de opinião dentro da igreja, pois, onde há agitação, com certeza há atrito. A falta de atrito pode indicar que a igreja não está em movimento (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 170-171).

O empenho para que a Igreja crescesse sempre foi um aspecto marcante de muitos pastores ao longo da história, segundo Wiersbe e Sugden. Esse empenho não é pecaminoso, em si, mas o que move esse empenho é que pode ser. Os autores argumentam que “[...] um ministro em crescimento não está nunca satisfeito, querendo sempre ver o Senhor fazer mais. Deus raramente permite que seus servos contemplem todo o bem que realizam” (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 170).

Esse assunto sobre crescimento pode se tornar controverso quando os ministros estão movidos por valores humanos de competitividade, orgulho pessoal ou autoafirmação. Nesse caso, conseguirão crescimento em suas igrejas, porém, não um crescimento gerado pelo Espírito Santo por meio de seus esforços. Será, possivelmente, um crescimento que tira proveito da lógica de consumo que trabalha com as necessidades das pessoas, como já vimos anteriormente.

Wayne Kraiss adverte que cada Igreja tem o seu próprio contexto de necessidades. Atender necessidades é, portanto, um meio de crescimento para a Igreja e também uma responsabilidade que deve ser assumida. A questão é quando há uma inversão de valores e a Igreja se torna mais um “balcão de serviços religiosos” em uma comunidade onde a Graça é manifesta e vivida. A questão é quando o atendimento à lógica de consumo se torna um mero alvo e meio de crescimento; deixando-se de lado o discipulado e o crescimento pessoal em Cristo.

As igrejas de crescimento mais rápido têm pastores que são impulsionados a satisfazer as necessidades da congregação. As pessoas de nossas cidades são muito menos leais à afiliação sectária ou a programas lançados para dar crescimento. Muitas pesquisas indicam que as pessoas escolhem uma igreja com base na possibilidade de que suas necessidades e as necessidades da família sejam satisfeitas naquela congregação. Esse não é um princípio novo ao crescimento. É tão básico quanto entender que a ovelha que tem necessidades não estará contente e não permanecerá jovem (CARLSON et al., 2005, p. 217).

Conseguir ler as necessidades das ovelhas e buscar atendê-las como forma de atraí-las para que possam ser discipuladas é uma estratégia de crescimento. O desafio é que há necessidades que são necessidades de Deus para as pessoas, mas que nem sempre são vistas por elas como necessidades. O ministério pastoral deve ser fiel a Deus primeiramente. Nesse sentido, Carlson et al. (2005) defendem que:

[...] o pastor contemporâneo tem de manter um equilíbrio sutil entre passar tempo suficiente com os membros da congregação, a fim de conhecer suas necessidades, e passar tempo suficiente com a Palavra e na oração, a fim de obter os recursos para atender tais necessidades. Tal equilíbrio ajuda a criar circunstâncias que propiciam às ovelhas a se deitarem (CARLSON et al., 2005, p. 218).

Para o autor, “ovelhas que se deitam” são ovelhas que estão num ambiente propício ao crescimento:

O pastor não bate nas ovelhas para que sejam submissas e se deitem. Ele sabe do que o rebanho precisa para estar contente, relaxar e se deitar. Por isso, ele cria o ambiente propício para que as ovelhas se deitem. Quatro exigências devem ser satisfeitas antes que as ovelhas se deitem. As ovelhas não se deitarão se estiverem com medo. Não se deitarão se houver atrito ou tumulto no meio do rebanho. Não se deitarão se estiverem com fome. Não se deitarão quando se acham atormentadas por moscas ou parasitas. O pastor tem de saber e entender as necessidades e limitações do rebanho. Tem de reconhecer as estratégias do inimigo e prover uma defesa para a congregação. É ele o responsável por preservar a harmonia dentro da congregação. Seu dever é fornecer uma dieta de ensinamentos adequados para manter a congregação forte e saudável. Quando Jesus viu a multidão, “teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36). [...] O pastor de uma grande e próspera congregação observa: “É importante prover esperança e conforto para aqueles que se congregam no domingo. Muitos deles chegam à igreja seriamente contundidos pelas lutas da semana. A menos que encontrem cura e forças na casa de Deus, por que iriam querer voltar?”. (CARLSON et al., 2005, p. 218).

A Igreja e o Evangelho não param por aqui. Não se resumem neste aspecto de atendimento de necessidades apenas, mas não se pode negar que esse atendimento de necessidades é um dos fatores mais importantes para o crescimento da Igreja. Um desafio para o ministério pastoral é crescer, pessoalmente, permitindo que a Igreja cresça naturalmente, porque está sendo criado um ambiente

saudável para o crescimento, sem que as necessidades de Deus às pessoas, pelo Evangelho, sejam negligenciadas. Trata-se de um desafio que deve ser vivido na dimensão da sensibilidade da ação de Deus, por meio da espiritualidade do pastor.

## O PASTOR DEVE SER UM CONSELHEIRO ESPIRITUAL

Parte da liderança espiritual acontece pelo aconselhamento de pessoas. No entanto, o aconselhamento em si é um assunto à parte. Pessoas precisam de orientação bíblica acerca de suas questões pessoais. Muito da questão da transformação e do amadurecimento das ovelhas não acontece por meio das pregações no púlpito, mas por meio dos relacionamentos pessoais, como já temos visto, e também, especialmente, pelas oportunidades de aconselhamento.

O aconselhamento visa trazer esclarecimento e direcionamento bíblicos e cristãos aos problemas e às dificuldades da vida. Ele pode acontecer formalmente, num gabinete de atendimento pastoral, numa visita ou numa conversa inesperada. O alvo do aconselhamento é produzir uma perspectiva bíblica e cristã para as ovelhas, a respeito de como elas devem viver a vida.

Desde o advento da Psicologia, como “ramo da ciência”, há certa confusão sobre o papel do pastor como um conselheiro. O conselheiro cristão não é um terapeuta, assim como o terapeuta também não é um conselheiro cristão. Em alguma medida, o saber da Psicologia pode ter sofrido algum preconceito por razão de ideais anticristãos possivelmente presentes em alguns de seus fundamentos teóricos, mas, numa perspectiva histórica, podemos compreender que muito antes do advento da Psicologia como área (organizada e fundamentada) do conhecimento humano, influenciada pelos aspectos do cientificismo empírico, o aconselhamento bíblico cristão já ocorria, e há muitos séculos. Paul Hoff (1996) lembra que:

Ao longo da história da igreja, os pastores têm sempre se preocupado com os problemas dos crentes. Richard Baxter, pregador inglês de grande influência no século XVII, observou acertadamente: “O pastor não deve ser somente um pregador público, mas deve ser conhecido também como um conselheiro de almas, assim como o médico é para o corpo.” Washington Gladden escreveu em seu livro “O Pastor Cristão”,

no ano de 1896: “Se o pastor for o tipo de homem que deve ser, muitos relatos de dúvidas, perplexidades, tristeza, vergonha e desespero serão provavelmente despejados em seus ouvidos.” (HOFF, 1996, p. 11).

O pastor pode receber muitas contribuições de ferramentas que o saber da Psicologia disponha, mas deve entender que o seu trabalho como conselheiro independe e é muito mais específico. Erwin Lutzer defende que “[...] um conhecimento profundo das Escrituras, juntamente com um coração compassivo, pode, sob a direção do Espírito Santo, ser usado para revelar as raízes dos problemas que escapam de uma abordagem puramente psicológica” (LUTZER, 2000, p. 95). Para o autor, ainda:

[...] não precisamos ser experts em psicologia para ser conselheiros eficazes. Só precisamos ter uma visão bíblica sadia e ser emocionalmente sensíveis para entrarmos nas necessidades das pessoas. Nossa fé não está firmada em nós mesmos, mas no “Conselheiro Maravilhoso”; ele ouvirá nossas orações quando clamarmos a ele (LUTZER, 2000, p. 98).

Numa crítica aberta ao uso da Psicologia como ferramenta de Deus para a cura das pessoas, o autor arremata:

Não encontro base bíblica para fazer distinção entre um problema espiritual e um problema psicológico. Basicamente, os problemas psicológicos – a menos que tenham causas físicas ou químicas – são espirituais. Onde, além das Escrituras, poderíamos encontrar uma melhor análise das necessidades humanas, juntamente com o remédio sobrenatural? [...] Paulo escreveu: “Pois em Cristo habita toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude” (Cl 2.9-10). Isso deixa pouco espaço para a utilização de técnicas da psicologia secular como forma de ajudar os cristãos a alcançar plenitude emocional e espiritual (LUTZER, 2000, p. 92).

A questão, provavelmente, é que não se deve misturar aconselhamento cristão com a terapia ou com os pressupostos e fundamentos da Psicologia. O aconselhamento cristão precisa dar direções claras sobre o que a Bíblia e/ou a ética cristã dizem a respeito da situação em que as pessoas se encontram. O objetivo é mostrar à pessoa que está sendo aconselhada as possibilidades de caminhos a serem seguidos com as possíveis implicações. Deve levar a pessoa a ponderar e tomar uma decisão do melhor caminho a ser escolhido, dentro do que significa

ser a vontade de Deus. O conselheiro cristão nunca deve tomar decisões no lugar da pessoa, mas deve posicionar-se com clareza do ponto de vista da revelação bíblica e da ética cristã.

O aconselhamento cristão precisa proporcionar um ambiente de alívio e conforto para a pessoa que está precisando de ajuda e também apontar para o Senhor. A pessoa que está sendo aconselhada precisa sair do aconselhamento mais desejosa “das coisas de Deus”. O caráter de Cristo e a vontade de Deus precisam ser impressos na pessoa que procurou o aconselhamento cristão.

O aconselhamento profissional da Psicologia, em certo sentido, precisa ser isento das crenças religiosas do conselheiro ou do aconselhado. Enquanto o aconselhamento cristão está completamente comprometido com a fé do conselheiro, a cosmovisão do conselheiro cristão é a essência do aconselhamento que ele faz. O aconselhamento tem o propósito de orientação, conforto e fortalecimento espiritual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício do ministério pastoral é de tremenda responsabilidade e imensa honra. Não pode ser assumido sem que tenha havido um chamado de Deus ao cristão. Além disso, ele possui altíssimas exigências. É perfeitamente compreensível que qualquer cristão, com o mínimo de bom senso, sinta-se incapaz e desqualificado para ele. De fato, é impossível, humanamente falando, satisfazer essas altíssimas exigências. Contudo, a segurança para o engajamento no ministério pastoral está na escolha decretada por Deus, ao seu filho, primeiramente. E, em segundo lugar, ao imenso poder da Graça que constantemente capacitará o chamado a cumprir fielmente com o honroso ministério que lhe foi confiado, até o fim. O Deus que chama é o mesmo que capacita.

O pastor deve conduzir seus esforços ministeriais pautado nos requisitos e fundamentos bíblicos e na saudável Teologia Prática, que o ajudará a desenvolver-se

e ser significativo para sua comunidade de fé e para a sociedade, de forma geral. Sua perspectiva deve ser de servo humilde e fiel de seu Senhor, empenhado em atender às necessidades de Deus para as pessoas.

O pastoreio é uma atividade que, por sua essência, requer maturidade, tanto de vida quanto de espiritualidade. Há que se ter paciência, porque leva-se anos até que um pastor “seja formado”. Citando mais uma vez David C. Deuel:

Não é fácil, de modo algum, um jovem tornar-se pastor, e ele não deve ficar desanimado se não conseguir transformar-se em um dia ou um ano. Orador e reformador tornar-se-á sem dificuldades. Na crítica à política e à sociedade, pode começar um negócio frutífero no primeiro domingo. Mas pastor, ele só consegue ser devagar, percorrendo com paciência o caminho da cruz (CARLSON et al., 2005, p. 245).

A formação de um pastor não se dá por meio do término de um curso preparatório. O pastoreio é uma atividade que demanda envolvimento de vida.



## A RESPONSABILIDADE DO PASTOR

O pastor é sempre responsável por todos que estão em seu rebanho. Zacarias advertiu que a ira de Deus queima contra os pastores-líderes infiéis. “Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes guias; mas o Senhor dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho” (Zc 10:3). Você, como pastor, é sempre responsável perante Deus pela condição do seu rebanho e da Sua ovelha individual. Deus é o Grande e Soberano Pastor, e você é um pastor-auxiliar que presta contas diretamente a Deus.

Zacarias pronunciou um ai especial sobre o pastor que abandona o rebanho. “Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho” (Zc 11:17). O pastor não tem o mesmo direito de fugir do perigo que uma pessoa comum. O capitão não tem o direito de abandonar o navio enquanto houver um passageiro em perigo. O policial não tem o direito de fugir de um criminoso quando ele estiver pondo em risco a vida das pessoas. Os policiais devem morrer na linha do dever caso necessário, enquanto protegem os outros. Um pai não tem o direito de abandonar seu filho em face do perigo. O pastor não tem o direito de desamparar seu rebanho diante do perigo. Quando os guardas do templo chegaram armados ao Getsêmani, Jesus os enfrentou dizendo que deixassem em paz os discípulos (Jo 18:4-8).

### PASTORES INFIÉIS

Ezequiel 34:1-10 é uma profecia sobre a responsabilidade dos pastores e líderes de Israel. Deus pronuncia ais sobre eles por causa das suas falhas.

**1. Eles tomam conta de si mesmos e não do rebanho.** Eles se preocupam mais com seus interesses pessoais e o bem-estar das suas famílias do que com o bem-estar do povo de Deus. “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?” (Ez 34:2). Ai do líder que se interessa mais em saber onde pode ganhar o maior salário, ou o que é melhor para a sua família, em lugar de onde ele é mais necessário.

**2. Eles obtêm sustento do rebanho, mas não se importam adequadamente com ele.** “Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas” (v. 3).

**3. Eles não têm cuidado suficiente com os fracos, os doentes e os feridos.** “A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebrada não ligastes” (v. 4).

**4. Eles deixaram de restaurar os desviados e de evangelizar os perdidos.** “A desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes” (v. 4).

**5. Foram duros e impiedosos com o povo.** “Dominais sobre elas com rigor e dureza” (v. 4).





**6. *Eles são culpados pela dispersão do rebanho.*** “Assim se espalharam, por não haver pastor” (v. 5). Quando um pastor não apascenta verdadeiramente a sua congregação, as pessoas sofrem espiritualmente e muitos vão embora e se espalham.

**7. *Deus culpará os pastores pelo que acontecer ao rebanho.*** A condição do rebanho é responsabilidade direta do pastor. “Os pastores, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra os pastores, e deles demandarei as minhas ovelhas” (vv. 9-10).

### **PERGUNTAS QUE VOCÊ ENFRENTARÁ DIANTE DE DEUS**

As palavras de Deus são muito claras. Como pastor, você é tremendamente responsável. Tem responsabilidade espiritual por cada pessoa no seu grupo. É também grandemente responsável por cada ex-membro, especialmente se ele não tem agora pastor. Diante de Deus você prestará contas um dia de sua função de pastor, respondendo a perguntas como estas:

1. Até que ponto cada membro estava bem alimentado e forte?
2. Quanto ensino sobre a verdade bíblica cada membro recebeu?
3. Que esforços você fez para curar os que se tornaram espiritualmente doentes?
4. Até que ponto você esgotou todos os esforços para restaurar os desviados?
5. Até que ponto você procurou ovelhas perdidas fora do seu rebanho?
6. Até que ponto você intercedeu pelo seu rebanho, nome por nome?
7. Até que ponto você, como pastor, deu a sua vida pelo rebanho?
8. Até que ponto você colocou os interesses do rebanho à frente dos seus interesses pessoais?
9. Até que ponto você, como pastor, impediu que membros mais ativos do seu rebanho desanimassem ou discriminassem os membros mais passivos?

Isaías 56 combina ilustrações de vigias e pastores (vv. 10-11). “Os seus atalaias são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar; sonhadores preguiçosos, gostam de dormir. Tais cães são gulosos, nunca se fartam; são pastores que nada compreendem, e todos se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, todos sem exceção.” Vários pontos novos de exortação aos pastores são acrescentados aqui:

10. Como pastor, você está cego ao perigo? Você não deve ficar cego aos ensinamentos errados ou a novos grupos que podem tentar dividir a Igreja e desviar algumas pessoas. Pode ser tarde demais para avisar o povo depois da chegada dos falsos mestres. Você deve fazer com que o seu povo fique tão firme na verdade que não se disponha a ouvir o que os falsos mestres têm a dizer.







**11.** Como pastor, você é destemido e fiel ao advertir contra o perigo doutrinário e espiritual? Você não deve ser um cão de guarda mudo. Deve ladrar bem alto e forte (v. 10).

**12.** Como pastor você tem a reputação de comer demais (cf. v. 11)? O pastor que não exerce a autodisciplina é um mau exemplo para o seu povo e apresenta uma imagem negativa para o público. Um grande número de líderes cristãos tem excesso de peso. E muitas anedotas são contadas sobre ministros que gostam de comer ou que só gostam de comidas caras. Isaías chama esses líderes de “cães gulosos que nunca se fartam” (v. 11).

**13.** Como pastor, você tem a reputação de sempre fazer a sua vontade? Para alguém com autoridade, é fácil desejar cada vez mais poder. Fique mais alerta às necessidades e aos desejos dos outros em lugar de aos seus. Aprenda a pedir e dar atenção cuidadosa às sugestões do seu povo. Não aja como se soubesse todas as respostas.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 124-127).



## ATIVIDADES



- 1) “Teologia prática nasce da prática teológica. E esta indica, aqui, todo e qualquer serviço que, como líderes do povo de Deus, realizamos para a Glória de Deus, a expansão do Reino, o crescimento da igreja e a edificação do corpo de Cristo” (ZABATIERO, 2005, p. 14).

Sobre a Teologia Prática, é correto afirmar que:

- I – Trata-se do ramo dentro do campo da Teologia Cristã que se propõe a estudar as implicações da experiência religiosa centrada em Cristo para a vida e a conduta das pessoas.
- II – A Teologia Prática deve estar fundamentada e a serviço dos propósitos da Grande Comissão.
- III – Trata-se de uma subárea de estudo da Teologia Cristã que se propõe a capacitar os teólogos a dominar as principais ferramentas práticas para o trabalho do teólogo.
- IV – Todo teólogo é um teólogo prático, num certo sentido. Isto porque a Teologia Prática tem “vida própria”, fora da realidade da Igreja.

Assinale a alternativa correta:

- a. Apenas I e II estão corretas.
  - b. Apenas II e III estão corretas.
  - c. Apenas I está correta.
  - d. Apenas II, III e IV estão corretas.
  - e. Todas as alternativas estão corretas.
- 2) “Considerado um importante pensador da atualidade, Zygmunt Bauman cunhou o termo ‘mundo líquido moderno’ para referir-se a essa característica de nossa sociedade. Um tipo de mentalidade sem valores ou bases muito concretas. Tudo é muito relativo e subjetivo, quando o assunto consiste em valores e ‘certo’ e ‘errado’”.

Diante do desafio da Crise da Verdade e do Pluralismo, podemos afirmar que:

- a. As pessoas de nossa época estão receptivas à mensagem de que existe um “certo” e um “errado” definidos por Deus.
- b. É especialmente propício e oportuno ao ministério pastoral o fato de que as pessoas tenham “verdades subjetivas”.
- c. Pluralismo e Relativismo são resultantes da mentalidade do mundo em que vivemos, que não admite que a Razão possa identificar alguma Verdade que seja Absoluta.

## ATIVIDADES



- d. O mundo contemporâneo descobriu que não existem Verdades que sejam Absolutas, permitindo que as pessoas possam escolher por si mesmas o que consideram “certo” ou “errado”.
  - e. A igreja cristã e seus ministros devem conseguir adaptar o Evangelho, a fim de alcançar o mundo em que vivemos.
- 3) A expressão “fé de consumidores” pode ser compreendida como:
- a. A fé que custa caro, porque implica colocar-se em oposição ao mundo.
  - b. A fé que é expressa pelo consumo de produtos religiosos, como camisetas, CDs, etc.
  - c. Pluralismo e Relativismo são resultantes da mentalidade do mundo em que vivemos, que não admite que a Razão possa identificar alguma Verdade que seja Absoluta.
  - d. O mundo contemporâneo descobriu que não existem Verdades que sejam Absolutas, permitindo que as pessoas possam escolher por si mesmas o que consideram “certo” ou “errado”.
  - e. A igreja cristã e seus ministros devem conseguir adaptar o Evangelho, a fim de alcançar o mundo em que vivemos.
4. “É possível que a essência do que significa ser um pastor ou um líder espiritual possa ser perdida (ou confundida) em meio ao esforço de exercer um ministério que seja relevante para a Igreja e a sociedade atual, esforço legítimo de desenvolver um ministério ‘bem-sucedido para’ Deus.”

A respeito do ministério pastoral, é correto afirmar que:

- I – Um certo profissionalismo no ministério pastoral é desejável para que as funções bíblicas do pastorado sejam plenamente atendidas no contexto de nossa geração.
- II – O fundamento bíblico do ministério pastoral revela a necessidade que o pastor tem de saber articular sua mensagem ao mundo contemporâneo.
- III – Ser um pastor é ser um líder espiritual, que tem como principal função alimentar e zelar pela saúde espiritual do rebanho de Deus que está sob sua responsabilidade.
- IV – O ministério pastoral deve ser moderno e dinâmico, atendendo às demandas culturais de nossa geração.

## ATIVIDADES



Assinale a alternativa correta:

- a. Apenas I e III estão corretas.
  - b. Apenas I, III e IV estão corretas.
  - c. Apenas III está correta.
  - d. Apenas III e IV estão corretas.
  - e. Todas as alternativas estão corretas.
- 5) “O caráter é uma das credenciais de autoridade para que o pastor ministre em nome de Deus. Certamente não é uma pessoa sem falhas humanas ou defeitos, mas certamente é uma pessoa séria com Deus e com Sua Palavra, que tem uma conduta irrepreensível.”

Assinale (V) para Verdadeiro e (F) para Falso:

- (     ) Antes de cuidar de outros, o pastor deve cuidar de si e de sua vida familiar.
- (     ) Um mau caráter, para o pastor, é uma pregação contrária à pregação do Evangelho.
- (     ) Um caráter reprovável não invalida o exercício do ministério pastoral, desde que haja compreensão por parte do rebanho.
- (     ) O fundamento do caráter vem da maneira como o ministério pastoral é exercido.
- (     ) Para o pastor, caráter significa viver em santidade, diante de Deus e dos homens.



## LIVRO

### O Pastor Aprovado

Richard Baxter

**Editora:** PES

**Sinopse:** Este livro é um dos mais extraordinários já publicados na língua inglesa. Sobre ele, Spurgeon se expressou desta forma: “Se você quiser conhecer a arte de argumentar, leia O Pastor Aprovado. Richard Baxter é o escritor mais poderoso [da sua época]”. Dr. J. I. Packer descreve Baxter como: “o mais notável pastor, evangelista e escritor sobre temas práticos e devocionais que o puritanismo produziu”. Philip Doddridge escreveu: “O Pastor Aprovado é um livro fenomenal... extraordinário. Muitos ministros são apenas sombras do que poderiam ser se seguissem esforçadamente os conceitos e princípios expostos nesse tratado incomparável”. Richard Baxter levava a sério o encargo pastoral. A oração dos editores desta “pérola puritana” é que ela sirva de grande proveito para todos os seus leitores na língua portuguesa.



## LIVRO

### Um Recado para Ganhadores de Almas

Horatius A. Bonar

**Editora:** Vida Nova

**Sinopse:** Um recado para ganhadores de almas é a expressão da dedicação de Horatius Bonar ao ministério da Palavra. Nesta obra, ele não apresenta métodos de evangelização ou coisa parecida; sua preocupação está mais voltada para a vida do ministro de Deus.





LIVRO

## **Por que tarda o pleno avivamento?**

Leonard Ravenhill

**Editora:** Betânia

**Sinopse:** AVIVAMENTO. Sem dúvida esta é uma das palavras mais desgastadas no vocabulário evangélico brasileiro. Mas, quando Leonard Ravenhill escreve sobre avivamento, ele não toma partido entre carismáticos e tradicionais e nem toma conhecimento das questões debatidas entre eles.

Para ele, a questão não é se tocamos bateria em nossos cultos ou se levantamos as mãos em adoração ou louvor. Ele nos chama a levantar um clamor a Deus para que ele fenda os céus e desça com poder e autoridade a fim de tornar o seu nome notório na presença de seus adversários, fazendo as nações tremerem diante dele. Muitos perguntam: Por que tarda o pleno avivamento? Ravenhill responde com palavras incisivas e inconfundíveis, visando despertar uma igreja confusa, mundana e enfraquecida, para um grande derramamento do Espírito Santo de Deus, que a capacitará a cumprir o seu papel de Família de Deus, Corpo, Noiva e Habitação de Cristo.





## FILME

### A Segunda Chance

A Segunda Chance é um filme que conta a história de dois homens muito diferentes que aprenderam juntos uma lição importante sobre a verdadeira função da Igreja. Ethan Jenkins (Michael W. Smith) é um homem com seus trinta anos. Depois de se desgastar viajando como músico, resolveu voltar e trabalhar com seu pai. Seu pai é Jeremiah Jenkins, um pastor conhecido e respeitado como o principal líder da “Church the Rock”, uma super Igreja, que tem os cultos transmitidos pela TV, mas que na verdade parece uma produtora. Ethan é consagrado a pastor suplente da “Church the Rock” e passa a viver o ministério como um negócio, não como um chamado para abençoar vidas da comunidade. Diante da situação, Jeremiah decide que seu filho precisa aprender um pouco mais sobre o que é o trabalho de uma igreja e o envia para auxiliar na “Second Chance Community Church”, Igreja que ajudou a implantar nos anos 60. Nessa nova experiência Ethan conhece Jake (Jeff Obafemi Carr), que pastoreia a “Second Chance Community Church”, e que luta para manter a unidade da Igreja e a paz de uma comunidade, que mais parece uma zona de guerra e sofre com a violência, o tráfico de drogas e os desmandos das quadrilhas. Mas os dois pastores, mesmo professando a mesma fé e com o mesmo objetivo, vão bater de frente, pois ambos têm formas diferentes de trabalhar. Porém, para que a Igreja seja restaurada e pessoas da comunidade sejam salvas, eles terão que aprender o verdadeiro sentido da Igreja e vencer seus próprios conceitos e temperamentos para cumprirem o propósito de Deus.

Comentário: Um filme realmente maravilhoso para refletirmos sobre a essência do ministério pastoral e os paradigmas da atualidade.





## NA WEB

Uma palestra do historiador Leandro Karnal, professor da UNICAMP, sobre as mudanças no mundo contemporâneo, em relação às gerações passadas, na cultura, nos valores e nos costumes. Ele termina fazendo afirmações sobre os desafios para a espiritualidade neste mundo em que estamos inseridos (mundo de modernidade líquida). Embora não seja uma palestra de cunho cristão, há vários aspectos abordados que são muito interessantes para a reflexão sobre a prática e os desafios para o ministério pastoral.

Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tMwYxv9xf4M>>.



## REFERÊNCIAS

- CARLSON, R. et al. **Pastor Pentecostal: Teologia e Práticas Pastorais**. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Editora Candeia, 1997.
- COUCH, M. (Org.). **Os Fundamentos para o Século 21: examinando os principais temas da fé cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- COMBLIN, J. **A força da Palavra**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- DUEWEL, W. **Em Chamas para Deus**. 3. ed. São Paulo: Editora Candeia, 1996.
- GRENZ, S. J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- KREITZER, L. J. Reino de Deus/Cristo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 1054.
- HOFF, P. **O Pastor como Conselheiro**. São Paulo: Editora Vida, 1996.
- LIN, D. Planejando o culto de adoração em comum acordo com o Espírito. In: CARLSON, Raymond et al. **O Pastor Pentecostal: teologia e práticas pastorais**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 616.
- LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- LOPES, E. P. **Fundamentos da Teologia Pastoral**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- LOPES, H. D. **De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008.
- LUTZER, E. **De Pastor para Pastor**. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- MACARTHUR Jr., J. **Redescobrimo o Ministério Pastoral: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- PETERSON, E. **O pastor que Deus usa: cinco pilares da prática pastoral**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Textus, 2000.
- SOUZA, E. Q. de. **O ministério pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- WIERSBE, Warren W.; SUGDEN, H. F. **Respostas às perguntas que os pastores sempre fazem**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- ZABATIERO, J. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.



## ***GABARITO***

1. A
2. C
3. C
4. C
5. V-V-F-F-V



# FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA LITURGIA CRISTÃ

UNIDADE



## Objetivos de Aprendizagem

- Analisar o conceito e a prática da adoração no Antigo Testamento.
- Analisar o conceito e a prática da adoração no Novo Testamento.
- Discernir práticas litúrgicas na Igreja Primitiva, na Patrística e na Reforma Protestante.
- Analisar a liturgia do culto cristão na contemporaneidade.
- Analisar a influência da liturgia cristã na elaboração da fé.

## Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- As formas de adoração e liturgia no Antigo Testamento
- As formas de adoração e liturgia no Novo Testamento
- A liturgia e a homilética na Igreja Patrística e Reformada
- A necessidade de uma liturgia contextualizada
- A liturgia e a articulação da fé



## INTRODUÇÃO

Olá, aluno(a)! Nesta Unidade, vamos tratar de aspectos sobre a adoração a Deus, um dos assuntos mais importantes para a fé cristã, já que a Bíblia nos revela que Deus requer adoradores que o adorem em Espírito e em Verdade. Antes de sermos pastores, teólogos, líderes, diáconos etc somos adoradores.

Também vamos tratar da adoração na perspectiva da liturgia do culto, afinal a liturgia expressa e modela a fé. Assim, o exercício do ministério pastoral deve estar atento à liturgia da adoração, no culto público na Igreja. O culto proporciona “[...] a oportunidade para expressões de louvor, instrução doutrinária e ética, além de um sentimento vital da proximidade de Deus” (SHEDD, 1987, p. 194). A vida comunitária, em culto a Deus, é uma característica essencial do Cristianismo.

A liturgia cristã é a maneira como a fé cristã é expressada em forma de culto a Deus. É “[...] um trabalho executado pelas pessoas em benefício de outras” (WHITE, 1997, p. 20), com o objetivo de, comunitariamente, adorar a Deus.

Além disso, a liturgia é importante porque ela expressa como é a fé em Deus e acaba por delinear a crença dos participantes. A liturgia modela a fé ao mesmo tempo em que é modelada pela fé. Com seus símbolos e ritos, tem caráter pedagógico e, por isso, é tão importante ser devidamente analisada.

O culto cristão “[...] contesta a justiça humana e aponta para o dia em que todas as conquistas e fracassos serão julgados”, ao mesmo tempo em que “[...] oferece a esperança e a promessa, pela afirmação de que, em última análise, tudo está nas mãos de Deus” (WHITE, 1997, p. 16).

Para compreendermos e apreciarmos as raízes bíblicas do culto cristão, vamos observar a liturgia da adoração a Deus no Antigo e no Novo Testamentos, na Igreja da Patrística e na Igreja da Reforma. Ao final, refletiremos sobre a liturgia contextualizada aos nossos dias e finalizaremos a unidade compreendendo a importância da liturgia para o ensino da fé.

## AS FORMAS DE ADORAÇÃO E LITURGIA NO ANTIGO TESTAMENTO

A adoração no Antigo Testamento estava vinculada ao templo, ao sistema de sacrifícios e às festividades. Acontecia por meio de ritos, estabelecidos por Deus ao seu povo. Russel P. Shedd (1987, p. 187) explica que no Antigo Testamento “Deus fez provisão para períodos de tempo diários, semanais, anuais e mesmo de gerações, para o cumprimento da obrigação de culto em Israel”. A missão de Israel, segundo o autor, consistia em “[...] tornar o nome e a vontade de Deus conhecidos por todas as nações” (SHEDD, 1987, p. 212).

A centralidade da adoração no Antigo Testamento estava no “[...] sacrifício diário, no descanso do sábado ou do sétimo dia, nos primeiros dias do mês e nas cinco festas anuais do período pré-exílico”, que nas palavras do autor “[...] foram divinamente determinados” (SHEDD, 1987, p. 187). Os chamados “Tempos designados” eram centrais na adoração de Israel porque “[...] expressavam eventos passados, nos quais Deus agira, e nunca deveriam ser esquecidos” (SHEDD, 1987, p. 187).

A adoração no Antigo Testamento estava, portanto, vinculada a datas, festividades e lugares. Shedd (1987) menciona essa realidade de adoração com a instituição do sábado, por exemplo: “[...] esta festa semanal foi instituída para lembrar ao homem a sua responsabilidade de adorar a Deus em ‘tempos e lugares determinados’, bem como para proporcionar ao corpo físico o descanso necessário” (SHEDD, 1987, p. 188). O autor ainda afirma que:

Durante e após o exílio, a proeminência do sábado aumentou. O surgimento da sinagoga aumentou ainda mais a centralidade da adoração no sábado (cf. Lc 4.16). A santidade do sábado é refletida por atitudes tais como as expressas pelo escritor de Jubileus (50.13). Ele exige a pena capital para punir a transgressão no sábado. A Mishna é mais clemente, e prescreve apenas uma oferta pelo pecado (Sanh.7.8). (SHEDD, 1987, p. 188).

Para John Frame (2006), “[...] o sábado semanal tornou-se parte de um sistema de sábados”. O autor lembra que havia alguns “[...] dias sabáticos especiais além do sábado semanal, durante a observação da Páscoa e em outras ocasiões especiais”, citando Lv 25.1-7; e observando que “[...] no quinquagésimo ano, o ano

que se seguia ao sétimo ano sabático, ocorria o jubileu, durante o qual as propriedades que haviam sido vendidas retornavam à família do proprietário original”, citando Lv 26.8-13. Para o autor, estas eram instituições as quais eram expressões de adoração, no Antigo Testamento (FRAME, 2006, p. 42).

Além de dias sagrados para a adoração, o Antigo Testamento também mostra que a adoração acontecia num espaço sagrado. Shedd (1987, p. 196) lembra que “[...] especialmente após o êxodo e a instituição da lei, o levantamento do tabernáculo significava localizar a glória de Deus no Lugar Santo”. Ainda, o autor lembra que Israel foi proibido de erigir altares sacrificiais em qualquer lugar (conforme Dt 12.5, 11; 15.20; 16.2; 17.8). Além disso, também lembra que era no “Santo dos Santos, aquele aposento santo, respeitável primeiramente no tabernáculo e depois no templo onde Deus ‘residia’”.



©shutterstock

John Frame (2006, p. 45) destaca que:

[...] tanto o tabernáculo quanto o templo eram especialmente devotados ao culto sacrificial. Mas eram, também, lugares de oração (1Rs 8.22-53; Is 56.7; Mt 21.3; At 3.1), de prestar juramentos (1Rs 8.22-53), de cantar louvores (1Cr 15.16-22; 25.1-31) e de ensinar (Mt 26.55; Lc 2.41-52; At 5.21).

Portanto, a adoração no ambiente do Antigo Testamento estava associada a um local, no caso, o tabernáculo ou o templo.

A adoração no Antigo Testamento também era mediada por sacerdotes, oriundos da tribo de Levi. De acordo com Frame (2006, p. 45), esses sacerdotes “[...] ofereciam sacrifícios no tabernáculo e no templo e eram encarregados de dirigir o culto. Na realidade, serviam como mediadores entre Deus e Isarel, representando o povo diante de Deus”. Tinham também a função de ensinar a Lei, conforme Lv 10.11, julgar questões de impureza cerimonial, conforme Lv 13-15, e, ainda, resolver assuntos civis. Shedd (1987, p. 211-212) explica que:

O sacerdócio sob a Antiga Aliança, unido ao templo, sacrifica e festeja como uma parte essencial do rito estabelecido por Deus, por meio do qual o Seu povo poderia adorá-lo. Os sacerdotes eram pontes vivas entre o Deus santo e o homem pecador. O significado do termo “sacerdote” (kohen, em heb. ) é “aquele que fala a verdade”, e mostra a ligação íntima que a sua função tinha com a profecia. Uma vez que Deus tinha confiado a Israel Seus oráculos (Rm 3.2), a nação foi consagrada como um “reino de sacerdotes” (Ex 19.6). A missão de Israel consistia em tornar o nome e a vontade de Deus conhecidos por todas as nações.

Ainda de acordo com Shedd (1987, p. 196), a adoração, no contexto do Antigo Testamento, é “[...] o protocolo pelo qual se pode entrar na presença divina”. Esse protocolo não se restringia ao exercício litúrgico religioso, mas se estendia a todas as partes da vida, uma vez que “[...] a Lei de Moisés dirigia todas as áreas da vida de Israel, não apenas aqueles aspectos que consideramos ‘religiosos’” (FRAME, 2006, p. 40). John Frame destaca que a Lei de Moisés continha leis para:

[...] oração e sacrifício; exortava Israel a ouvir e a obedecer à voz do Senhor, a cantar louvores a ele e a realizar ritos religiosos. Ao mesmo tempo, dirigia também o governo civil nas penalidades aos vários crimes. Governava o calendário do povo, sua vida familiar, relações sexuais, sistema econômico, dieta e o ciclo de trabalho e descanso.



Essa Lei que trazia implicações para todas as áreas da vida era uma forma de adoração a Deus. Assim, John Frame (2006, p. 40) conclui que “[...] uma vez que Israel era o povo escolhido de Deus, sua própria existência como comunidade deveria ser uma expressão de culto. A vida total da nação era culto, separada de Deus”. Nesse sentido, o autor menciona que “[...] santidade é um conceito litúrgico, faz parte do culto”, na concepção do Antigo Testamento.

John Frame (2006, p. 47) ressalta que:

[...] no Antigo Testamento, o vocabulário culto refere-se tipicamente às ofertas sacrificiais no tabernáculo ou no templo, os quais não eram realizados nas sinagogas. Entretanto, os que assistiam nas sinagogas prestavam honra a Deus, e honra é um aspecto característico do culto [não podendo] haver discussão sobre a aprovação de Deus para essa instituição.

Ainda:

Após o Exílio, os líderes de Israel reconheceram que o ensino das Escrituras era a maior e mais essencial prioridade para a restauração de Israel como poder de Deus na terra prometida. A tradição judaica cita Esdras como o fundador da sinagoga. A longa assembleia durante a qual ele ensinou a lei de Deus ao povo reunido (Ne, 8.9) é, às vezes, conhecida como a “Grande Sinagoga”. [...] É interessante notar, no entanto, que a sinagoga e o templo eram muito diferentes em relação à sua fundamentação escriturística: Deus regulamentava em detalhes o culto sacrificial no tabernáculo e no templo, exigindo que o povo procedesse estritamente de acordo com o modelo revelado. No entanto, ele praticamente não diz nada a Israel com respeito à sinagoga (ou, neste sentido, nem sobre os ministérios de ensino e oração que tinham lugar ao redor do templo), deixando o planejamento de suas reuniões amplamente entregues ao discernimento do povo (FRAME, 2006, p. 47).

Como vemos, e nos esclarece Shedd (1987, p. 196), a adoração no Antigo Testamento era litúrgica e associada ao sistema de sacrifícios, à mediação por sacerdotes, e também estava vinculada no tempo e no espaço.

## AS FORMAS DE ADORAÇÃO E LITURGIA NO NOVO TESTAMENTO

A adoração, no contexto do Novo Testamento, não está vinculada a espaço e tempo, sendo um erro compartimentar a adoração em “horas de duração”, como menciona (SHEDD, 1987, p. 185). Para ele, “[...] os evangélicos têm a tendência de separar a centralidade do senhorio de Cristo, biblicamente fundamentada, do viver cotidiano, de modo que a adoração se torna, com efeito, compartimentada em cápsulas de uma hora de duração”. Para o Novo Testamento, segundo o autor, “[...] a adoração invade toda a vida com a presença e a glória de Deus”. Além disso, Russel Shedd (1987, p. 189-190) explica que:

Tão logo a nova criação (2 Co 5.17) foi inaugurada, os primeiros cristãos adotaram uma visão distinta de tempo e adoração. O tempo, aparentemente, tornou-se universalizado, ou seja, perdeu seu caráter sacro. Mas, ao permanecer com o senhorio do Cristo glorificado, a visão cristã santificou todos os tempos. Não há dúvida que a igreja judaica continuou a observar os sábados e a celebrar as festividades judaicas, mas a motivação não era mais por causa de uma obrigação divina. As antigas práticas eram consideradas meramente um fenômeno cultural. (SHEDD, 1987, p. 189-190).

Nesse contexto, Russel Shedd (1987, p. 190) explica que, na perspectiva do Novo Testamento, “[...] não há mais um dia semanal, literalmente falando; o descanso foi mudado para a herança da salvação que cristãos, fiéis a Cristo, compartilham e esperam”. Ele destaca que “[...] pode-se procurar em vão qualquer alusão que apoie a crença de que o autor” de Hebreus estivesse pensando em “[...] horas determinadas para se adorar a Deus”, por exemplo.

John Frame (2006, p. 49) reforça que “[...] a partir da perspectiva do Novo Testamento, podemos perceber os vários elementos que apontam para Jesus no culto do Antigo Testamento”. O autor ressalta a revelação do Novo Testamento, em contraste com o Antigo, de que “[...] os sacrifícios do Antigo Testamento deveriam ser feitos todos os dias, continuamente, o que demonstrou sua ineficiência para abolir o pecado. Mas o sacrifício que Jesus fez de si mesmo sobre a cruz resolveu o problema do pecado, “de uma vez por todas”. Adoração litúrgica, para o autor, é o fato de que “[...] nele, em Jesus, encontramos-nos com Deus

(Jo 1.14). Sua morte pelo pecado e sua gloriosa ressurreição nos levam espontaneamente ao louvor” (FRAME, 2006, p. 49).



©shutterstock

Russel Shedd (1987, p. 198) concorda com essa centralidade em Cristo na adoração litúrgica do Novo Testamento, afirmando que “[...] a adoração verdadeira, então, precisa ser oferecida ao Pai em resposta ao Espírito e controlada pela verdade”. O autor explica:

O Novo Testamento apresenta consistentemente a unidade essencial da igreja com Jesus Cristo, obtida através da presença do Espírito, tal como a glória Shekinah encheu o templo (1Rs 8.10s; 2 Cr 7.1s). Apenas os nascidos do Espírito podem ver o Reino de Deus (Jo 3.3, 5). Jesus recebeu o Espírito sem medida (3.34) e a Ele o Pai designou para batizar em ou com o Espírito (1.33; cf. Mc 1.8ss). A adoração verdadeira, então, precisa ser oferecida ao Pai em resposta ao Espírito e controlada pela verdade (Jo 4.23). Paulo reforça esta perspectiva em Filipenses: “Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus [...]” (3.3). Não pode haver nenhuma adoração aceitável separada do Espírito. (SHEDD, 1987, p. 198).

Por essa razão, Larry W. Hurtado (2011, p. 135) afirma que, a partir da perspectiva do Novo Testamento, “[...] a adoração deve ser entendida como a participação terrena em uma realidade celestial”. Daí a necessidade da mediação do Espírito

Santo, como explica Russel Shedd (1987, p. 198). A adoração, no Novo Testamento, não é, portanto, mediada por sacerdotes como no Antigo Testamento.

Na igreja do Novo Testamento, não há um grupo especial de sacerdotes como em Israel do Antigo Testamento. Ao contrário, todos nós apresentamos a Deus sacrifícios “espirituais” de louvor, orações, conduta piedosa e a totalidade de nossa existência (Rm 12.1; Fp 2.17; 4.18; Hb 13.15-16) (FRAME, 2006, p. 53).

Por causa dessa realidade do Espírito Santo, a partir do Novo Testamento,

[...] não somos apenas sacerdotes; mas também, templos. Nossos corpos são templo do Espírito Santo (1Co 6.19) [...] apenas “nele”, em Cristo, poderemos ser reunidos uns aos outros, num templo santo. Somos um templo apenas enquanto formos corpo de Cristo (FRAME, 2006, p. 53).

A adoração cristã, portanto, é centrada em Cristo, por meio do Espírito Santo. Nesse sentido, o autor explica que:

O templo literal não existe mais; não há mais sacrifícios animais; não existe mais um sacerdócio araônico. Circuncisão e festas anuais não são mais requeridas. Valorizamos todas essas ordenanças por seu testemunho de Cristo, mas uma vez que ele veio e realizou cabalmente a redenção, não existe necessidade de observarmos esses ritos. Na realidade, sua observação literal desviaria nossa atenção do cumprimento final da salvação em Jesus (FRAME, 2006, p. 54).

Assim:

[...] o culto cristão deveria ser repleto de Cristo. Chegamos-nos ao Pai unicamente por meio dele. No culto, olhamos para Jesus como nosso todo suficiente Senhor e Salvador. Cristo deve ser, com absoluta certeza, proeminente e penetrante em todas as circunstâncias do culto cristão (FRAME, 2006, p. 53-54).

Russel Shedd (1987, p. 189) destaca que “[...] para os cristãos, no relacionamento da Nova Aliança com Deus, o tempo é fundamental, por causa da salvação que Deus proporcionou na história”. Não o tempo no sentido de “tempos designados” para a doração, como no Antigo Testamento, explica o autor, mas tempo no sentido de que: “[...] a adoração pelo Espírito, sob o amparo da Nova Era, rompe, decisivamente, com o conceito dos “tempos designados” para a adoração

prescrita sob a Velha Era”. Lembrando que Nova e Velha Eras, para o autor, tem o sentido de Nova e Velha Alianças. Shedd (1987) entende que a vinda de Cristo ao mundo “trouxe ao homem o significado da história”.

Para esclarecer a mudança no sentido da adoração, no Novo Testamento, em relação ao Antigo, Shedd (1987, p. 197) faz referência ao encontro de Jesus com a mulher samaritana:

Aspectos adicionais do pronunciamento de Jesus podem ser encontrados na Sua conversa com a mulher de Sicar. Lugares santos, tais como Gerizim e Jerusalém, não exigiriam mais a reunião de adoradores verdadeiros. Tanto judeus como samaritanos não teriam mais acesso a Deus via cerimônias realizadas nos recintos sagrados da adoração tradicional. A presença divina seria encontrada unicamente em Cristo e, por extensão, na comunidade com Ele identificada. Esta nova verdade, que provocou uma reação violenta por parte dos judeus, foi reiterada por Estêvão. Claramente devemos entender que a vida ressurreta de Jesus e a vinda do Espírito anularia as distinções geográficas “santas”. A glória shekinah, antigamente localizada no templo, então habitaria exclusivamente no Filho (Jo 1.14), e seria compartilhada com todos os que nEle habitam (Jo 17.22).

Em resumo, no Antigo Testamento, a adoração estava circunscrita a um local, a um momento, e dependia de mediadores. No Novo Testamento, ela está centrada em Cristo e é pelo Espírito. A verdadeira adoração, portanto, não depende de um local, não está reservada a algum momento específico e não depende mais de mediadores. Apesar disso, Shedd (1987, p. 187) consegue identificar que a mudança no conceito de adoração entre o Antigo e o Novo Testamentos não se trata de uma mudança de conteúdo, mas de forma:

Embora a diferença na forma de adoração no Novo Testamento seja mais marcada pelo modo cristão de encarar o tempo, o templo, o sacrifício e o sacerdócio, não há rompimento com o ideal vétero-testamentário quanto à verdadeira adoração. Homens como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Moisés e Davi eram pessoas de fé (Hb 11). Eles adoravam segundo os padrões de Deus. O homem não está livre para adorar conforme sua própria vontade, mas apenas em “verdade”, isto é, de acordo com os mandamentos de Deus. As suas expressões externas de adoração nasciam naturalmente do seu relacionamento genuíno com Deus. W. J. Dumbrell acertou em cheio o ideal do A. T. ao concluir sua análise de Isaías 6 afirmando que “a adoração certa é o reconhecimento adequado da autoridade divina sobre a nação e sobre o mundo”.

Assim, a fonte e o modelo da adoração é “[...] aquele que nos une a Si no próprio sacerdócio da Nova Aliança” (SHEDD, 1987, p. 213). O “[...] acesso ao Santo dos Santos está limitado àqueles que foram incorporados na ‘casa de Deus’ sobre a qual Ele governa (Hb 3.6; 10.19, 21)” (SHEDD, 1987, p. 213).

## A LITURGIA E HOMILÉTICA NA IGREJA PATRÍSTICA E REFORMADA

De acordo com Larry W. Hurtado (2011, p. 57):

[...] o ambiente físico da adoração cristã primitiva era o lar; na maioria dos casos, provavelmente os lares dos cristãos de situação financeira relativamente melhor, os quais dispunham de recursos econômicos que lhes permitiam espaço suficiente para acomodar as reuniões de adoração.

Isto porque a liturgia da Igreja Primitiva acontecia nesses espaços. Nesse contexto, o autor identifica as duas marcas principais que caracterizavam a adoração na Igreja Primitiva:

1) Cristo é reverenciado como divino juntamente com Deus e 2) a adoração de todos os outros deuses é rejeitada. [...] a exclusividade que caracterizava a adoração cristã primitiva, o que para Wayne Meeks “talvez seja a característica mais estranha do cristianismo, bem como do judaísmo, aos olhos de um pagão comum” (HURTADO, 2011, p. 55).

A questão da santidade da adoração, como marca característica da vida, para a Igreja Primitiva, era semelhante aos padrões tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. A adoração a Deus por meio de Cristo também tinha o caráter de separação da vida a Deus em todos os aspectos. Hurtado (2011) exemplifica esta questão mencionando as instruções do apóstolo Paulo “a seus convertidos gentios de Corinto”. De acordo com o autor, essas instruções exigiam:

[...] dos crentes que abrissem mão de diversas atividades religiosas fora da adoração cristã. Os cristãos, por exemplo, não deveriam participar juntamente com seus vizinhos de eventos culturais em honra explícita a outros deuses, tais como festas sacrificiais e jantares dedicados a divindades. Também seria considerado extremamente questionável participar de paradas religiosas exuberantes e de outras cerimônias em honra aos deuses da cidade (HURTADO, 2011, p. 56-57).

O autor explica que, “[...] embora Paulo permitisse a seus convertidos gentios de Corinto o contato social com vizinhos pagãos sob certas condições” (HURTADO, 2011, p. 56), a conduta desses convertidos deveria ser de segregação. A liturgia na Igreja Primitiva seguia um viés ainda judaico, tendo no padrão da sinagoga seu principal modelo, de acordo com James White (1997, p. 114). Assim, White (1997) ensina que a liturgia na Igreja primitiva foi moldada por esse padrão da sinagoga, da Palavra falada, com o padrão da celebração eucarística, na condição de “sinal executado”, instituído por Cristo. Quanto à liturgia na Igreja da Patrística, moldada por esse padrão, o autor comenta que:

Embora a união de palavra e sacramento possa ter ocorrido antes, o primeiro indício que temos dela aparece na *Primeira Apologia* de Justino Mártir, escrita em Roma em meados do séc. 2. Justino nos deu dois exemplos de uma reunião eucarística. A primeira segue-se a um batismo. Os recém-batizados (provavelmente na Páscoa) são conduzidos à assembleia eucarística, que oferece oração pelas pessoas recém-batizadas, dá o ósculo da paz e imediatamente inicia a eucaristia. Parece que a iniciação, quando celebrada, substituiu a liturgia da palavra, mas não a eucaristia (WHITE, 1997, p. 114).



## SAIBA MAIS

Patrística é a designação àquele ramo da Teologia (e da história) que estuda os chamados pais da Igreja cristã. Esses estudos incluem as vidas, os escritos e as doutrinas dos primeiros e mais proeminentes líderes da Igreja cristã pós-apostólica.

Alguns têm chamado de pais a líderes proeminentes da Igreja cristã que viveram até o século VIII d.C. Alguns poucos desses vultos, devido à sua influência extraordinária, também têm sido assim chamados, até mesmo depois desse tempo, como Tomás de Aquino (1225-1274). Contudo, talvez seja correto dizer que os pais chegaram até João Damasceno (675-749).

Fonte: Champlin, R. N. (1997).

A liturgia de culto de adoração comunitária, de acordo com James White (1997), ocorria, no período da Patrística, aos domingos e envolvia a liturgia da Palavra e da Eucaristia:

O outro ofício que Justino descreve parece ser o culto dominical normal: No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo permite, as Memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces. Depois de terminadas, [...] oferece-se pão, vinho e água [...].’ (WHITE, 1997, p. 114).

Larry W. Hurtado (2011, p. 124-125) ensina que a Igreja da Patrística tinha uma liturgia de adoração centrada em Cristo. Isso exigiu que essa liturgia recebesse um tratamento teológico para que o conceito do monoteísmo fosse preservado. Nesse contexto, o autor ressalta o trabalho de Atanásio de Alexandria na articulação teológica dessa liturgia.

Ao defender esse ponto de vista, Atanásio tinha em mente uma teologia que fosse genuinamente monoteísta e permitisse, ao mesmo tempo, a prática devocional cristã tradicional que fazia de Cristo objeto de adoração juntamente com Deus, embora não se confundissem (HURTADO, 2011, p. 124).



Além disso, Hurtado (2011) ressalta as implicações do trabalho de Atanásio, “Contra os Arianos”, para a prática devocional da Igreja na Patrística:

Cremos que ele acertou ao postular que a teologia e a adoração cristãs deveriam ter alguma relação recíproca genuína. Isso significa que as discussões sobre Deus e a cristologia entre os teólogos não devem levar em conta apenas as questões de foro intelectual. É preciso que elas lidem também com a prática devocional que está no cerne das igrejas cristãs. Portanto, se o monoteísmo genuíno exclui a divindade de Cristo, como insistem alguns hoje, disso se segue que a devoção cristã teria de fazer uma distinção muito clara entre a reverência dada a Cristo e a Deus. Caso contrário, os cristãos incorreriam no risco de violar seu compromisso histórico professo de adorar exclusivamente o verdadeiro Deus único. Cumpre observar, entretanto, que, se tal distinção tão drástica fosse feita, o modelo inteiro da prática devocional cristã tradicional teria de ser radicalmente alterado (HURTADO, 2011, p. 124-125).

Em relação ao dia comum para o encontro litúrgico de adoração na Igreja da Patrística, Russel Shedd (1987, p. 191) colabora explicando que:

Em meados do segundo século, Justino, o Mártir, tinha identificado o viver cristão com o sábado perpétuo que consiste de abster-se do pecado, não do trabalho. Irineu encarava o sábado como um símbolo do futuro reino de Deus, no qual aqueles que serviram a Deus “num estado de descanso, participariam da mesa de Deus”. Tertuliano declarou: “Nós não temos nada a ver com as festividades judaicas”. Orígenes disse do cristão perfeito: “Todos os seus dias são do Senhor e ele está sempre observando o dia do Senhor”, embora reconhecesse que a maioria era incapaz de guardar cada dia como uma festa.

Robert Godfrey (2012) ensina que, no período da Reforma, a liturgia cristã estava centralizada no ensino da Palavra.

As igrejas da Reforma (e também, numa extensão significativa, as igrejas antes da Reforma) não somente procuravam ter a Bíblia como guia de sua adoração, mas também procuravam encher a adoração com a Palavra de Deus (GODFREY, 2012, p. 21).

O autor explica que “[...] o padrão clássico da adoração protestante era a do ministro conduzir a adoração”, e que esse padrão “[...] surgiu no Novo Testamento” (GODFREY, 2012, p. 26). James White (1997), por sua vez, comenta sobre o rito litúrgico característico da Igreja da Reforma:

Na tradição reformada, ocorreu uma mudança maior, baseada na suposição de que se estava seguindo a igreja antiga. Trataremos de João Calvino primordialmente porque sua Forma de Orações Eclesiais [...] segundo o Costume da Igreja Antiga de 1542 (Genebra, Estrasburgo, 1545) foi a fonte a partir da qual esta tradição se difundiu, embora grande parte de sua originalidade se deva a Martinho Bucer. O ofício é fortemente penitencial e didático. Esta tradição parecia apreciar muito as confissões de pecados medievais. O rito começa com uma vigorosa oração de confissão observando que somos “incapazes de qualquer bem, e em nossa depravação transgredimos infinita e incessantemente os santos mandamentos”. Segue-se a absolvição, depois um elemento introduzido por Bucer, o canto do Decálogo. Faz-se uma oração espontânea, canta-se um salmo metrificado para então se pronunciar uma oração de coleta rogando por iluminação, elemento este supostamente comum no culto cristão antigo, mas que, ao invés disso, tornou-se uma contribuição distintivamente reformada. Seguem-se a leitura e o sermão. Uma longa oração pastoral de intercessão, uma petição e uma paráfrase do Pai-Nosso precedem a bênção de encerramento. Calvino preferia que todas as semanas ocorresse a eucaristia, mas foi contrariado pelo conservadorismo dos magistrados genebrinos que não estavam acostumados a receber a comunhão com frequência. Mas é importante que o modelo para o culto dominical na tradição reformada tenha sido a liturgia da palavra, não o ofício diário. O canto dos salmos veio a ser uma marca característica do culto reformado. Eles proporcionam um alegre contraste com o rigoroso caráter penitencial e disciplinar do culto (WHITE, 1997, p. 119).

A liturgia na Igreja Reformada, portanto, estava pautada na Palavra, com ênfase no caráter de confissão, penitencial e de absolvição dos pecadores. Robert Godfrey (2012, p. 10) esclarece o pensamento de Calvino, que fundamentava essa prática litúrgica:

João Calvino chamou, de maneira apropriada, o coração humano de “uma fábrica de idolatria”, querendo dizer que a adoração fiel não acontece naturalmente nos seres humanos caídos. Pecadores se tornam idólatras porque Deus plantou tão profundamente a necessidade dEle mesmo nos corações humanos, que quando não conhecemos ao Deus verdadeiro, inventamos falsos deuses, falsas religiões e falsa adoração. Deus adverte contra tal adoração idólatra no primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim”. A adoração idólatra de falsos deuses é condenada por toda a Bíblia.

Hermisten Maia, por sua vez, ensina que “[...] o cântico congregacional tornou-se parte importante na liturgia de Calvino” (2007, p. 134). O autor explica que Calvino entendia que instrumentos musicais no culto “[...] faziam parte da infância espiritual do povo” e por isso esses cânticos eram sem acompanhamento instrumental. Além disso, o autor também ensina que as orações eram recitadas de forma espontânea, mas eram previamente escritas, sendo que “[...] o pai-nosso e o credo-apostólico eram recitados pela congregação”. No culto reformado, “a palavra de Deus recebeu” atenção central, o que, para o autor, foi simbolizado, inclusive, pelos edifícios erguidos durante a Reforma, que tinham o púlpito “[...] à frente e no centro do templo”. Também “[...] foi posta como elemento integrante do culto público” a eucaristia.



©shutterstock

James White (1997), nesse contexto, faz uma explanação do culto reformado de acordo com o Westminster Directory, uma abordagem puritana de culto, de 1645:

A ordem para o “culto público de Deus” é a seguinte: o ministro chama a congregação para o culto e inicia uma oração lembrando as pessoas de “sua própria vileza e indignidade para se aproximar tanto dele [Deus]; com sua extrema incapacidade de, por si próprios, [realizar] tamanha obra”. Segue-se a leitura da Palavra (“ordinariamente um capítulo de cada testamento” na base da *lectio continua*), canta-se um salmo, faz-se intercessão, uma oração pastoral muito longa de confissão e intercessão, pregação da palavra, oração de ação de graças, o Pai-Nosso, um salmo cantado e uma bênção. Esta liturgia da palavra forneceu por vários séculos a estrutura básica do culto para boa parte da tradição reformada de fala inglesa. A pregação é obviamente o ato dominante do culto. A abordagem medieval, com ênfase na confissão de pecados e na penitência, é evidente, mas há claros ganhos na recuperação das leituras do Antigo Testamento, na alta consideração pela salmodia congregacional e na importância da pregação (WHITE, 1997, p. 119-120).

Russel Shedd (1987) sublinha que o espírito dos reformadores elaborou uma liturgia que tinha por alta estima a centralidade na Palavra de Deus. Nas palavras do autor: “Creio que foi Lutero que recebeu um elogio, porque tinha se firmado sobre a Palavra de Deus. O reformador rejeitou as congratulações. ‘Não me firmo em cima mas coloco-me debaixo da Palavra’, retrucou o líder mais famoso de sua geração” (SHEDD, 1987, p. 66).

## A NECESSIDADE DE UMA LITURGIA CONTEXTUALIZADA

A liturgia do culto cristão na contemporaneidade deve ter uma perspectiva bíblica. Larry W. Hurtado (2011, p. 122) argumenta que “[...] a adoração e o pensamento cristãos contemporâneos devem buscar uma relação genuína e de confiança com os precedentes bíblicos, estruturando-se, ao mesmo tempo, à luz dos fatores históricos em processo”. Já Russel Shedd (1987) comenta que “[...] nem a forma correta nem a liberdade de expressão devem ter significado máximo na adoração”. Para o autor, a adoração cristã, no culto, deve ser fruto de um “[...] amor sincero e um relacionamento pessoal obediente a Deus”. O autor destaca a definição de A. P. Gibbs, que “[...] define a adoração como ‘a ocupação do coração, não com as suas necessidades, ou mesmo com as suas bênçãos, mas com o próprio Deus’” (SHEDD, 1987, p. 185).

Robert Godfrey comenta que “[...] a adoração protestante tradicional tem provavelmente sido forte na reverência, e o que tem sido chamado “adoração contemporânea”, frequentemente parece entusiasticamente alegre” (GODFREY, 2012, p. 20). O contraste entre as duas perspectivas está no sentido de que “[...] a adoração tradicional pode proceder tão mecanicamente e formalisticamente que a emoção parece ausente. A adoração contemporânea pode ser tão insistente sobre a alegria e o excitamento que a reverência e a alegria podem ser perdidas” (GODFREY, 2012, p. 20). Para o autor, o que realmente importa é se há um equilíbrio bíblico em cada uma dessas perspectivas litúrgicas de adoração, porque:

À medida que procuramos o equilíbrio, devemos começar lembrando que a adoração corporativa é um encontro com o nosso Deus, que é um fogo consumidor; e para isto acontecer, devemos conhecer a vontade de Deus com respeito a como devemos adorar. Este conhecimento vem somente através do conhecimento da Sua Palavra (GODFREY, 2012, p. 20).

Godfrey (2012, p. 20) acredita que esse equilíbrio deve ser um objetivo na prática litúrgica contemporânea, marcado por “[...] uma combinação de alegria e temor”. Lembrando que “[...] reverência nem sempre significa quietude, e alegria nem sempre significa barulho. Alegria e reverência são as primeiras de todas as atitudes do coração pelas quais procuramos expressões apropriadas na adoração”

(GODFREY, 2012, p. 20). Além disso, Russel Shedd (1987, p. 216) destaca que “[...] devemos viver todo tempo em serviço alegre. Cada ato obediente pertence, inseparavelmente, ao campo da adoração (1Co 10.31; Cl 3.17)”.

A liturgia contemporânea dos cultos pode sofrer ênfase no individualismo e na lógica de consumo, como vimos na Unidade I. Por isso, Godfrey (2012) alerta que na liturgia da Igreja contemporânea:

[...] devemos estar certos de que estamos agradando a Deus e não entretendo a nós mesmos. A tentação de transformar a adoração num entretenimento é grande, pois, como pecadores, estamos muito mais inclinados a sermos centrados em nós mesmos do que centrados em Deus. Somos muito mais inclinados a divertir a nós mesmos do que servir a Deus (GODFREY, 2012, p. 33).

Assim, a música “[...] é um elemento poderoso e vital na vida de adoração” (GODFREY, 2012, p. 33) e nos cultos contemporâneos. Por essa razão, de acordo com o autor, precisamos “[...] dar uma cuidadosa atenção a ela”. O perigo para a expressão de culto a Deus na liturgia contemporânea, portanto, como diz Shedd (1987, p. 192) é o de que “[...] quando o fogo do Espírito é brando, intensifica-se o impulso externo no sentido de se santificar a forma”.



©shutterstock

Há certa discussão em relação à liturgia contemporânea se o teatro e a dança deveriam ser usados como forma de culto a Deus. Godfrey (2012, p. 24) argumenta que:

“[...] o drama e a dança eram meios de comunicação muito bem conhecidos no mundo antigo, mas os apóstolos e a igreja do Novo Testamento não os usaram. Antes, a igreja usava o discurso – que Paulo chama de “a loucura da pregação” (1 Coríntios 1:21-23) – para comunicar Cristo.

Para o autor (2012, p. 24), o Novo Testamento “[...] não dá nenhuma dica de que o drama ou a dança seriam apropriados para a adoração cristã”:

Frequentemente ouvimos hoje que vivemos numa cultura visual, onde o discurso perdeu seu poder e relevância. Precisamos de drama, dança ou vídeos para nos conectar com as pessoas em nossos dias, alguns argumentam. Mas o mundo de Paulo também era visualmente orientado. Os templos pagãos tinham imagens e rituais impressionantes. O teatro e o drama eram muito mais importantes do que o são agora. Ainda assim, a igreja usou a pregação para comunicar o Evangelho, convencida de que a pregação comunicava a Cristo, que era Ele mesmo “o poder de Deus e a sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:24). A igreja tem sempre sido uma igreja do Livro, a revelação verbal de Deus (GODFREY, 2012, p. 24).

John Frame (2006, p. 132), porém, não acompanha a opinião de Godfrey (2012), considerando que “Deus, muitas vezes, ensina seu povo por meio do drama”. Para ele, “[...] o drama no culto não é nenhuma novidade”, já que “[...] o livro de Jó, os sacrifícios e festas do Antigo Testamento e, no Novo Testamento, os sacramentos são reencenações dos grandes feitos de Deus na redenção”. O autor arremata que:

Se admitirmos que a Palavra de Deus pode ser pregada ou ensinada por mais de um orador ou professor, que o ensino pode ser feito usando-se o diálogo e que a substância da mensagem que pregamos possui inevitavelmente elementos dramáticos, então não poderemos fazer objeção ao drama como forma de ensino (FRAME, 2006, p. 132).

É provável que Russel Shedd (1987) tenha razão em enfatizar que o conteúdo da liturgia é na verdade a essência do culto a Deus, mais do que sua forma. A discussão sobre a forma da liturgia contemporânea pode ofuscar esse aspecto. Assim, Shedd (1987, p. 216) ensina que “[...] devemos viver todo tempo em serviço alegre. Cada ato obediente pertence, inseparavelmente, ao campo da adoração (1

Co 10.31; Cl 3.17)”. O autor lembra que a verdadeira adoração, na perspectiva do Novo Testamento, transcende as questões de momento, de local, de mediação. A forma também não deve ser priorizada em detrimento da essência, pois as regras e as formas sucumbiram perante a realidade de Cristo:

Consequentemente, atribuir “santidade” legalista a certos dias, estações ou festividades significa realmente aniquilar a própria essência do “aperfeiçoamento” (peplēromenoi) pelo qual fomos levados em Cristo (Cl 2.10-23; Gl 4.9). A seleção opcional de dias, horas ou períodos para a oração (Cf. 1 Co 7.5) ou a observação de qualquer rito religioso nunca devem ofuscar esta concepção se quisermos evitar uma volta ao cativeiro dos espíritos elementares (stoicheia, “elementos (espíritos?) do universo” (Cl 2.8; Gl 4.9). A obrigação anterior da lei sucumbiu perante o impulso da “lei do Espírito da vida em Cristo” (Rm 8.2) (SHEDD, 1987, p. 216).

As formas da liturgia contemporânea devem ser capazes de comunicar com eficácia a realidade espiritual da vida em Cristo. O zelo com as formas deve ser no sentido de que sejam eficazes nisso. Nesse sentido, essa realidade a ser eficazmente comunicada pela liturgia contemporânea é descrita da seguinte forma por Shedd (1987, p. 197-198):

Os cristãos são todos ocupantes dos “apostos” (monai) na segurança da casa do Pai. Há apenas um templo que põe todo o povo de Deus numa unidade coletiva única. Uma “habitação” (monē) precisa estar ligada rigorosamente à “morada” (menein) dos discípulos-ramos, como indica o termo raiz “habitar” (Jo 15.4-7). Aqueles que amam e guardam a Palavra de Jesus, Ele dá a garantia do amor do Pai e do Filho, (paralelo à vinda através do Espírito) para fazer neles a Sua moradia trinitária (monē, 14.23).

Para os cristãos, “[...] o mundo físico e material deve ser abordado de um ponto de vista espiritual” (SHEDD, 1987, p. 196). Sua adoração litúrgica transcende as categorias espaço e tempo. Diferentemente do Antigo Testamento, tem ênfase no conteúdo, “em espírito e em verdade”, mais que na forma. Embora o conceito de adoração seja o mesmo nas duas Alianças, como vimos, o formalismo da primeira cedeu primazia ao Espírito da segunda.



## REFLITA



Adorar é dar glória a Deus incondicional, amorosa e obedientemente. Seu enfoque mais importante é um encontro dinâmico e transformador de vida com Deus. É, então, que Deus pode curar feridas, mover corações teimosos, impulsionar-nos para a obra ou desafiar-nos para uma fé mais profunda.

Fonte: Lin, D. (2005, p. 616).

## A LITURGIA E A ARTICULAÇÃO DA FÉ

A liturgia é importante não apenas porque orienta o culto de adoração a Deus, mas também porque, por meio dela, a fé é articulada, por meio de seus símbolos, ritos e formalismos. Hermisten Maia (2007) salienta que “[...] a Igreja através da história, expressou sua fé de modo vivo e vibrante mediante hinos, elaborando sua teologia de forma clara e simples, a fim de que todos pudessem entendê-la e cantá-la” (MAIA, 2007, p. 136). Para o autor, a música na Igreja, por exemplo, como elemento litúrgico “[...] foi empregada não simplesmente pela [própria] música, antes, de tal forma que estivesse a serviço da mensagem e da letra do próprio evangelho” (MAIA, 2007, p. 136).

Em resumo, como explica Russel Shedd, “[...] a liturgia é teologia representada, a resposta humana a Deus e ao seu favor. As formas persistem enquanto o conteúdo evapora ou muda o seu centro de Deus para o homem” (SHEDD, 1987, p. 185). Apesar disso, Shedd reconhece que “[...] de um modo geral, os cristãos não estão conscientes de que sua adoração reflete a teologia prática da comunidade onde estão inseridos” (SHEDD, 1987, p. 185). O autor ainda defende que:

Se um culto realizado não tem o objetivo fundamental de tornar Deus real e pessoal, é costume incluir-se “feno e palha” que não edificam os participantes e nem exaltam ao Senhor. A maneira como uma igreja adora reflete a teologia da comunidade. Os teólogos de Westminster que compuseram a famosa confissão e catecismo no Século XVII criam que o principal alvo do homem era glorificar a Deus e alegrar-se nEle eternamente. Para essa finalidade fomos criados. Para isso Jesus morreu e ressuscitou (SHEDD, 1987, p. 8).

Um perigo constante, portanto, da liturgia é o de articular uma fé não bíblica. Esse perigo consiste no fato de que, “[...] na medida em que o culto concentra-se no homem, em vez de Deus, suscita-se a noção falsa de que Deus é um simples espectador que acompanha nossa atividade, como um avô que se diverte com as brincadeiras de seus netos”, alerta Russel Shedd (1987, p. 8). “Mas a verdade é bem outra. Deus é perfeito em santidade (Mt 5.48), Criador e Juiz do universo (Tg 4.12). Devemos-Lhe tudo o que exalta a Sua dignidade” (SHEDD, 1987, p. 8). A liturgia precisa esclarecer essa realidade e firmá-la nos cristãos. Por isso, Shedd adverte que:

[...] se nossa adoração não incentiva os membros da comunidade cristã a reconhecerem a dignidade de Deus e do Cordeiro (Ap 5.9-12), ela falha em princípio. Jesus Cristo é digno de receber o “poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória e louvor” (v.12) (SHEDD, 1987, p. 8).

James White (1997, p. 16), desse modo, argumenta que “[...] a igreja ganha sua identidade no culto na medida em que sua verdadeira natureza é tornada manifesta e ela é levada a confessar sua própria essência”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liturgia cristã rege o modo como os adoradores de Deus expressam sua adoração, comunitariamente, em forma de culto. No Antigo Testamento, de forma pedagógica, Deus instruiu o povo de Israel em como deveria ser a adoração, a qual estava associada a um local, o templo; a um momento no tempo, expresso em dias e festividades; e também estava associada a mediadores, os sacerdotes. Todo esse processo pedagógico de Deus com o seu povo apontava para a realidade definitiva da adoração, em Jesus Cristo, sendo prenúncios dessa realidade maior.

No Novo Testamento foi inaugurada a Nova Aliança de Deus com o seu povo, levando a adoração para muito além das formas e rituais. Na revelação do Novo Testamento, a adoração, pelo sacrifício de Cristo, não está mais associada a locais, momentos ou mediadores. A adoração, agora pelo Espírito, sobre todo crente, o insere numa realidade em que tudo em sua vida se torna espiritual e expressão de sua adoração a Deus, não havendo mais elementos limitadores. Embora a forma seja completamente outra, dada a grandeza e a liberdade conquistadas pelo sacrifício de Cristo, é importante dizer que o conteúdo da adoração permaneceu sempre o mesmo. Isto porque o foco da adoração é o reconhecimento da grandeza de Deus.

Vimos de que maneira a liturgia articula a adoração não apenas na Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, mas também como ela se desenvolveu na própria Igreja Primitiva, na Patrística e, posteriormente, na Reforma. Também refletimos sobre a necessidade de uma liturgia contextualizada ao nosso mundo hoje, a qual guarde os mesmos conceitos, mas que seja capaz e eficiente em articular a fé para nossa geração.

Nesse sentido, uma das funções da liturgia é a articulação da fé. Aprendemos a respeito de Deus, de sua vontade e dos fundamentos da fé por meio dos ritos, dos cânticos, dos cerimoniais, etc. Esta é uma implicação importante para o ministério pastoral. Assim, a elaboração da liturgia dos cultos e cerimoniais não deve perder de vista que a fé cristã está sendo comunicada e, portanto, seu conteúdo deve ser fiel. Trata-se de um zelo do ministério pastoral.



## O PASTOR GUIA CONSTANTEMENTE PARA O REFRIGÉRIO ESPIRITUAL

Todo cristão precisa de tempos especiais de refrigério. “Leva-me para junto das águas de descanso” (Sl 23:2) fala da provisão de constantes oportunidades da parte de Deus para matar a sede espiritual. É normal que o cristão deseje mais e mais de Deus, pois os cristãos que não têm sede espiritual estão espiritualmente enfermos.

A água fala do ministério do Espírito Santo. Deus nos criou para sermos cheios com o Espírito, para reconhecemos a presença do Espírito e para almejarmos evidências da operação do Espírito. Estou falando também da sensação da presença de Deus em um serviço e evidente no ministério dos servos-líderes de Deus.

A verdade sem esta bênção especial do Espírito não basta para satisfazer-nos. A mais bela verdade pode ser apresentada de maneira morta (2 Co 3:6). Em alguns cultos, a parte humana prevalece tanto que é bem pouca a evidência da operação do Espírito. O líder não pode controlar a operação e manifestação do Espírito, mas ele pode fazer muito para preparar o caminho para a presença reconfortante do Espírito a ser manifestada.

**1. As suas instruções para o coro e os cantores especiais preparam o caminho para o refrigério de Deus.** As suas ordens para que preparem os seus corações pela oração, para escolher seus números musicais em oração, para dar ênfase à compreensão da palavra e não apenas ao tom de voz, para fazer do hino uma mensagem de Deus, e sua ênfase em que os números musicais deles se tornem parte do ministério do Espírito — tudo isso pode ajudá-los a serem usados pelo Espírito. O seu tempo de oração com eles antes do culto pode fazer muito para ajudá-los a sentir sua dependência do Espírito.

**2. O preparo do seu coração para a oração em público promove o ministério de refrigério do Espírito.** Você deve entregar sua oração pastoral antecipadamente a Deus para a Sua bênção, assim como a sua mensagem. Leve toda a congregação à presença de Deus. Tudo isto tem grande significado no preparo do caminho para o refrigério do seu povo pelo Espírito.

**3. O preparo da congregação para cobrir cada culto com oração a dispõe para o ministério reconfortante do Espírito.** Você pode providenciar para que um número selecionado de membros, escolhido por turnos, passe meia hora em oração no sábado e depois no domingo de manhã (ou pelo menos 15 minutos ambas as vezes). Eles devem interceder pela presença reconfortante de Deus durante todo o culto. Você também pode providenciar um grupo de voluntários para se reunir quarenta minutos antes de o culto começar. Spurgeon tinha um grupo grande orando durante o culto, mas ele possuía uma congregação maior, da qual podia escolher esses membros e, portanto, a audiência não ficava muito reduzida.

A sua meta deve ser uma tal sensação da presença de Deus no seu culto que todos — salvos e não salvos — sejam dominados pelo Espírito de Deus, fiquem conscientes da presença de Deus e se inclinem perante Deus em nova obediência à Sua vontade. Paulo





indicou que isto é possível quando o Espírito usa os cultos para sondar os corações dos presentes, revelando necessidades íntimas, pecados e fracassos esquecidos e a grande provisão de Deus para cada necessidade. Paulo disse que o não salvo podia ficar tão convencido de que Deus estava em seu meio que “prostrando-se [...] adorará a Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós!” (1 Co 14:25).

Não só os não salvos ficarão profundamente comovidos, mas os salvos podem ficar ainda mais impressionados, sendo movidos pelo Espírito para o caminho da vontade de Deus ao reconhecerem com reverência a santa presença de Deus. Deus manifestamente entre vós; o próprio Deus falando através dos hinos, das orações e da mensagem; a mão de Deus sobre o culto — este deve ser o seu alvo.

Só o ministério santo do Espírito num culto trará a água refrescante do Espírito para abrandar a fome espiritual. Isto pode manifestar-se de várias maneiras. Trará vida e alegria especiais aos cânticos. Promoverá um silêncio santo em grande parte do culto. Poderá resultar em lágrimas silenciosas de alegria quando a Palavra de Deus for lida ou enquanto você liderar as orações pastorais. Acrescentará um senso especial da unção de Deus sobre a sua mensagem e sobre você como mensageiro de Deus. Ajudará a Palavra de Deus a tornar-se viva e a falar pessoalmente ao coração dos ouvintes. Poderá resultar numa percepção especial da presença de Deus. Poderá acrescentar uma liberdade especial para responder quando, no encerramento, você desafiar a congregação a assumir um compromisso.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 117-120).



## ATIVIDADES



1. Sobre a adoração litúrgica no Antigo Testamento, assinale a questão correta:
  - a) As festividades do Antigo Testamento tinham caráter social e cultural, mas não litúrgico.
  - b) Os sacerdotes do Antigo Testamento eram coadjuvantes que contribuíam com a da fé do povo.
  - c) A liturgia tem caráter didático-pedagógico em relação à fé, ao mesmo tempo em que expressa a fé.
  - d) O sistema de sacrifícios do Antigo Testamento não precisava de uma liturgia porque não era um culto.
  - e) Os símbolos e os ritos são tão necessários nos tempos do Novo Testamento quanto no Antigo.
2. Analise as proposições abaixo:
  - I A liturgia na Igreja primitiva e patrística é caracterizada por uma adoração monoteísta, centralizada unicamente em Jesus Cristo.
  - II Na Igreja do Novo Testamento, não há um grupo especial de sacerdotes, como em Israel do Antigo Testamento.
  - III A verdadeira adoração, portanto, não depende de um local, não está reservada a algum momento específico e não depende mais de mediadores.
  - IV A guarda do sábado era uma expressão de adoração a Deus no Antigo Testamento.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas II e III estão corretas.
- c) Apenas I está correta.
- d) Todas as alternativas estão corretas.
- e) Nenhuma das alternativas está correta.

## ATIVIDADES



3. Analise as proposições abaixo:

- I Na liturgia do culto reformado, os hinos e cânticos foram centralmente enfatizados.
- II Os cultos contemporâneos devem buscar equilíbrio entre a Palavra e a Música.
- III Alegria e reverência são as primeiras de todas as atitudes do coração pelas quais procuramos expressões apropriadas na adoração
- IV Embora o conceito de adoração seja o mesmo nas duas Alianças, como vimos, o formalismo da primeira cedeu primazia ao Espírito da segunda.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas I e II estão corretas.
  - b) Apenas II e III estão corretas.
  - c) Apenas I e IV estão corretas.
  - d) Apenas III e IV estão corretas.
  - e) Apenas a II, III e IV estão corretas.
4. Discorra sobre as diferenças e semelhanças da adoração litúrgica entre o Antigo e o Novo Testamento.
5. De acordo com Larry W. Hurtado (2011, p. 57), “[...] o ambiente físico da adoração cristã primitiva era o lar; na maioria dos casos, provavelmente os lares dos cristãos de situação financeira relativamente melhor, os quais dispunham de recursos econômicos que lhes permitiam espaço suficiente para acomodar as reuniões de adoração”. Com base nessa afirmação, discorra sobre o caráter comunitário da adoração litúrgica na Igreja Cristã.



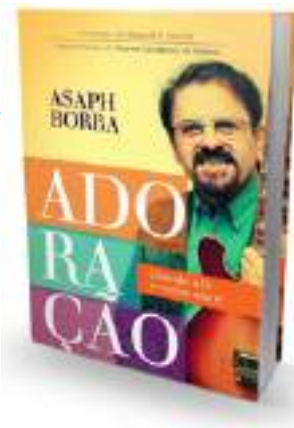
## LIVRO

### **Adoração: quando a fé se torna amor**

Asaph Borba

**Editora:** RTM

**Sinopse:** Esse livro tem uma mensagem clara e contundente. Adoração não trata de apenas uns minutos consagrados à liturgia no culto de domingo. É um estilo de vida mais do que um estilo de música. Tem mais a ver com o ser do que o realizar. A adoração que Deus procura, segundo Asaph Borba, deve ser uma expressão de nosso conhecimento íntimo de Deus por meio de Jesus Cristo; é um conhecimento íntimo de Deus por meio de Jesus Cristo; é um conhecimento através da Palavra de Deus e do Espírito Santo em comunhão com o Corpo de Cristo. Deus se preocupa em convencer-nos de que a idolatria rouba a adoração devida somente a ele. Por isso, acontece frequentemente nas igrejas que, o que deveriam ser música e palavras para a honra de Deus, tornam-se um espetáculo! Em vez de aproximar-se realmente do Pai da glória, aproximam-se mais dos shows dos famosos cantores do mundo. Quantas vezes os lábios pronunciam declarações de amor, mas o coração está longe de Deus. (RUSSELL SHEDD)





## REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Editora Candeia, 1997.

FRAME, J. M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

GODFREY, R. **Agradando a Deus em nossa adoração**. Recife: Editora Os Puritanos, 2012.

HURTADO, L. W. **As Origens da Adoração Cristã**: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LIN, David. Planejando o culto de adoração em comum acordo com o Espírito. In: CARLSON, Raymond et al. **O Pastor Pentecostal**: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 616.

MAIA, H. **Fundamentos da teologia reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SHEDD, R. P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

RYLE, J. C. **Adoração**: prioridade, princípios, e prática. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

WHITE, J. F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.



## GABARITO

1. C
2. D
3. D
4. A adoração litúrgica do Antigo Testamento era condicionada a tempos (dias, festividades, locais (templo ou tabernáculo) e a mediadores (sacerdotes). A adoração litúrgica do Novo Testamento não tem essas restrições, pois ocorre pelo Espírito, derramado sobre todo cristão. É a dimensão do livre acesso a Deus.
5. A adoração litúrgica na Igreja Primitiva tinha caráter comunitário. Acontecia em grupos nas casas dos primeiros cristãos. Não estava condicionada a formalismos, sacerdotes (mediadores). Não estava condicionada ao Templo ou à Sinagoga. Há relatos bíblicos de que os primeiros cristãos reuniam-se em adoração litúrgica (culto) nas casas, como no caso de Maria, mãe de João Marcos e Cornélio, para citar dois exemplos.



## LITURGIA E CULTO



### Objetivos de Aprendizagem

- Estudar os fundamentos da Adoração Pública.
- Analisar os Sacramentos cristãos.
- Estudar a dinâmica do culto público.
- Analisar a função da diaconia.
- Estudar a função do culto na Missão da Igreja.

### Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Adoração
- Sacramentos
- Celebração
- Diakonia
- Culto Público e Missão da Igreja



## INTRODUÇÃO

Olá, aluno(a)! Nesta unidade, vamos estudar um pouco mais sobre a adoração e o culto público. Também vamos estudar sobre o conceito de diaconia e a importância do uso dos sacramentos na liturgia. O exercício do ministério pastoral está intimamente ligado à realização de cultos de adoração a Deus. Esse é, portanto, um assunto muito importante a ser estudado. James White (1997, p. 11) explica que “[...] a definição do que caracteriza especificamente o culto cristão é uma ferramenta vital para qualquer pessoa que tenha a responsabilidade de planejar, preparar ou conduzir o culto cristão”.

Russel Shedd (1987, p. 5), por sua vez, conta a estória de uma criança que vê um anúncio convidado as pessoas a cultuarem numa igreja. A criança pergunta ao seu pai: “o que significa cultuar?”, e o pai lhe responde: “significa ir à igreja e escutar o sermão do pregador”. É possível que esta seja a definição de culto de muitos membros da Igreja, mas será que ela está correta? “Qual seria o principal objetivo das reuniões na igreja? Adorar ou evangelizar e aprender?” (SHEDD, 1987, p. 5). É atribuída ao grande escritor cristão A. W. Tozer a frase de que “a adoração é a joia perdida da Igreja Evangélica”. Talvez ele tenha alguma razão. Além disso, é possível que muitos pensem que tudo o que acontece num culto é cultuar a Deus. Mas, será?

Quando cultuamos a Deus, colocamos em ordem nossa vida, porque “[...] adorar implica em peneirar nossos valores. Comunhão com Deus é ou não nosso alvo? Ele, ou nossos interesses, oferecem a maior atração? Cultuar, portanto, é pôr em ordem bíblica as nossas prioridades” (SHEDD, 1987, p. 16).

Nesta unidade, vamos revisar o conceito de adoração, na perspectiva do culto público. Também vamos abordar outros elementos latentes ao culto que são de fundamental importância ao ministério pastoral, como os sacramentos, seus usos e significados; assim como a diaconia, como expressão do sacerdócio universal dos crentes. Vamos finalizar ressaltando os principais propósitos que devem ser alcançados por meio dos cultos públicos.

## ADORAÇÃO

Ronald Allen (2002, p. 16) define a adoração como “[...] uma reação ativa a Deus, pela qual declaramos sua dignidade. A adoração não é passiva, mas sim participativa. Adoração não é simplesmente um clima; é uma reação. Adoração não é apenas uma sensação; é uma declaração”. Para o autor, a essência da adoração é a celebração a Deus.

Já Russel Shedd (1987, p. 15) afirma que “[...] adorar e cultuar, juntamente com palavras como fé e amor, pertencentes aos mais profundos níveis da verdade cristã, não se enquadram facilmente dentro de definições nítidas”. Para o autor, qualquer tentativa de se definir o termo adoração será falha, limitada a uma definição verbal. Mesmo assim, menciona a adoração como “[...] o transbordar de um coração grato, impulsionado pelo sentimento do favor divino”.

Joseph Carroll (1999, p. VII-VIII), citando A. W. Tozer, menciona que:

[...] a adoração é a gema ausente do evangelicalismo moderno. Somos organizados. Trabalhamos. Temos nossas agendas. Temos quase tudo. Mas há uma coisa que as igrejas, mesmo as mais evangélicas, não têm: competência para adorar. Não temos cultivado a arte da adoração. Esta é a gema brilhante que a igreja moderna perdeu. Creio que temos que procurá-la até que a encontremos.

Nesse contexto, J. C. Ryle (2010, p. 5) ensina que a “[...] adoração pública sempre foi uma marca dos servos de Deus [...] Deus fez uso desse poderoso princípio e ensinou o seu povo a adorá-lo de modo coletivo, em público, e de modo individual, em particular”. Para o autor, a adoração tem uma dimensão privada, que refere-se ao adorador, individualmente, em sua comunhão com Deus; e uma dimensão pública, no ajuntamento dos adoradores, para prestarem culto de adoração a Deus. Destacando essa dimensão pública, James White (1997, p. 17) comenta:

Ideias um tanto semelhantes são expressas a partir da perspectiva ortodoxa pelo falecido professor Georg Florovsky: “O culto cristão é a resposta dos seres humanos ao chamado divino, aos ‘prodígios’ de Deus, culminando no ato redentor de Cristo”, Florovsky faz questão de enfatizar a natureza comunitária desta resposta ao chamado de Deus: “A existência cristã é essencialmente comunitária; ser cristão significa estar na comunidade, na igreja.” É nesta comunidade que Deus atua no culto, tanto quanto os próprios cultuadores. Como resposta à obra de Deus tanto no passado quanto em nosso meio, “o culto cristão é primordial e

essencialmente um ato de louvor e adoração, que também implica grato reconhecimento pelo amor abrangente e bondade redentora de Deus”.

Dadas essas dimensões da adoração, Robert Godfrey ( 2012, p. 13) prefere analisar a adoração sob três perspectivas: a) referindo-se a toda a vida do cristão; b) referindo-se “[...] àqueles tempos pessoais de oração louvor, reflexão ou leitura da bíblia, quando nos focamos em Deus”; e c) referindo-se “[...] ao tempo quando os cristãos se reúnem oficialmente, como uma congregação para louvar a Deus”. Para o autor, em nossos dias, esse terceiro aspecto da adoração deve receber atenção especial:

Este terceiro uso da adoração, a adoração corporativa, merece atenção especial por duas razões. Primeiro, a arena da adoração corporativa é onde a maior parte da guerra da adoração está sendo travada. Mudanças na adoração corporativa precisam de exame cuidadoso em nosso tempo. Segundo, muitos cristãos parecem ter uma medida de preconceito contra a adoração corporativa como uma prioridade na vida dos crentes. Eles parecem crer que a adoração oficial da igreja não é muito importante. Eles acham-na muito formal e impessoal. Eles sentem que os momentos individuais de oração e leitura da Bíblia, ou as experiências de pequenos grupos, são muito mais importantes no cultivo de uma proximidade com Deus do que a adoração corporativa. Algumas das recentes mudanças na adoração corporativa refletem um esforço para fazê-la mais parecida com a atividade de um pequeno grupo. Contudo, à medida que examinarmos o ensinamento da Bíblia sobre a adoração e o seu conteúdo, vemos que a adoração corporativa é vitalmente importante para todo cristão obediente e em crescimento (GODFREY, 2012, p. 14).

Citando Hebreus 10.25, o autor menciona que a adoração em comunidade é uma resposta a Deus, “[...] caracterizada por gratidão e temor. Especialmente em reação à obra salvadora de Deus, devemos ser gratos e cheios de alegria” (GODFREY, 2012, p. 18). Contribuindo com o autor, Ronald Allen (2002, p. 18-19) descreve um quadro da adoração pública útil à nossa compreensão de “adoração pública” no culto:

Quando adoramos a Deus, nós o celebramos: nós o exaltamos, cantamos-lhe louvores e nos orgulhamos dele. Adoração não é a vibração casual do prelúdio do órgão que de vez em quando inunda o ambiente; celebramos a Deus quando permitimos que o prelúdio sintonize o nosso coração com a glória de Deus por meio da música. Adoração não é

resmungar orações ou cantar hinos com pouca meditação e muito menos coração; celebramos a Deus quando nos reunimos seriamente em oração e intensamente em canto. Adoração não é o uso de palavra de auto-exaltação ou de clichês enfadonhos quando se pede para alguém dar um testemunho; celebramos a Deus quando nos vangloriamos de seu nome para o bem do seu povo. Adoração não são pensamentos irrelevantes ou elementos fragmentados, afirmações tolas ou direcionamentos com objetivos incoerentes; celebramos a Deus quando todas as partes do culto se complementam e cooperam para um mesmo fim. Adoração não é dar de má vontade ou prestar um serviço obrigatório; celebramos a Deus quando damos a ele com alegria e o servimos com integridade. Adoração não é a música indiscriminada mal tocada, nem mesmo a boa música executada apenas como uma apresentação; celebramos a Deus quando nos deleitamos com a música e participamos dela para a sua glória. Adoração não é suportar distraído o sermão; celebramos a Deus quando ouvimos a sua Palavra com prazer e procuramos ser moldados por ela, cada vez mais à imagem de nosso Salvador. Adoração não é um sermão mal preparado e pregado com displicência; celebramos a Deus quando honramos a sua Palavra com as nossas, por meio do seu Espírito. Adoração não são movimentos apressados para nos juntarmos à mesa do Senhor de qualquer jeito; celebramos a Deus preeminentemente quando, cheios de gratidão, tomamos parte da cerimônia que fala de nossa fé focalizada no Cristo que morreu por nós, que ressuscitou em nosso favor e que retornará para o nosso bem.

Russel Shedd (1987, p. 6) destaca que Deus “[...] rejeita a liturgia dos ‘anciãos’ ou a da denominação à qual pertencemos se esta não for bíblica. De modo semelhante aos romanos, se o ventre for o nosso Deus (Fp 3.19), o culto que oferecermos será abominação e insulto a Deus, três vezes Santo (Is 6.3)”. A adoração devida a Deus demanda exigências por parte dos adoradores. Por isso, Shedd (1987) argumenta que “[...] se Deus quer verdadeiros adoradores, Ele só se alegrará com aqueles que correspondem às Suas exigências”. O autor, assim, nos alerta para uma falsa adoração pessoal ou pública, prestada a Deus, quando a vida do adorador (ou adoradores) não é correta para com Deus. Shedd (1987, p. 6) ainda destaca que:

[...] adorar a Deus requer que, aquele que se aproxima do Senhor para adorá-lo, guarde-se de uma vida pecaminosa, indiferente aos Seus mandamentos, porquanto sua adoração será sem sentido; será uma falsa adoração, mesmo que os atos sejam perfeitos.



Atos perfeitos que não são frutos de um coração aceitável a Deus, pois serão mero exercícios religiosos, mas não adoração. Além disso, o autor argumenta que a verdadeira adoração a Deus terá “seus reflexos na vida daquele que cultua”. Robert Godfrey (2012, p. 17), analisando textos bíblicos sobre a adoração, conclui:

Estas passagens mostram que o Senhor considera Sua adoração muito seriamente. Elas nos mostram mui especificamente que nossa adoração deve refletir tanto a grande obra salvadora de Deus em Cristo como Seu santo zelo pela pureza da adoração. Somente tal adoração será aceitável a Ele. Quando Hebreus 12:28 fala de adoração aceitável, ele quer dizer adoração que é primeiramente aceitável a Deus.

Com o objetivo de compreender as dimensões e implicações da adoração, Russel Shedd (1987) nos apresenta um estudo sobre o assunto, a partir do uso do termo “adoração” no Novo Testamento.

## ADORAR SIGNIFICA RENDER-SE

O autor nos informa que o termo “adorar” aparece no Novo Testamento como *proskuneō* 58 vezes (juntamente com suas variantes). O termo significava, originalmente, “beijar”. Desse modo, ele esclarece que “[...] entre os gregos era um termo técnico que significava “adorar os deuses”, dobrando os joelhos ou prostrando-se. Beijar a terra ou a imagem, em sinal de adoração, acompanhava o ato de prostrar-se no chão” (SHEDD, 1987, p. 17). O autor explica que esse gesto de “curvar-se diante de uma pessoa e ir até o ponto de beijar seus pés” significa um reconhecimento de inferioridade, de superioridade do outro e o colocar-se à inteira disposição.

Adoração, portanto, tem o sentido de rendição, do ponto de vista bíblico. Shedd (1987) explica ainda que esse termo é o que foi usado para traduzir “a palavra hebraica shachah na Septuaginta”. O autor esclarece que foi esse o termo traduzido por “adorar” na passagem de Jesus com a mulher samaritana:

Com este termo, Jesus anulou a validade do culto tradicional da mulher de Sicar e seus conterrâneos samaritanos. Tanto o local como a preocupação com o templo não tinha mais importância alguma. Enquanto a mulher argumentava que era o monte Gerezim (local perto de Sicar onde durante séculos passados os samaritanos adoravam e ofereciam

seus sacrifícios), Jesus declarou que somente “em espírito e verdade” os verdadeiros adoradores adorarão o Pai (Jo 4.23) (SHEDD, 1987, p. 18).



#### SAIBA MAIS

A Septuaginta é a mais antiga tradução grega do Antigo Testamento [...] a Septuaginta foi traduzida em Alexandria, Egito, por uma equipe de setenta eruditos (daí sua designação comum pelos numerais romanos LXX). [...] Não se sabe a data exata da tradução, mas evidências indicam que o Pentateuco da Septuaginta foi completado no século III a.C. [...] A Septuaginta foi o texto-padrão do Antigo Testamento usado pela Igreja Primitiva.

Fonte: Norton, M. R. (1998, p. 230-232).

## ADORAR SIGNIFICA SERVIR

O segundo termo para adoração, empregado cerca de 90 vezes na Septuaginta, é “latreia”, que significa “servir”. Foi o termo usado no relato da tentação de Jesus (Mt 4.10), sendo que o termo empregado também no relato de Moisés com o Faraó egípcio (Ex 4.23; 8.1; 20; 9.1), para que “[...] os israelitas partissem para servir (latreuein) a Deus”. O sentido é o de “[...] cultivar e oferecer atos de adoração que agradem ao Deus da Aliança”, conforme nos ensina Russel Shedd (1987, p. 19). O autor comenta ainda que:

O significado central deste termo surge de latron (“ordenado”, no grego secular foi usado para indicar um trabalho pago e, mais tarde, um trabalho não pago). Mantém a idéia de servir. Tanto no A.T. como no N.T. a relação entre o homem e Deus não deixa de ser a de servir como escravo (âbad em hebraico; douleuô em grego). Na carta aos Hebreus, que tem uma ligação mais estreita com o A.T., quatro referências (das seis) tratam do culto judaico no templo, (At 8.5; 9.9; 10.2; 13.10). Nos outros dois casos, notamos que a razão pela qual Jesus se ofereceu por nós foi para que tenhamos consciências limpas, para podermos servir (latreuein) ao Deus vivo (9.14). Hebreus acrescenta que somente os que

“têm graça” (lit.12.28) podem agradar a Deus pelo seu “serviço”, oferecendo culto com reverência e santo temor. A profetisa Ana, uma viúva de 84 anos, servia (latreousa) ao Senhor no templo, numa adoração de jejuns e orações, noite e dia (Lc 2.37) (SHEDD, 1987, p. 19).

Este é o sentido empregado em Rm 12.1, “[...] para descrever o corpo entregue a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável” (SHEDD, 1987, p. 20). O autor afirma que “[...] somente pelas misericórdias de Deus podemos oferecer tal adoração que agrade a Deus”. O sentido aqui, segundo Shedd, é o de que “[...] a vida corporal representa toda a potencialidade e a capacidade do homem, inclusive sua inteligência, energia, experiência e dedicação”. Assim, “[...] uma vez ofertado integralmente, o corpo santificado como sacrifício a Deus, será aceito como culto genuíno (gr. *logikên*)” (SHEDD, 1987, p. 20). Dividir, portanto, “[...] a lealdade, na tentativa de servir a dois senhores, deve ser reconhecido como ‘culto falso’” (SHEDD, 1987, p. 21), adverte o autor.

## ADORAR SIGNIFICA REALIZAR SERVIÇO SACERDOTAL

Russel Shedd (1987, p. 23) explica que *leitourgeō* é o terceiro empregado no Novo Testamento, cujo sentido é “adorar”. Trata-se de um termo composto “[...] de duas palavras gregas, “povo” (*laos*) e “trabalho” (*ergon*). Significava originalmente fazer trabalho público, mas pagando sozinho as despesas”.

Cidadãos com renda acima de um nível estipulado eram obrigados a gastar seus próprios recursos em serviço religioso. Também um ateniense rico podia cumprir tais obrigações voluntariamente, por um motivo patriótico e religioso ou à procura de reconhecimento. Passou de origem secular para o religioso, de modo que os tradutores do A. T. também usaram frequentemente este termo, para indicar o ministério sagrado dos sacerdotes.

Esses aspectos de esclarecimentos dos termos bíblicos empregados para o termo “adorar” são importantes para compreendermos mais profundamente o significado e as implicações da adoração. À luz desse esclarecimento, poderíamos concordar com Shedd (1987), que afirma que “[...] quem se assenta num banco da igreja aparenta ser adorador, mas, muitas vezes não o é” (SHEDD, 1987, p. 16). Para o autor,

“[...] fundamentalmente, adoração pode ser definida como ‘a resposta de celebração a tudo que Deus tem feito, está fazendo e promete fazer’” (SHEDD, 1987, p. 16).

## SACRAMENTOS

John Frame (2006, p. 139) explica que “[...] segundo a teologia reformada, os sacramentos são sinais e selos da aliança da graça entre Deus e o crente. Quer dizer que simbolizam nossa salvação e nos garantem essa redenção em Cristo”. São dois os sacramentos: o batismo, que “[...] simboliza a purificação dos pecados, e a Santa Ceia [que] proclama a morte do Senhor até que ele venha”.

Portanto, os reformados frequentemente descrevem os sacramentos como “palavras visíveis”. O que a Palavra representa para os ouvidos, os sacramentos representam para os nossos olhos e também para os demais sentidos físicos. O conteúdo é o mesmo, o meio é diferente. Considerar os sacramentos como “palavras visíveis” talvez soe como se estivéssemos tornando-os triviais, a não ser que tenhamos sempre em mente o quão maravilhosa é a Palavra de Deus. A Palavra é a própria presença de Deus conosco, é Jesus Cristo ministrando a nós pelo Espírito Santo. É dessa forma que Cristo está “presente” na Santa Ceia e, certamente, no batismo também (FRAME, 2006, p. 139).



### SAIBA MAIS

O termo Teologia Reformada, de acordo com Hermisten Maia, “[...] trata-se da teologia oriunda da Reforma (calvinista) em distinção à luterana. O designativo ‘reformada’ é preferível ao ‘calvinista’ - ainda que o empreguemos indistintamente -, considerando o fato de que a teologia reformada não provém estritamente de Calvino”.

Fonte: Maia, H. (2007, p. 9).

Teologicamente, os sacramentos são “meios de graça”. Nesse sentido, um “meio de graça”, de acordo com Robert Godfrey (2012, p. 23), “[...] é uma instituição do Senhor pela qual Ele prometeu abençoar Seu povo fiel e ajudá-los a crescer na graça”. O autor esclarece que, nesse sentido, “[...] historicamente a igreja tem frequentemente chamado a pregação (juntamente com os sacramentos) de um ‘meio de graça’” (GODFREY, 2012, p. 24). O autor explica que Agostinho “[...] chamou os sacramentos de ‘a palavra visível’ [os quais] não são cerimônias estranhas que distraem de Cristo e da Palavra, mas são precisamente outra maneira na qual Deus comunica Sua Palavra” (GODFREY, 2012, p. 23). O autor argumenta que:

A água do batismo fala da nossa necessidade do sangue de Cristo para nos limpar (Tito 3:5). O pão e o vinho da Ceia do Senhor fala da nossa necessidade do corpo e do sangue de Cristo para nos alimentar para vida eterna (João 6:53-56). Os sacramentos trazem o próprio cerne da Palavra, o Evangelho de Jesus, para o culto (GODFREY, 2012, p. 23).

James White (1997, p. 131) explica que o amor de Deus é tornado audível por meio da palavra falada no culto; mas que “[...] existe, porém, outro meio de igual importância no culto cristão, que é a utilização de certas ações dotadas de sentido conhecidas como sacramentos, que tornam visível o amor de Deus”. O autor afirma que “[...] para a maioria dos cristãos os sacramentos são a experiência de culto mais comum, e na vida cultural de quase todos os cristãos eles desempenham um papel significativo, quando não dominante” (WHITE, 1997, p. 131).



©shutterstock

White (1997) reconhece que a

[...] bíblia não nos dá liturgias ou teologias sacramentais, mas assenta os fundamentos sobre os quais elas podem ser erigidas. A igreja usa o Novo Testamento, então, não como um livro de leis e estatutos, mas como a constituição fundamental para o seu ministério dos sacramentos (WHITE, 1997, p. 136).

O autor ainda explica que:

Desde a época do Novo Testamento a igreja julgou essenciais certos atos-sinal para expressar o encontro entre Deus e as pessoas. Esses atos-sinal significavam coisas sagradas e se tornaram formas de expressar aos sentidos o que nenhum sentido físico poderia perceber, a autodoação de Deus. Os sacramentos nos chamam a “provar e ver” (SI 34.8), tocar, ouvir, até mesmo cheirar “que o Senhor é bom”. Neles o físico passa a ser um veículo do espiritual na medida em que o ato-sinal nos faz experimentar o que ele representa. Obviamente só certos atos-sinal dentre as miríades que usamos na vida cotidiana funcionam como sacramentos (WHITE, 1997, p. 132).

Os sacramentos são, portanto, um tipo de sinal que implica atos, palavras e (geralmente) objetos. Calvino repete a declaração de Agostinho: “Acrescente a palavra ao elemento, e resultará um sacramento, como que ele próprio também uma espécie de palavra visível” (WHITE, 1997, p. 131). Assim, nem todo “ato-sinal” é um sacramento, mas aqueles que se tornam “um veículo do espiritual”, revelam em si o amor de Deus, por meio da Palavra nele contida.

James White (1997) revela que “Agostinho efetivamente cutucou a igreja para a frente em diversos rumos irreversíveis no tocante à compreensão do que ela experimentava nos sacramentos. Ele deu início à tentativa de definir um sacramento, considerando-o um sinal sagrado” (WHITE, 1997, p. 137). De acordo com o autor, Agostinho “[...] distinguia entre o sacramento visível em si (*sacramentum*) e o poder (*res*) de um sacramento. Afora a graça invisível, o sacramento não tem poder em si mesmo; somente este poder ou força invisível é que pode conferir-lhe efeito” (WHITE, 1997, p. 137).

Isto é verdade porque os sacramentos não dependem da pessoa que os administra, mas de Deus. Seu poder não é humano, não está condicionado pelo caráter moral ou pela doutrina do celebrante, mas, em vez disso, depende de Deus, que usa os sacramentos para realizar as suas próprias intenções. Esta é ao mesmo tempo a mais importante e mais

controversa declaração teológica jamais feita sobre os sacramentos. (WHITE, 1997, p. 138).

James White (1997) esclarece ainda que “[...] da maior importância são suas expressões ‘forma visível’ e ‘graça invisível’, que moldaram a definição-padrão da Idade Média tardia (em Graciano e Pedro Lombardo) segundo a qual ‘um sacramento é a forma visível de uma graça invisível’” (WHITE, 1997, p. 137). De acordo com o autor, o século XVIII “[...] viu uma mudança mais sutil, embora ainda mais drástica do que a da Reforma no tocante à teologia dos sacramentos” (WHITE, 1997, p. 145):

Ela se deu nas tendências dessacralizantes do iluminismo, que considerava repugnante a noção de que Deus interviria no tempo atual, ou que ele usaria objetos e ações físicas para realizar a vontade divina. Aos poucos, para alguns protestantes, estas concepções acabaram por erodir a visão tradicional católica e reformatória de que Deus age por meio dos sacramentos para realizar seus objetivos. As tendências dessacralizantes reduziram o papel de Deus nos sacramentos e aumentaram o da humanidade.

O resultado desse fenômeno, segundo James White (1997), foi o de que há atualmente uma

[...] verdadeira divisão no protestantismo entre aqueles que seguem a Lutero, Calvino e Wesley na concepção tradicional de que Deus age nos sacramentos, usando-os como meio da graça para a autodoação divina, e aqueles que seguem as tendências dessacralizantes do iluminismo, que encarava os sacramentos como as pessoas fazem afim de estimular a memória (WHITE, 1997, p. 146).

REFLITA



Até que ponto, caro(a) aluno(a), a Reforma Protestante se desligou do Catolicismo Romano? Será que a Reforma que alcançou a Soteriologia também alcançou igualmente a Eclesiologia? De que maneira o sacerdócio universal dos crentes se tornou uma prática numa igreja reformada que manteve uma divisão entre clérigos e leigos?

Fonte: o autor.

## CELEBRAÇÃO

James White (1997) entende o culto público como celebração conjunta de adoração a Deus, por parte de seus adoradores. Para ele, “[...] o culto em comum precisa ser complementado pela individualidade das devoções pessoais; estas precisam ser equilibradas pelo culto em comum”. O autor explica que “[...] um termo amplamente usado em anos recentes é celebração” (WHITE, 1997, p. 23).

Russel Shedd (1987) ensina que:

[...] desde seu começo, o culto cristão tem sido ameaçado por dois perigos: 1) Um formalismo que sacramenta o modo de adorar a Deus, enquanto anula o poder de um contato vital com Deus; e 2) Uma espontaneidade que encoraja desprendimento e liberdade, desprezando toda e qualquer forma, mas que cria confusão e desordem (SHEDD, 1987, p. 12).

Para o autor, “[...] ambas as formas de culto são condenadas pela falta de amor”.

Robert Godfrey (2012), por sua vez, vê na celebração de adoração corporativa a Deus o “[...] meio crucial e essencial que Deus deu para nos ajudar a crescer” (GODFREY, 2012, p. 9). Ele ressalta que “[...] todos os cristãos precisam cultivar uma vida com Deus, que está em crescimento e desenvolvimento”, caso contrário, “[...] se não estivermos crescendo, estagnaremos ou morreremos”.

Para Russel Shedd (1987), “[...] a forma do culto deve ser o veículo mais adequado para conduzir o adorador a um encontro real com Deus” (SHEDD, 1987, p. 13). Para o autor, a questão da forma de celebração não se trata de “modos certos ou errados em si mesmos”, mas há a necessidade de que “[...] todos busquem descobrir como agradar ao Pai Eterno e ainda ouvir a Sua voz com espírito atencioso”. Com essa perspectiva, o autor identifica alguns modelos de culto de celebração (SHEDD, 1987, p. 10-11):



### ▪ O culto carismático:

Caracteriza-se por manifestações emocionais, sonoras, visíveis, mostrando a atitude dos adoradores em relação a Deus. A forma do culto se distingue pelo levantamento dos braços, exuberantes gritos de “aleluia”, movimentos corporais e “cânticos espirituais”, manifestando entusiasmo na maneira de glorificar a Deus. A comunicação cognitiva tem menos importância em comparação com a livre participação daqueles que cultuam.

### ▪ O culto didático e pedagógico:

Concentra a atenção dos participantes na centralidade da Palavra de Deus. Pela pregação, ensino e exortação, espera-se que os assistentes ouçam a voz de Deus pelo recado recebido e sejam convencidos de que devem oferecer a Deus, como Senhor, tudo que Ele exige e merece. As igrejas batistas e presbiterianas exemplificam principalmente a adoração didática.

### ▪ O culto eucarístico:

Valoriza o culto por meio da Ceia do Senhor. A Eucaristia representa o cerne da aproximação entre Deus e o cultuante. Por meio da participação nesse “sacramento” memorial, a mística do material unido ao espiritual toma a sua forma concreta para quem celebra a dramatização da morte sacrificial de Jesus Cristo. Espera-se a criação de um espírito de gratidão e devoção nos participantes. As igrejas luteranas, anglicanas e católicas apresentam um só quadro na importância que atribuem ao culto eucarístico.

### ▪ O culto kerugmático:

O vocábulo grego *kerugma* (ou “querigma”, aportuguesando), significa “proclamação”. Focaliza a atenção sobre a evangelização dos não convertidos. As diversas partes do culto são escolhidas e preparadas para levar os espiritualmente perdidos a se entregarem a Jesus Cristo. Cultos evangelísticos são valorizados pelos evangélicos que concebem como a principal responsabilidade da Igreja cumprir a missão que Jesus deu aos Seus discípulos (Mt 28.19), uma missão que deve ser levada a efeito dentro e fora do recinto de culto.

### ▪ O culto koinoniático:

O termo koinoniático (do grego koinonia, “comunhão”, “participação”) tem a comunhão como qualidade central no culto. Cristãos modernos concentram a sua comunhão uns com os outros. Torna-se popular a descrição deste culto como “corpo vivo”, porque procura-se a participação mútua de todos. Como o corpo humano necessita dar e receber a contribuição de suas diversas partes constituintes, assim muitas igrejas estão recuperando a ênfase primitiva apresentada no Novo Testamento sobre a mutualidade.

### ▪ O culto diakonal:

Segundo esse conceito, Deus é visto somente no irmão necessitado, sem nos preocuparmos se ele é realmente membro da família do Senhor. Baseia-se nas palavras de Jesus:

[...] vinde, benditos do meu Pai! [...] Porque tive fome e me destes de comer [...] Então perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mt 25.24-40).

Assim, boas obras, caridade, atos de compaixão em favor dos que sofrem e dos oprimidos, passam a ser expressão de culto ao Senhor. Outros, que seguem uma linha mais radical, como os adeptos da “Teologia da Libertação”, vão mais longe. Apoiam movimentos anti-imperialistas e identificam as estruturas direitistas como inimigas. Cultuar, para eles, pode até envolver a luta política contra a injustiça de uma sociedade denominada “reacionária” e “decadente”.

## SAIBA MAIS



O termo “teologia da libertação” poderia ser aplicado, em tese, a toda teologia que seja voltada às situações de opressão ou que delas trate. [...] No entanto, na prática o termo é usado em relação a uma forma de teologia bastante diferente, que surgiu no contexto latino-americano, nas décadas de 1960 e 1970 [quando] bispos da Igreja Católica Romana da América Latina [reconheceram] que a igreja havia frequentemente se posto ao lado dos governos ditatoriais dessa região e ao [declararam] que, no futuro, tomaria o partido dos necessitados.

Fonte: McGrath, A. (2005, p. 153).

Shedd (1987, p. 11) argumenta que esses modelos característicos de se cultuar a Deus “[...] não medem a realidade ou grau de espiritualidade do adorar”. O autor explica que “[...] todos estes modelos característicos de culto, formados por séculos de tradição, ou então por modernas reações contra um formalismo herdado do passado ou importado de terras alheias”, têm esse fator em comum. Para Shedd (1987), “[...] qualquer que seja a expressão do culto ou rito como veículo de adoração, a sua forma é externa, mas a atitude do coração é interna, muitas vezes oculta da própria percepção do adorador”. Russel Shedd (1987) defende que “Deus preocupa-se mais com o coração do que com a forma, ainda que as Escrituras não admitam uma dicotomia entre corpo e espírito” (SHEDD, 1987, p. 11).

J. C. Ryle (2010, p. 7) descreve o que chama de “princípios norteadores da adoração pública”: a) a verdadeira adoração pública dever ser direcionada ao objeto correto; b) a verdadeira adoração pública tem de ser dirigida a Deus pela mediação de Cristo; c) a verdadeira adoração pública tem de ser diretamente bíblica, ou ser inferida das Escrituras, ou estar em harmonia com elas; d) a verdadeira adoração pública tem de ser inteligente (no sentido de inteligível); e) a verdadeira adoração pública tem de ser a adoração proveniente do coração; e f) a verdadeira adoração pública tem de ser uma adoração reverente.

Robert Godfrey (2012, p. 19), por fim, afirma que na adoração “[...] devemos nos encher de reverente temor. Deveríamos ficar literalmente e totalmente aterrorizados quando chegamos à presença Deus na adoração. A reverência real nunca é pesada ou tediosa, mas é profunda e emocionante”.

## DIACONIA

Edson Lopes (2011, p. 51) explica que o termo “ministério”, no Novo Testamento, aparece em sua maioria com o termo “diakonia”, que significa, “serviço”, “aquele que serve”. Todo cristão é um servo e, nesse sentido, um diácono. Russel Shedd (1987) afirma que “[...] qualquer serviço que beneficia a igreja ou um membro encontra sua motivação no Espírito “[...] que realiza todas estas coisas” (1Co 12.11)” (SHEDD, 1987, p. 126). É o Espírito que incentiva a “diversidade dos serviços” (1Co 12.5), de acordo com o autor.



©shutterstock

A diakonia é também uma forma de adoração a Deus, no sentido de que “[...] todo e qualquer trabalho sacrificial oferecido a Deus, por intermédio do auxílio a irmãos da igreja, é uma forma de adorar” (SHEDD, 1987, p. 126). Citando 1Pe 4.11, “Se alguém serve (diakonei), faça-o na força que Deus supre, para que em todas as coisas seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo”. (Shedd, 1987, p. 127) explica que uma das funções dos líderes é o de “[...] treinar e equipar os membros para o pleno desempenho do seu serviço (diakonia, Ef 4.8, 12)”. O autor explica que isso inclui “todo tipo de serviço, dentro e fora da igreja”. Além disso, destaca que “sendo todo serviço também um meio de cultuar, tanto Paulo como Pedro (1 Pe 4.10, 11) colocam diakonia entre os dons. Seu exercício glorifica a Deus; encaixa-se na ampla visão bíblica de adoração”.

Vemos assim que no contexto do Novo Testamento, todo cristão é um diácono, porque todo cristão é comissionado para o serviço de edificação mútua. Apesar disso, James White (1997, p. 226) nos lembra de um formalismo acerca do envolvimento de pessoas no serviço eclesial cristão:

O testemunho do Novo Testamento sobre os ritos de ordenação é mínimo. Ela consiste da imposição das mãos com oração após a eleição ou indicação pelos apóstolos (At 6.1-6; 13.3; 14.23; 1 Tm 4.14; 5.22; 2 Tm 1.6). O ato é acompanhado de jejum e provavelmente inclui uma incumbência específica para os ordenados (At 20.28). O ato de imposição das mãos, como vimos na iniciação, é um sinal da outorga de poder, de bênção ou do ato de apartar uma pessoa por parte de alguém autorizado para tal. O Novo Testamento nos fala de uma variedade de ministérios (1 Co 12.28). Percorrendo suas páginas, percebe-se que há uma evolução pela qual passou uma lista de ministérios breve e de forma alguma decisiva, que quase não distingue ministérios leigos de ordenados.

James White (1997, p. 226) posiciona na História da Igreja Primitiva e na Patrística uma liturgia para ordenação de pessoas ao exercício do ministério. Essa cerimônia de formalidade dava-se com a imposição das mãos dos líderes:

A *Didaqué* fala de profetas, que obviamente eram pessoas com dons especiais, e através de Hipólito ficamos sabendo de confessores que haviam sofrido por sua fé, o que era considerado consagração suficiente sem imposição das mãos, a não ser que a pessoa viesse a se tornar bispo. Leitores, subdiáconos e operadores de curas eram reconhecidos, não ordenados. Segundo Hipólito, somente três recebiam ordenação: bispos, presbíteros e diáconos.

De acordo com o autor, “[...] no caso do diácono, somente o bispo impõe as mãos, uma vez que, segundo nos relata Hipólito, o diácono serve ao bispo e não é membro do conselho de presbíteros” (WHITE, 1997, p. 226). White (1997) esclarece que “há muito pouco cerimonial” a não ser a imposição das mãos e “uma oração invocando o Espírito Santo para o trabalho de um diácono”, na Igreja Primitiva e na Patrística.

## CULTO PÚBLICO E A MISSÃO DA IGREJA

Segundo Hermisten Maia (2007, p. 127), “[...] o culto é a resposta reverente e adoradora que só se torna possível pela graça de Deus”. O autor salienta que “[...] a grandeza do culto não está nem nos adoradores nem no culto em si, mas no Deus adorado, na sua santidade majestosa” (MAIA, 2007, p. 128). John Frame (2006, p. 21) concorda, afirmando que “[...] culto é o serviço de reconhecimento e honra à grandeza de nosso senhor da aliança”. Maia (2007) também explica que:

Se realizássemos um culto semelhante, com sinceridade e riqueza de detalhes estéticos, mas dirigido a um deus qualquer, nada seria grandioso; continuaria sendo idolatria. Portanto, nada é mais grandioso do que a obediência a Deus no culto solene e em nossa vida de culto. Ao cultuar, revelamos o poder da graça em nos alcançar e nos transformar de pecadores rebeldes em pecadores perdoados e agradecidos (MAIA, 2007, p. 128).

John Frame (2006) ensina que há dois grupos de palavras hebraicas e gregas que são traduzidas como “culto”, sendo que o primeiro grupo refere-se a “trabalho ou serviço”, enquanto o segundo se refere a “[...] curvar-se ou dobrar os joelhos” (FRAME, 2006, p. 21). A implicação desse termo é que, em primeiro lugar, o culto deve ser ativo, segundo o autor. Culto, para ele, “é algo que fazemos” a Deus e às pessoas. Portanto, não se pode ser passivo, mas ativo, participante. A segunda implicação, de acordo com Frame (2006), é que no culto estamos honrando “alguém superior a nós mesmos”, o que significa que não devemos ter como

alvo “agradar a nós mesmos, mas reverenciar” a Deus (FRAME, 2006, p. 22).

Nessa perspectiva, Robert Godfrey (2012, p. 35) afirma que “[...] o culto como um todo na igreja, então, não deve ser modelado, seja para o entretenimento, seja para o evangelismo. Em vez disso, ele deve servir para unir o povo de Deus para seu encontro com Deus”. Godfrey (2012, p. 34) alerta que um “[...] convite ao entretenimento na adoração em nossos dias é frequentemente vendido com o nome de evangelismo” .

Somos informados que devemos fazer a adoração interessante e excitante para os não-convertidos, de forma que eles venham à igreja e sejam convertidos. À primeira vista, este argumento é muito apelativo. Todos nós desejamos ver muitos trazidos à fé em Cristo. Quem deseja ser contra o evangelismo? Mas devemos lembrar: entretenimento não é evangelismo, e evangelismo não é adoração (GODFREY, 2012, p. 34).

O autor argumenta que “[...] embora o evangelismo possa ocorrer na adoração à medida que o Evangelho é fielmente proclamado, o propósito e o foco da adoração é de que aqueles que creem em Cristo possam se reunir e encontrar a Deus” (GODFREY, 2012, p. 34). O autor defende que “[...] a adoração não deve ser construída para o incrédulo. Antes, ela é para Deus e para a igreja”. Apesar disso, reconhece que “os incrédulos cheguem à fé” como um propósito secundário, quando a “[...] adoração fiel e o encontro de Deus com seu povo através de sua Palavra” está acontecendo (GODFREY, 2012, p. 35). Nas palavras do autor:

Quando o coração está preparado pela Palavra de Deus e pelo Espírito de Deus para adoração, então a adoração que desejamos é a adoração que deleita a Deus. Nós nos chegamos, não para sermos agradados, mas para oferecer a Deus aquela adoração que Lhe agrada. Movemo-nos da autocentralidade, que caracteriza aqueles que não conhecem a Deus, para a centralidade em Deus, que deve caracterizar aqueles que O conhecem (GODFREY, 2012, p. 37).

Como já vimos anteriormente, em outra unidade, a Grande Comissão é a mola propulsora de todas as iniciativas da Igreja. O culto público, por sua vez, não pode ser desvinculado da Missão da Igreja. Pelo contrário, é um instrumento para que Deus seja glorificado, a Igreja seja edificada e pessoas sejam salvas. Os alertas de Godfrey (2012), certamente, ajudam-nos no sentido de que não haja exageros nos esforços de evangelização, ao ponto de comprometer a integridade do culto de adoração a Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ministério pastoral tem a responsabilidade de conduzir a comunidade de fé na adoração pública. Adoração é uma experiência pessoal e ao mesmo tempo comunitária, na dimensão do culto público. É expressão de rendição e de serviço a Deus. É a maneira de viver do adorador. Adoração não se restringe a um momento no tempo em que o culto acontece. Os elementos presentes no culto público de adoração a Deus devem ser considerados no planejamento e na execução do culto. Trata-se da dinâmica da liturgia do culto público.

Para o ministério pastoral, adoração é um assunto da mais alta importância. Adorar errado pode ser muito trágico. Nesse sentido, Shedd (1987, p. 141) esclarece que “[...] com muita razão, um escritor desconhecido disse: ‘A adoração transforma o adorador na imagem do deus diante do qual ele se curva’”. Se, por exemplo, “[...] alguém fizer do dinheiro seu deus, para ele as pessoas serão desvalorizadas em prol da ganância”. Por essa razão, o pastor deve estar atento a que seu rebanho cresça na adoração correta, que é em Espírito e em Verdade.

Os sacramentos do batismo e da eucaristia são ritos historicamente incorporados à liturgia do culto público. São “sinais visíveis” da “graça invisível” de Deus. Numa perspectiva reformada, são vistos como meios de transmissão dessa graça invisível, muito mais do que uma simbologia a fim de “estimular a memória” dos adoradores. O sacramento é a união entre a Palavra e o Elemento, formando “um veículo do espiritual”, de acordo com Calvino.

Assim, o culto público com sua liturgia e elementos torna-se o meio mais adequado para “[...] conduzir um adorador a um encontro real com Deus” (SHEDD, 1987, p. 13). Embora possa haver um caráter evangelístico, pedagógico e de atendimento de necessidades espirituais, o foco e a centralidade do culto público deve estar “[...] no Deus adorado, na sua santidade majestosa” (MAIA, 2007, p. 128). O pastor deve estar atento a esses aspectos do culto público.





## PREPARE SEU POVO PARA ORAR

A razão de Deus chamar alguns para serem profetas, outros para evangelistas e outros ainda para pastores e mestres é explicada em Efésios 4:11-12. Deus dá esses líderes “[...] com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”. Essa edificação é feita de dois modos — cultivando a vida espiritual dos crentes e acrescentando novos crentes ao corpo de Cristo. O escritor aos Hebreus escreve: “O Deus da paz [...] vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade” (Hb 13:20-21). Como você pode preparar o seu povo para o serviço que Deus quer que cada um faça? Como Deus pode usar você para o preparo deles? Isto não se refere a dons espirituais. Só o Espírito Santo pode conceder esses dons. Nós não podemos concedê-los nem ensinar as pessoas a recebê-los. Só podemos ensinar como eles devem ser usados.

## PREPARE O SEU POVO PARA ABENÇOAR OS OUTROS

“Deus abençoe você” deveria ser uma das expressões mais comuns na boca do cristão, pois Deus é um Deus de bênção. O sumo sacerdote devia abençoar o povo, dizendo: “O Senhor te abençoe” (Nm 6:24). Deus quer abençoar todo o trabalho das nossas mãos, se O obedecermos (Dt 14:29; 24:19). “O Senhor teu Deus te abençoará abundantemente [...] se apenas ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus para cuidares em cumprir todos estes mandamentos que hoje te ordeno” (Dt 15:4-5). Você vai encontrar promessas similares em muitos pontos. Jesus foi enviado para nos abençoar (At 3:26) e andou por toda a parte fazendo o bem e abençoando tanto os justos como os pecadores (At 10:38). Devemos abençoar todas as pessoas, mesmo as que nos perseguem (Rm 12:14). Quando somos amaldiçoados, nós abençoamos (1 Co 4:12). Deus abençoa tanto os atos quanto as pessoas (Sl 33:12), os pobres e os ricos, as crianças e os adultos (Mc 10:16). Estes são passos que você pode ensinar seu povo a dar para abençoar outros:

**1. Aproveite toda oportunidade para abençoar as pessoas.** Fique alerta para as oportunidades. Ore para que Deus o guie. A cada manhã peça a Deus para fazer de você uma bênção definida para alguém nesse dia.

**2. Mostre amor em nome de Jesus.** Fique atento para oportunidades de sorrir para as pessoas, ajudá-las e encorajá-las. Busque levar a alegria do Senhor onde quer que vá. Peça a Deus para derramar o amor de Cristo através de você na vida de outros — salvos ou não, sejam crianças, jovens ou adultos.

**3. Ore constantemente pelos outros.** A oração é um meio importante de abençoar. Quando passar pelas casas, peça a Deus que abençoe os moradores. Quando passar





por crianças, peça a Deus que as abençoe. Quando encontrar pessoas zangadas, peça a Deus que as livre desse sentimento. Atravesse o seu dia fazendo pequenas orações pelas pessoas que encontrar ou por aquelas para as quais Deus chamar sua atenção. Através da oração você pode abençoar mais pessoas do que de qualquer outra forma.

### **PREPARE O SEU POVO PARA UM MINISTÉRIO DE ORAÇÃO**

A oração é uma forma de ministério que Cristo deseja para todo crente, pois somos salvos para orar pelos outros. A oração é a base para qualquer outro ministério que tenhamos e também pode ser o ministério mais importante na vida da maioria dos cristãos. Uma das suas maiores responsabilidades é ajudar seu povo a tornar-se um povo que ora e a tornar efetiva a sua intercessão para Cristo. Quanto tempo em oração o seu crente médio investe no reino de Cristo por dia?

Essa preparação tem duas fases. Você deve prepará-los para serem pessoalmente fortes na oração e na intercessão. Deve também guiar o seu povo, enquanto ele desenvolve o seu plano de oração. Nada é mais importante para um ministério de intercessão do que um plano pessoal de oração.

**1. Ajude-os a aprofundarem a sua vida pessoal de oração.** O seu povo não só precisa do seu ensinamento claro e repetido sobre a oração, como também precisa ver em você um exemplo de uma vida e ministério de oração. O amor pela oração deve ser ensinado, absorvido e praticado.

**a. Aprofunde a sua própria vida de oração.** A oração deve tornar-se a vida, a alegria e a paixão da sua alma. O seu povo deve ver que a oração é seu deleite e sua própria respiração. Se você apenas falar sobre oração e não demonstrar a alegria e o poder da oração, os seus ensinamentos não passarão de simples palavras — palavras piedosas com as quais todas as pessoas concordam. No entanto, elas não compreenderão quão abençoada a oração pode ser até que vejam isso em você.

Todos os cristãos acreditam no dever de orar a cada dia. A maioria, porém, tem uma vida comum de oração, exceto nas emergências. Em geral, eles nunca compreenderam a alegria e emoção da comunhão com Jesus e de prevalecer em oração a favor de outros. Existem exceções — pessoas que oram mais que outras.

Você é a chave para o ministério de oração do seu povo. Isto significa que no dia do juízo você terá de prestar contas mais severas. Não espere que o seu povo almeje aquilo que não vê em você. Eles precisam sentir a sua alegria em Cristo, seu amor por Jesus e por eles mesmos. Eles precisam sentir a sua fé vibrante quando ora — que você realmente espera e recebe respostas para as suas orações. Eles devem sentir essas coisas em suas orações normais em público e começarão então a desejar aprofundar-se mais em oração por sua própria conta.





Mas lembre-se de que suas orações em público refletem a qualidade da sua vida de oração pessoal e privada. Deus não pode usar poderosamente as orações em público e nas casas quando suas orações privadas são fracas, sem vida e ineficazes. Você precisa ser uma pessoa de Deus se espera que o seu povo se torne povo de Deus. A vida de oração de muitos líderes cristãos é inadequada para o trabalho que eles estão tentando fazer, pois são inadequados para satisfazer Jesus. Isso se aplica a você? Aprenda a orar se quer que seu povo ore.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 149-152).



## ATIVIDADES



1. Sobre o culto cristão, é correto afirmar que:
  - a. Tem dimensão pública, mas também privada.
  - b. É a resposta dos seres humanos ao chamado divino, aos 'prodígios' de Deus, culminando no ato redentor de Cristo.
  - c. Possui uma liturgia que segue a liturgia do Novo Testamento.
  - d. Deve ser conduzido pelas autoridades eclesásticas cristãs.
  - e. Acontece com periodicidade variável de Igreja para Igreja.
2. Analise as proposições abaixo:
  - I Adorar é o transbordar de um coração grato, impulsionado pelo sentimento do favor divino.
  - II A adoração em comunidade é uma resposta a Deus de gratidão, temor e alegria, especialmente por sua salvação.
  - III A adoração não verdadeira é aquela que pode ser correta em seus atos, mas que está acompanhada de indiferença aos desígnios de Deus e pecado deliberado.
  - IV O termo traduzido por "adorar" pode ser interpretado como "beijar" ou "prostrar-se, dobrando os joelhos".
  - V Do ponto de vista do Novo Testamento, a adoração é tão importante em sua forma quanto em seu conteúdo.

Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I e a II estão corretas.
- b. Somente a I, a II e a III estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- d. Somente a I, a III e a IV estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

## ATIVIDADES



3. Analise as proposições abaixo:

- I Os Reformados frequentemente descrevem os sacramentos como “palavras visíveis”.
- II A Bíblia não nos dá liturgias ou teologias sacramentais.
- III Para o Cristianismo, os sacramentos são símbolos de realidades espirituais ou são meios de transmissão de graça, dependendo da influência de dessacralização exercida sobre um segmento ou outro.
- IV Depois da Reforma Protestante, basicamente apenas dois sacramentos foram mantidos, o batismo e a eucaristia.
- V Desde a Igreja da Patrística, os sacramentos foram incorporados ao culto público.

Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I e a II estão corretas.
  - b. Somente a I, a II e a III estão corretas.
  - c. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
  - d. Somente a I, a IV e a V estão corretas.
  - e. Todas estão corretas.
4. Discorra sobre o conceito de “diakonia” no Novo Testamento.
5. Comente sobre a relação entre o propósito central do culto a Deus e o cumprimento da missão da Igreja.



LIVRO

## **Liderança Espiritual segundo Spurgeon**

Steve Miller

**Editora:** Vida

**Sinopse:** Nestas páginas, o leitor terá o privilégio de constatar a liderança espiritual em ação na vida, nos sermões, nas orações e nos escritos de um dos maiores líderes espirituais do século XIX: Charles Haddon Spurgeon. Sua capacidade de liderar exerce uma forte influência até hoje.

Embora suas instruções tenham sido dirigidas em grande parte para pastores, os princípios abordados neste livro são de grande referência para outros públicos - seja professor, missionário, líder de grupo, auxiliar de ministério ou seminarista.



LIVRO

## **A Vida que Satisfaz**

Carlos McCord

**Editora:** Permanecer

**Sinopse:** Não espere chegar ao céu para viver aquilo que você pode desfrutar agora mesmo, aqui na Terra. Uma vida perfeita habita em você neste momento. Desfrute esta perfeição! Aquilo que parece estar faltando não está.



## REFERÊNCIAS

- ALLEN, R. **Teologia da adoração**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.
- CARROLL, J. **Como adorar o Senhor Jesus Cristo**. São José dos Campos: Editora Fiel, 1999.
- DUEWEL, W. **Em Chamas para Deus**. São Paulo: Candeia, 1996, p. 149-152.
- FRAME, J. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GODFREY, R. **Agradando a Deus em nossa adoração**. Recife: Editora Os Puritanos, 2012.
- NORTON, M. R. Textos e Manuscritos do Antigo Testamento. In: COMFORT, Philip Wesley (Editor). **A Origem da Bíblia**. Rio de Janeiro, 1998, p. 230-232.
- MAIA, H. **Fundamentos da teologia reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- McGRATH, A. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 153.
- RYLE, J. C. **Adoração** – prioridades, princípios e práticas. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.
- SHEDD, R. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- WHITE, J. F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.



## GABARITO

1. B
2. C
3. E
4. O conceito de diakonia no Novo Testamento é o conceito de serviço. Todo cristão é um diácono, porque todo cristão é chamado a servir a Cristo e ao semelhante, em nome de Cristo. Trata-se do conceito de sacerdócio universal dos crentes, um dos pontos defendidos pela Reforma Protestante. No Novo Testamento, são chamados de diáconos os cristãos que auxiliavam a liderança, liberando-a para a dedicação ao ministério da Pregação da Palavra e da Oração.
5. A missão da Igreja é tríplice: glorificar a Deus, edificar a si mesma e evangelizar o mundo. No culto, de alguma maneira, esses propósitos estarão sendo atendidos. Entretanto, ainda que o culto possa ter caráter evangelístico, seu foco principal deve ser a adoração a Deus.





# HOMILÉTICA

UNIDADE

## IV

### Objetivos de Aprendizagem

- Definir Homilética e esclarecer sua função para o exercício do ministério pastoral e sua essência para a Missão da Igreja.
- Abordar as principais qualificações e exigências no campo da Homilética para o exercício do ministério pastoral.
- Analisar o trajeto entre o texto bíblico e a entrega do sermão no exercício do ministério pastoral de proclamação.
- Analisar o preparo e as exigências da pregação e dos pregadores.
- Descrever a importância da pregação bem fundamentada na Bíblia e bem aplicada à realidade das pessoas.

### Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Definição da disciplina de Homilética
- Comunicação e expressão
- Do texto à exposição
- A vocação do pregador
- Fundamentos para uma Homilética relevante e contextualizada



## INTRODUÇÃO

Nesta unidade, estudaremos uma das atividades mais importantes e significativas no ministério pastoral: a pregação. Isto porque a qualidade da pregação está diretamente relacionada à saúde do rebanho que Deus confiou ao pastor. Martin Lloyd-Jones, um dos mais influentes autores cristãos do século XX e pastor britânico, afirmou que “[...] a pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja, que tudo mais é subsidiário a isso, o que pode ser apresentado como a consequência ou concretização da mesma na prática diária” (LLOYD-JONES, 1984, p. 19).

A pregação não apenas está intimamente ligada ao cumprimento da Grande Comissão, como também se constitui, provavelmente, na principal ferramenta de condução da Igreja a cumprir com seus propósitos neste mundo. Na História dos Avivamentos, desde Atos dos Apóstolos, a pregação ocupa uma posição central. Como explica John A. Broadus (2009, p. 6), “[...] a qualidade da pregação e o espírito de vida da igreja avançaram ou declinaram juntos [...]. A verdade é que em todas as Eras nunca houve momento religioso, restauração da verdade bíblica ou reanimação da genuína piedade sem um novo poder na pregação”.

A força e o poder espiritual da Igreja local dependem da verdadeira pregação bíblica (MACARTHUR, 1998, p. 291). A pregação não é um mero exercício de oratória, mas “[...] um elemento essencial no crescimento espiritual do corpo de Cristo” (MACARTHUR, 1998, p. 287). Pregar a Palavra é um grande privilégio e uma maravilhosa responsabilidade (MACARTHUR, 1998, p. 291).

John MacArthur Jr (1998) afirma, acertadamente, que a pregação é “[...] o meio prescrito por Deus para salvar, santificar e fortalecer sua Igreja [...] A pregação fiel da Palavra é o elemento mais importante do ministério pastoral” (MACARTHUR, 1998, p. 279).

Para todo ministro do Evangelho, pois, em qualquer contexto, a Pregação da Palavra deve ser assunto do mais alto interesse.

## DEFINIÇÃO DA DISCIPLINA DE HOMILÉTICA

A elaboração de sermões é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte. Isto porque tem um aspecto de emprego de técnicas, mas também se trata do desenvolvimento de uma habilidade pessoal, particular, de se empregar tais técnicas. Damos o nome de Homilética ao campo de estudos relacionados ao preparo e à entrega de sermões. Como define John A. Broadus (2009, p. 13), “[...] a homilética pode ser definida como a ciência da preparação e a entrega de um discurso baseado nas Escrituras”.

É o estudo da Homilética que auxilia o ministro a cumprir adequadamente a função e o propósito da Pregação da Palavra. A Homilética contribui para que os sermões sejam a) bíblicamente corretos; b) enfatizem a verdade com uma aplicação pertinente; e c) sejam apresentados de maneira clara e compreensível (CARLSON, 2005, p. 594).

John Broadus (2009) localiza o berço da Homilética na arte da oratória dos Antigos Gregos. O autor menciona as contribuições de Demóstenes, chamado de pai da oratória, e também as contribuições do famoso tratado de Aristóteles sobre a retórica. Para o autor, a exposição das Escrituras, por meio da retórica, é uma herança do Judaísmo. A exposição das Escrituras em forma de pregação era “[...] uma prática usada no judaísmo nas sinagogas, pelos rabinos e inclusive por Jesus” (BROADUS, 2009, p. 4-5). Também os romanos herdaram a arte da retórica da cultura grega, tendo em Cícero e Quintiliano seus expoentes. A arte da retórica tinha sua importância reconhecida no mundo greco-romano em que o Cristianismo nasceu e se desenvolveu (BROADUS, 2009, p. 12). Além disso, o autor atribui o desenvolvimento da Homilética no Cristianismo nascente a dois fatores principais: a) a influência da retórica na arte da pregação do Evangelho; e b) a conversão de pessoas já treinadas na retórica (BROADUS, 2009, p. 12). Apesar disso, o autor explica que:

A pregação cristã começou em um contexto judaico. Seus primeiros pregadores e seu público, seu pano de fundo e suas afinidades espirituais eram judaicos. Era natural, portanto, que a maneira de pregar seguisse o padrão do profeta do Antigo Testamento e do rabino mestre. [...] Consequentemente, as pregações primitivas eram feitas em estilo judaico, e não no da cultura gentia. O sermão era chamado, como de fato era, uma homilia, um discurso ou conversa familiar (BROADUS, 2009, p. 11).

A pregação cristã apropriou-se da retórica grega e de suas influências, assim como da tradição profética do Antigo Testamento e das exposições didáticas dos rabinos judaicos. De acordo com Broadus (2009), a retórica de forma mais elaborada para a apresentação do evangelho chegou ao auge na Patrística com homens devotos, como Basílio, Gregório, Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho. Estes

[...] tornaram-se, em um grau nunca alcançado pelos gregos mais antigos, um instrumento de força espiritual igualmente entre pessoas cultas e não cultas. Esses homens enobreceram a arte ao preenchê-la com a inconfundível realidade da fé e da mensagem cristãs, bem como por dedicá-la a finalidades cristãs. (BROADUS, 2009, p. 12).



©shutterstock

Martin Lloyd-Jones (1984, p. 39) destaca que “[...] qualquer verdadeira definição da pregação tem a obrigação [de mencionar] o homem [que] se acha ali a fim de entregar a mensagem de Deus, uma mensagem da parte de Deus”. A pregação não está separada do pregador, pois a personalidade humana está intrinsecamente associada à pregação.

Pregar é proclamar a mensagem de Deus, por meio de uma personalidade escolhida, para atender às necessidades da humanidade. [...] Essa definição identifica três elementos básicos para a pregação cristã, a saber: a mensagem de Deus, a personalidade humana (pregador) e as necessidades dos seres humanos (BROADUS, 2009, p. 4).

Essas necessidades podem ser percebidas ou não por esses seres humanos, mas certamente são necessidades de Deus para estes. Martin Lloyd-Jones (1984, p. 39) associa a pregação ao Pregador, da seguinte forma:

Ele foi enviado, é uma pessoa comissionada, e encontra-se ali de pé como porta-voz de Deus e de Cristo, dirigindo a palavra àquela gente. Noutras palavras, ele não está ali meramente para falar com eles, nem está ali a fim de diverti-los. Ele se encontra ali – e quero ressaltar isso – para fazer algo em favor daquela gente; ele está ali para produzir resultados de várias modalidades, ele está ali para influenciar pessoas. Não lhe compete meramente influenciar uma parte delas; não lhe compete apenas influenciar suas mentes, ou apenas suas emoções, ou meramente fazer pressão sobre a vontade delas, induzindo-as a se lançarem a alguma atividade qualquer. Mas acha-se ali a fim de tratar da pessoa inteira; e a sua pregação tem por intuito atingir a pessoa inteira, no próprio centro da vida. A pregação deveria efetuar uma diferença tal, no indivíduo que a ouve, que nunca mais ele fosse a mesma pessoa novamente. Noutras palavras, a pregação é uma transação entre o pregador e o ouvinte. Realiza algo em prol da alma humana, em favor da pessoa inteira, do homem todo; trata dele de maneira vital e radical (LLOYD-JONES, 1984, p. 39).

O pregador é uma figura central na pregação, tal como a pregação é uma figura central para a fé, na Igreja local. O laboratório de trabalho do pregador, que resultará em sua pregação é, por um lado, o estudo da Palavra e, por outro, a intimidade com as necessidades e dilemas do rebanho a quem ministra. O pregador é “[...] separado pela Igreja, a fim de servir nessa função e tarefa específicas” (LLOYD-JONES, 1984, p. 21). Por essa razão, Wiersbe e Sugden (2006, p. 56) aconselham que o pregador esteja intimamente envolvido com as pessoas a quem prega, tornando-se uma espécie de intermediário entre a Palavra e o rebanho:

Mantenha-se em contato com o seu rebanho. Não há conflito algum entre apascentar e pregar: uma atividade complementa a outra. Como pastores, podemos conhecer as necessidades do rebanho; como pregadores, usamos a Palavra para alcançar essas necessidades. Não raro, você descobrirá uma mensagem brotando completa em seu coração, enquanto ministra em um hospital ou em um culto fúnebre. O pregador ilustre, que desce de sua torre de marfim uma vez por semana a fim de entregar uma mensagem, voltando em seguida a seus estudos, pode possuir grande erudição e habilidade homilética, mas não terá o toque pessoal que é tão necessário a uma pregação satisfatória. O sermão será como um “mar de vidro”, porém não “misturado com fogo”, “interior do véu” (intimidade com Deus) e “fora do arraial” (intimidade com o povo de Deus) são duas frases de Hebreus que descrevem a vida de um pastor equilibrado (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 56).

A Homilética, portanto, como arte e ciência a serviço da Pregação da Palavra é de fundamental importância para que a Grande Comissão seja cumprida em qualquer igreja local. Na mesma medida em que a Pregação da Palavra é de fundamental importância para a vida e a saúde da Igreja. O pregador é a figura central desse processo. Nesse sentido, o estudo da Homilética diz respeito, portanto, ao processo de preparo da pregação e do pregador, não apenas das técnicas de exposição e de oratória no momento em que a pregação está acontecendo. Vamos observar esses dois momentos distintos, começando pela questão da comunicação e da expressão no momento da pregação de um sermão.

## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

A comunicação de um sermão é uma atividade que exige muito preparo. Esse preparo, que antecede a entrega da mensagem à Igreja pode ser “[...] comparada a uma luta, a uma batalha, ou até mesmo ao trabalho de parto de uma mulher” (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 56). A responsabilidade do preparo favorece a que a pregação seja clara e que um raciocínio claro conduza as pessoas às percepções das realidades espirituais que estão sendo apresentadas. Essa preparação não se trata de tarefa simples, mas do compromisso de uma vida inteira:

A preparação do sermão não é tarefa de algumas horas por semana. É o compromisso de uma vida inteira. O homem chamado por Deus e ungido pelo Espírito não tem maior privilégio ou responsabilidade do que proclamar a verdade eterna. Se o pregador deseja entregar a mensagem única de redenção e esperança à humanidade depravada, sem dúvida vale a pena despende seus melhores esforços. Nunca assumo o lugar ao púlpito sem estar preparado. Só a hábil preparação do sermão em si não faz grandes pregadores... mas com certeza ajuda! (CARLSON, 2005, p. 599).

Assim, o ministério da Pregação não pode ser feito sob os efeitos do improviso. Ao levantar-se para pregar, o pregador deve estar cuidadosamente preparado,

colocando-se “diante das pessoas” e partilhando “[...] a mensagem de Deus que se tornou uma parte dele. O sermão que ele foi levado a pregar é transportado em sua mente e coração” (BROADUS, 2009, p. 288).

O segundo elemento que eu gostaria de enfatizar é certo senso de autoridade e controle exercido sobre a congregação e sobre as atividades. O pregador jamais deve desculpar-se por estar com a palavra, jamais deve dar a impressão de estar falando por permissão dos ouvintes, por assim dizer; ele não deve apresentar tentativamente certas sugestões e ideias. Não pode ser essa a sua atitude, sob hipótese alguma. Antes ele é um homem que está ali a fim de “declarar” certas coisas; é um homem com uma comissão, revestido de autoridade. É um embaixador, e deve ter consciência de sua autoridade. Sempre deve reconhecer que se apresenta à congregação na qualidade de mensageiro enviado. É óbvio que não se trata de uma questão de autoconfiança; isso seria sempre deplorável da parte de um pregador (LLOYD-JONES, 1984, p. 60).

Não se deve separar a pregação do pregador. O preparo para a pregação da Palavra implica que o sermão e o pregador sejam um. O momento da pregação não se trata de um discurso, mas da exposição de uma personalidade encarnada pela Palavra, a do pregador. Pregar não é falar e gesticular, mas implica que o pregador “[...] esteja possuído pelo tema, que esteja completamente em sintonia com ele, totalmente desperto para sua importância”. Não se trata de repetir “palavras decoradas”, mas de se liberar “[...] os pensamentos silenciados na mente” (BROADUS, 2009, p. 279).

Mesmo a encenação só é boa na proporção da identificação do ator com a pessoa representada – ele tem de realmente pensar e sentir o que está dizendo. O pregador não está tentando representar outra pessoa, apropriar-se dos pensamentos e sentimentos de outro, mas simplesmente almeja ser ele mesmo, falar o que sua própria mente produziu (BROADUS, 2009, p. 280).

Na comunicação da mensagem, segundo Martin Lloyd-Jones, “[...] o pregador deve sugerir o senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade, ou então não tem o direito de estar em um púlpito” (LLOYD-JONES, 1984, p. 68). Pregar é diferente de apresentar uma preleção, um discurso.

Não há lugar para um desinteresse calmo, frio e científico quanto a essas questões. Isso pode estar perfeitamente certo em um filósofo, mas



é inconcebível em um pregador, devido à situação inteira em que ele se acha envolvido. Exatamente pela mesma razão a pregação sempre deve caracterizar-se pela persuasão. “Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.” Por certo o objetivo todo desse ato é persuadir as pessoas. O pregador não diz coisas simplesmente, com a atitude de “faça como quiser”. Ele deseja persuadir seus ouvintes sobre a veracidade de sua mensagem; ele quer que seus ouvintes percebam sua mensagem; ele está procurando fazer algo em favor deles, está procurando influenciá-los (LLOYD-JONES, 1984, p. 68).

John A. Broadus (2009) trata de alguns elementos importantes na arte da comunicação na entrega de um sermão para atender adequadamente aos propósitos espirituais da pregação. O autor explica que o uso da voz é fundamental para conduzir os ouvintes aos propósitos da pregação. Primeiramente, destaca o que chama de capacidades da voz, que são a) a extensão: a variação de tom que a voz alcança; b) o volume: a quantidade de som produzida. Para ele, “[...] é inteiramente diferente do tom, embora possa ser confundido com ele. [...] Um volume amplo, adequadamente regulado tornará a voz audível a uma distância maior, e a fará mais imponente”; Por fim, c) a capacidade de penetração: a distância a que alguém pode ser ouvido. Para o autor, esse aspecto “[...] não depende simplesmente do volume e tom ou da articulação clara” (BROADUS, 2009, p. 296).

O autor sugere que, na comunicação da mensagem, deve-se tomar certos cuidados no manejo da voz, para que a voz coopere com os propósitos espirituais da Pregação da Palavra. Ele sugere que o pregador :

a) Não comece em tom muito alto.

Se o pregador estiver muito agitado no princípio do discurso, não deve usar sua voz em sua potência máxima, mas reservá-la para um ponto posterior, culminante, como se faz com instrumentos musicais mais poderosos em um oratório. Na realidade, a voz muito raramente deveria atingir seu tom mais agudo ou seu máximo volume. Sempre deve haver uma força de reserva, exceto em algum momento de fervor mais exaltado (BROADUS, 2009, p. 301).

b) Não deixe a voz cair nas últimas palavras de uma frase.

Embora ela deva baixar frequentemente, retornando ao tom geral do discurso, não deve cair muito bruscamente, nem cair demais. Não é incomum que as últimas palavras sejam bastante inaudíveis (BROADUS, 2009, p. 302).

- c) Nunca deixe de tomar fôlego antes que os pulmões fiquem inteiramente vazios e, em geral, mantenha-os bem cheios.

Um orador não deve ofegar em sua respiração pela boca, mas respirar pelas narinas, de maneira regular e constante. Ele deve manter a cabeça e o pescoço em uma postura ereta para poder respirar livremente – bem como por outros motivos – e não deve haver nada que lhe aperte o pescoço (BROADUS, 2009, p. 302).

- d) Olhe frequentemente para os ouvintes mais distantes e perceba se eles o ouvem.
- e) Desenvolva variedade de tom, força e velocidade.

A monotonia destrói completamente a eloquência. Mas a variedade deve vir tendo-se cuidado em ter uma verdadeira e óbvia variedade de emoções e, depois, simplesmente expressando cada sentimento particular da maneira mais natural. A ênfase requer muita atenção. No discurso, uma ênfase correta será espontânea sempre que a pessoa tiver total afinidade com seu tema (BROADUS, 2009, p. 302).

John A. Broadus também sugere que seja dada atenção ao corpo e aos gestos durante a comunicação da mensagem, na pregação, para que a atenção à Palavra não seja perdida. O autor explica que a expressão facial tem grande poder de comunicação durante a pregação. Para ele, “[...] quando um pregador está envolvido no tema e subordina inteiramente qualquer preocupação consigo mesmo, seu semblante assumirá espontaneamente a expressão apropriada” (BROADUS, 2009, p. 306).

Além disso, Broadus (2009) aconselha que a postura do pregador seja ereta. “Em todas as situações, a postura do orador deve ser livre, desinibida e graciosa. Então, na elocução, ele terá poucos motivos para pensar na postura ou gesto, e poderá se movimentar naturalmente, sem medo” (BROADUS, 2009, p. 309). O autor também explica que “[...] posturas e gestos invariáveis, repetidos frequentemente, são um erro um tanto comum quanto muito grave” (BROADUS, 2009, p. 311). Apesar dos cuidados com a postura do corpo e com os gestos, Broadus (2009) também aconselha que a naturalidade ainda é preferível, em comparação à artificialidade:

[...] é apropriado repetir que em todas as situações é preciso haver vida, liberdade e poder. Não reprima a natureza, embora ela deva ser con-

trolada; e não force a natureza. Não tenha como objetivo o aperfeiçoamento positivo da ação, mas o negativo – a correção de erros à medida que aparecem. Cuidado com esses erros. De tempos em tempos, peça a algum amigo sincero e criterioso que faça uma avaliação tanto da voz como da ação. Fale livre e corajosamente o que é sentido. Uma pessoa jamais poderá aprender a executar um movimento graciosamente senão executando-o frequentemente e sem inibição. Alguns dos erros de uma pessoa, na ação e na voz, podem fazer parte dela mesma. Corrija-os sempre que for possível; mas é melhor deixá-los permanecer do que substituí-los seja pela artificialidade seja pela insipidez (BROADDUS, 2009, p. 311).

Com relação ao preparo envolvido na elaboração de um sermão, não são apenas as técnicas de comunicação no momento da exposição que devem receber a atenção do pregador. Na fase de preparo, há também uma enorme responsabilidade a ser assumida na questão do trabalho com as Escrituras para que a pregação seja bíblica e atenda às necessidades das pessoas e às necessidades de Deus para as pessoas. Vamos observar questões envolvidas no trabalho com o texto bíblico que antecede o momento da exposição pública da mensagem.

## DO TEXTO À EXPOSIÇÃO

Há um trajeto que deve ser feito desde o texto bíblico até que o sermão seja entregue. Como temos visto, deve haver preparo por parte do pregador para o momento da entrega, porém, talvez ainda mais importante, é o preparo exigido do pregador para que o texto bíblico seja bem compreendido e anunciado na pregação, mantendo-se a coerência e a fidelidade ao texto.

Um dos grandes desafios para que isso aconteça é o de que a Bíblia é um texto muito antigo, com muita diversidade de assuntos e autores. Foi composta dentro de um contexto social e histórico que não existe mais. O que um texto disse no passado não pode ser diferente do que ele diz hoje. Por isso, o desafio do pregador é compreender adequadamente o texto dentro de seu próprio contexto para

então aplicar os princípios espirituais nele relacionados ao mundo de hoje. Esses princípios são para todas as gerações, mas estão encapsulados numa cultura e sociedade arcaicas. Essa tarefa é trabalhosa, mas absolutamente necessária para se evitar a pregação de heresias, os desvios doutrinários e afirmações “em nome de Deus”, mas que ele nunca as fez na Bíblia.

Vamos observar alguns dos passos importantes nessa tarefa. Talvez não na ordem em que devem ser dados, mas é importante saber que compreendê-los nos ajudará no sentido de que nossos sermões sejam realmente bíblicos e também contextualizados.



©shutterstock

## PROPÓSITO DO AUTOR

Como o autor bíblico já morreu, não se pode perguntar a ele o que ele tinha em mente quando escreveu e quais seriam as implicações do que ele escreveu para o hoje. É possível que ele próprio, segundo a doutrina da Inspiração bíblica, não estivesse completamente ciente de que seu texto se “tornaria bíblia”. Então, é necessário fazermos um estudo investigativo para nos aproximarmos ao máximo possível da intenção original do autor bíblico. Como diz Robert Stein (1999, p. 47):

[...] todas as implicações de um texto são controladas pelo significado pretendido pelo autor. [...] Portanto, para que sejam estabelecidos os limites das verdadeiras implicações do texto, faz-se necessária uma compreensão clara e cuidadosamente definida do padrão pretendido pelo autor”

De acordo com Stein, esses limites estabelecidos são o “padrão de significado” do texto. A descoberta do “padrão de significado”, bem como de suas implicações, está diretamente relacionada ao propósito do autor e ao contexto.

Para entendermos esse conceito, vamos imaginar uma declaração do tipo “carvalhos são maravilhosos”. O que isso significa? Depende. Depende do autor e do contexto em que essa declaração foi proferida. Essa análise vai delinear o “padrão de significado” pretendido pelo autor da declaração. Todas as implicações dessa declaração estão limitadas por este “padrão de significado”. Stein (1999) explica:

As implicações legítimas de uma declaração como ‘Carvalhos são maravilhosos!’ são determinadas pelo autor e pelo contexto: se foi proferida por uma criança subindo na árvore, é legítimo pensar que para ela ‘carvalhos são maravilhosos para *subir*, devido aos seus muitos galhos’. No entanto, se partiu de um empreiteiro construindo uma casa, de um artista pintando uma paisagem, de um engenheiro civil encarregado do controle do fluxo de água de um rio ou de um biólogo ensinando fotossíntese, os carvalhos seriam maravilhosos pela sua resistência para a construção de casas; pelas suas belas proporções; pela sua utilidade na prevenção da erosão e no controle do fluxo do rio; pela capacidade de converter nutrientes. Porém, a implicação de um não se enquadraria na do outro (STEIN, 1999, p. 44).

As declarações bíblicas, portanto, estão também circunscritas num “padrão de significado” que está ligado à intenção do autor e ao contexto em que essas declarações foram proferidas. Podemos entender de uma declaração algo completamente diferente do que ela queria dizer, se não respeitarmos os limites desse padrão de significado.

## RESPEITO AOS CONTEXTOS DO TEXTO

A intenção do autor, portanto, está completamente ligada ao contexto em que ele estava escrevendo. Sem que o pregador tenha essa preocupação investigativa, ele pode pregar algo completamente fora do que a Bíblia estava querendo dizer. Na verdade, pode-se ensinar qualquer coisa a partir da Bíblia, se desrespeitarmos o contexto. Como se diz popularmente no ditado: “texto fora do contexto é mero pretexto”.

Desrespeitando o contexto do texto, podemos, por exemplo, dizer que a Bíblia ensina que “Deus não existe”, com base numa parte do verso primeiro do Salmo 53, que diz: “Deus não existe”. Alguém poderia alegar: “mas você está cortando o versículo para afirmar isso!”. Pois é, estou “desrespeitando o contexto” do texto. Podemos, por exemplo, ensinar que a Bíblia aprova a embriaguez, com base em Provérbios 31.6-7:

Dai bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito. Que beba, e esqueça da sua pobreza, e da sua miséria não se lembre mais. (PROVÉRBIOS 31.6-7, ACF).

Ainda como exemplos, desrespeitando-se o contexto, podemos, incorretamente, pregar que a Bíblia dá base favorável para a poligamia (2Samuel 5.13) e para a prostituição (Gênesis 38.15-16). É certo que são exemplos exagerados e facilmente refutados, mas o erro poderia ser muito mais sutil e ser propagado como verdade bíblica, quando não é. Um exemplo clássico é a afirmação “Tudo posso naquele que me fortalece”, de Filipenses 4.13. Essa partícula “tudo” precisa ser lida dentro do contexto em que o versículo se encontra. Caso contrário, esse “tudo” pode dar lugar a assuntos que não deveriam fazer parte dele, do ponto de vista de Filipenses 4.13. Desse modo, o estudo cuidadoso do contexto do texto bíblico é fundamental para não ensinarmos o que a Bíblia não ensina.

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) dividem o respeito ao contexto do texto sob duas óticas: contexto literário e contexto histórico. Sobre o contexto literário, afirmam que “[...] essencialmente, o contexto literário significa que as palavras somente fazem sentido dentro de frases, e, na sua maior parte, as frases na Bíblia somente têm significado em relação às frases anteriores e posteriores” (FEE; STUART, 1984, p. 23). Robert Stein (1999), por sua vez, reforça que:

Devemos entender o contexto literário como sendo o que o autor procurou dizer com os símbolos utilizados antes e depois do texto em investigação. Portanto, quando nos referimos ao ‘contexto’, aludimos ao padrão de significado compartilhado pelo autor nas palavras, orações, nos parágrafos e capítulos que rodeiam o texto (STEIN, 1999, p. 62).

Uma forma prática de respeitarmos o contexto literário, portanto, é observarmos o fluxo de ideias antes e depois do texto estudado, assim como observar como o texto que está sendo estudado se encaixa no conjunto do capítulo e do livro.

O segundo contexto que deve ser analisado é o contexto histórico. Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) explicam que:

O contexto histórico, que diferirá de livro para livro, tem a ver com várias coisas: a época e a *cultura* do autor e dos seus leitores, ou seja; os fatores geográficos, topográficos e políticos que são relevantes no âmbito do autor; e a *ocasião* do livro, carta, salmo, oráculo profético, ou outro gênero. Todos os assuntos deste tipo são especialmente importantes para a compreensão (FEE; STUART, 1984, p. 22).

A questão mais importante no contexto histórico tem a ver com a ocasião e o propósito de cada livro bíblico e/ou das suas várias partes. Para observar o contexto histórico do texto, podemos recorrer a ferramentas de pesquisa confiáveis: dicionários e comentários bíblicos, ou um manual bíblico. Há diversos estudos de qualidade desenvolvidos por especialistas ao longo, especialmente, do último século que nos ajudarão a compreender o contexto histórico.

Realmente faz uma grande diferença para a compreensão do texto, conhecer a formação de Amós, Oséias, ou Isaías, ou que Ageu profetizou *depois* do exílio, ou saber as expectativas messiânicas de Israel quando João Batista e Jesus apareceram no cenário, ou compreender as diferenças entre as cidades de Corinto e Filipos e como estas diferenças afetam as igrejas em cada uma destas cidades. Nossa leitura das parábolas de Jesus é grandemente realçada por sabermos alguma coisa acerca dos costumes dos dias de Jesus. Decerto faz diferença saber que o denário oferecido aos trabalhadores em Mateus 20.1-16 era o equivalente do salário de um dia inteiro (FEE; STUART, 1984, p. 22).

Esse estudo dos contextos, especialmente do contexto literário, pode ser aprimorado estudando-se versões bíblicas diferentes, traduções diferentes e até mesmo, se possível, através de uma leitura do texto em sua língua original, grego ou hebraico. É seguro que as interpretações que fizemos de uma determinada passagem estejam necessariamente a) em conformidade com as demais passagens que tratam

do assunto; b) em conformidade com as Escrituras como um todo; e c) em conformidade com a leitura das Escrituras a partir da ótica do Novo Testamento.

## RESPEITO AOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) explicam que não há uma abordagem única na interpretação da Bíblia, sendo ela um conjunto de gêneros literários variados. Os gêneros literários são as variadas formas de expressão dos autores e representam fortemente a intenção destes com relação aos seus conteúdos e pensamentos. Para efeito de interpretação, com vistas à pregação e à aplicação prática, não podemos tratar os gêneros com igualdade, pois isso seria forçar um texto a dizer o que de fato não está dizendo. Quando conseguimos identificar o gênero literário, já conseguimos estabelecer as bases para seu trabalho interpretativo do texto. Os autores ensinam que os principais gêneros literários constantes na Bíblia são:

**Lei:** preceitos, normas e costumes que visavam regular as alianças entre Deus e o povo de Israel. Os principais escritos desse gênero são Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Acerca desse gênero, uma pergunta importante é: “O que ainda tem relação com a igreja é o que possuía aplicação para a antiga nação de Israel?”.

**Poesia:** a expressão de vivências, sentimentos e percepções da realidade material e espiritual traduzidas em linguagem lírica ou poética. Está presente principalmente nos livros de Salmos, Cantares e Lamentações. Deve-se tomar cuidado com interpretações que extraiam doutrinas da literatura poética, pois o aspecto doutrinário é secundário nas intenções dos autores desse tipo de gênero.

**Narrativas:** as narrativas tratam de acontecimentos, feitos históricos de natureza real ou imaginária, genealogias e recordações de caráter didático. De certa forma, as narrativas não apenas relatam os fatos, mas também os interpreta. As narrativas estão presentes em grande parte da Bíblia (partes do Pentateuco, Samuel, Reis, Crônicas, Evangelhos e Atos dos Apóstolos) e devem ser interpretadas à luz dos ensinamentos sistemáticos, sob a perspectiva da revelação progressiva.



## SAIBA MAIS



A revelação especial era progressiva, não no sentido de um desenvolvimento evolucionário gradual, mas no sentido de as revelações posteriores acrescentarem mais detalhes às anteriores. Não se trata de um movimento na revelação especial da não verdade para a verdade, mas de um desvendamento menor para um mais completo.

Fonte: Horton, S. (1996, p. 82- 83).

Literatura sapiencial: a literatura sapiencial representa o refinamento da experiência e observação dos sábios, expressa de maneira sentenciosa (sentenças de máximas). Em geral, reflete a busca de significados mais profundos acerca da realidade, com vistas ao ensino e transmissão a gerações futuras. Encontra-se principalmente em Jó, Provérbios e Eclesiastes. Essa literatura também deve ser interpretada à luz dos ensinamentos sistemáticos e da revelação progressiva.

Literatura apocalíptica: relata as experiências místicas de certos indivíduos através linguagem simbólica. Em geral, funciona como uma busca de sentido para a história de redenção e estímulos para o povo de Deus em tempos difíceis. Está presente, principalmente, em Daniel, Ezequiel e Apocalipse. A interpretação desse tipo de literatura exige cuidados especiais: além da busca pelo significado para os leitores originais, também são importantes cuidados com o uso da analogia, assim como o entendimento das figuras e símbolos de acordo com a cultura na qual o texto foi produzido.

Profecia: o gênero “profecia” apresenta mensagens de Deus ao povo de Israel, por meio dos profetas. As intenções desse gênero são, em geral, denunciar o pecado, chamar à conversão, anunciar castigos e consolar através da visão futura. Está presente nos profetas maiores e menores e, de forma isolada e pontual, em alguns outros livros. A profecia, especialmente, deve ser sempre interpretada à luz do contexto histórico na qual foi proferida.

Literatura epistolar: a literatura epistolar, característica de boa parte do Novo

Testamento, representa exposições doutrinárias, exortações, direções específicas e instruções referentes à vida cristã e Igreja. É encontrada nos escritos de Paulo, Pedro, Tiago, João, Judas e na carta aos Hebreus. Apesar de também exigir cuidados no processo de interpretação, a literatura epistolar representa um refinamento da revelação e deve ser considerada como palavra final nos dilemas hermenêuticos.

## RESPEITO ÀS FIGURAS DE LINGUAGEM

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) também chamam a atenção para o fato de que as figuras de linguagem sejam entendidas como tal. Isto porque a figura de linguagem é uma forma de expressão em que as palavras usadas comunicam um sentido não literal. É uma representação legítima que pretende comunicar mais claramente uma ideia literal. Ela dá vida e cor a uma passagem, chama a atenção, torna ideias abstratas mais completas, ajuda a guardar informações, abrevia uma ideia (Jo 1.29), encoraja a reflexão (Sl 52.8) etc.

Os autores destacam algumas das principais figuras de linguagem, com alguns textos bíblicos como exemplo:

**Eufemismo**: serve para suavizar a expressão de uma ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mas polida (At 7.60; 1Ts 4.14).

**Hipérbole**: trata-se de um exagero para dar ênfase, representando uma coisa com muito maior ou menor grau do que em realidade é, para apresentá-la viva à imaginação (Mt 5.29-30; Jo 21.25).

**Ironia**: é a expressão do contrário do que se quer dizer, porém, sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro (1Rs 18.27).

**Metáfora**: uma semelhança entre dois objetos ou fatos, caracterizando-se um com o que é próprio do outro (Mt 5.13; Jo 15.1; Jr 50.6).

**Metonímia**: é o emprego de um nome por outro com o qual tem relação. Serve para empregar a causa pelo efeito, ou o sinal ou símbolo pela realidade que indica o símbolo (1Jo 1.7; 1Co 10.21; Hb 13.4; Jo 13.8).

**Parábola**: é uma espécie de alegoria apresentada sob forma de uma narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo

de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes. Exige que se identifique a situação que originou a parábola e a verdade que está sendo ensinada (Mt 13.3-8).

Antropomorfismo: serve para atribuir características humanas a Deus (2Cr 16.9).

Antropopatismo: serve para atribuir sentimentos humanos a Deus (Gn 6.6).

Tipo: é uma classe de metáfora que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir. É pré-figurativo (Jo 3.14; Mt 12.40).

Antítese: é a inclusão, na mesma frase, de duas palavras, ou dois pensamentos, que fazem contraste um com o outro (Mt 7.13-14; Mt 7.17-18).

Alegoria: é uma ficção em que se admite um sentido literal, exigindo, todavia, uma interpretação figurada. São várias metáforas unidas (Jo 6.51-65; Sl 80.8-13)

Paradoxo: é uma declaração oposta à opinião comum, que parece absurda, porém, quando estudada, torna-se correta e fundamentada (Mt 23.24; Mt 19.24; 2Co 12.10; Mc 8.35).

## BUSCA DO SENTIDO ELEMENTAR DO TEXTO

Como já vimos, um texto não pode *significar* o que ele *não significou* no passado. As implicações do texto podem ser diferentes hoje, em relação ao passado, porque “o mundo” mudou, mas o significado permanece sempre o mesmo. Por isso, o ponto de partida para a boa interpretação da Bíblia é a investigação do sentido elementar (significado original) do texto (STEIN, 1999, p. 42). Mas o que é o significado original de um texto? O significado de um texto é aquele padrão que o autor desejou transmitir através de palavras. Robert Stein (1999, p. 42) explica que:

O significado do texto depende do desejo consciente e específico do autor. Este princípio é determinante para a nossa compreensão. E, a exemplo de qualquer evento histórico, o significado não pode ser mudado, nem mesmo pelo autor, pois ele não tem como mudar o que já aconteceu. O máximo que pode fazer é ‘retratar-se’, mas isso não altera o significado que permanece no texto. Para expressar um novo significado, será necessária uma revisão ou uma nova edição alterada da obra.

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984, p. 26) concordam, explicando que a intenção o autor é o fundamento mais básico para a interpretação de um texto bíblico.

*Um texto não pode significar o que nunca significou.* Ou, colocando a coisa de modo positivo, o significado verdadeiro do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando foi falado/escrito pela primeira vez. Este é o ponto de partida.

Mas a pergunta prática que precisamos tentar responder é: “como identificar o significado original de um texto?”. Os passos práticos seriam: a) identificar o gênero literário, com já vimos anteriormente; b) fazer perguntas interpretativas; c) fazer um estudo gramatical do texto; d) observar o fluxo das ideias do autor; e) observar os contextos; e f) estabelecer o padrão de significado.

Como já estudamos anteriormente sobre a questão do gênero literário, agora vamos compreender como usamos as perguntas interpretativas. Trata-se de perguntas que fazemos ao texto para que o próprio texto responda. Exemplos de perguntas interpretativas são: Quem? Como? Onde? De que forma? Por quê? Quais? E tantas quantas forem cabíveis. A título de exemplificação, vamos fazer perguntas interpretativas em cima de Hebreus 10.23:

Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel. (HEBREUS 10.23 – NVI)

Quem? “Nós”

Nós temos que fazer o quê? “Apegar-nos”.

Apegar-nos de que maneira? “Com firmeza”.

Temos que nos apegar com firmeza a quê? “À esperança”.

Qual esperança? “A que professamos”.

Por que? “Porque aquele que prometeu é fiel”.

Quem é aquele que prometeu? A resposta estará numa análise do contexto literário.

Aquele que prometeu é o quê? “Fiel”.

Depois de fazermos uso de perguntas interpretativas, é importante fazermos um estudo gramatical do texto que estamos trabalhando. Isso significa identificar o sujeito (a respeito de quem se fala), o predicado (aquilo que se fala a respeito do sujeito), os verbos (as ações que o sujeito pratica ou sofre), os adjetivos (a qualidade dessas ações ou as características do sujeito), etc. No texto de Hebreus 10.23, que pegamos como exemplo, seria assim:

Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel. (HEBREUS 10.23 – NVI).

Sujeito: “Nós” e Predicado: “apeguemo-nos com firmeza [...]”.

Verbo: Apeguemo-nos; Professamos; Prometeu; É.

Adjetivos: Fiel; Firmeza (A palavra firmeza é um substantivo, mas que exerce a função de adjetivo na frase).

Substantivos: Esperança.

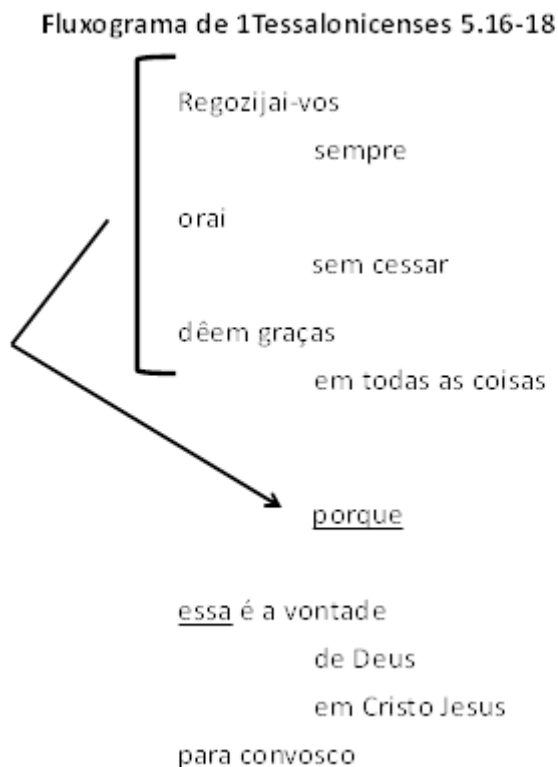
Também poderíamos relacionar artigos, advérbios, conjunções, etc.

Depois de: a) identificar o gênero literário; b) usar perguntas interpretativas; e c) fazer um estudo gramatical do texto, o passo seguinte será d) construir um diagrama que mostre o fluxo das ideias do autor. Trata-se de um estudo sobre como os elementos identificados no texto relacionam-se entre si. Douglas Stuart e Gordon Fee (2008, p. 251) propõem uma ilustração gráfica do fluxo das ideias do autor. Veja o exemplo dos autores em cima de 1Ts 5.16-18:

Regozijai-vos sempre. 17 Orai sem cessar. 18 Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. (1TESSALONICENSES 5.16-18 – ACF).

O diagrama proposto por Stuart e Fee (2008, p. 251) seria como o ilustrado a seguir:

Figura 1 -Diagrama de Fluxo de Ideias em 1Tessalonicenses 5.16-18



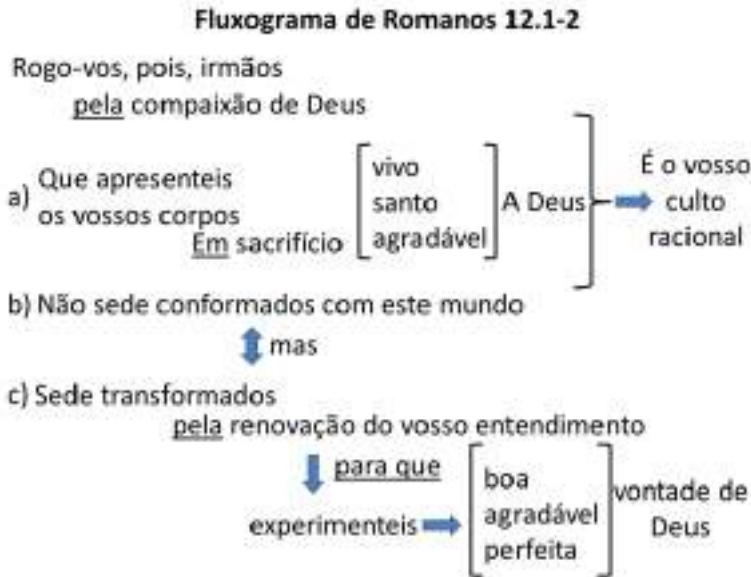
Fonte: Stuart e Fee (2008, p. 251).

Vamos refazer esse gráfico de fluxo de ideias do autor tomando por base, agora, o texto de Romanos 12.2:

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. **2** E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus. (ROMANOS 12.1-2 – ACF).

Um diagrama de fluxo de ideias nesses dois versículos poderia ser a seguinte:

Figura 2 - Diagrama de Fluxo de Ideias em Romanos 12.1-2



Fonte: o autor.

Elaborar um diagrama de fluxo de ideias nos ajuda muito a compreender o que está sendo dito. É possível que alguém habilidoso e experiente não faça um diagrama assim para compreender melhor o texto bíblico que está trabalhando. Mas, provavelmente, porque já o consegue fazer mentalmente, ainda que não perceba. Insistir em praticar a elaboração de gráficos de fluxo de ideias vale a pena, ainda que possam parecer um pouco assustadores, num primeiro momento.

O passo seguinte na busca pelo padrão de significado é observar os contextos em que o texto se encontra. Como já vimos, significa observar o contexto literário e o contexto histórico. Analisar os contextos de um texto é uma das tarefas mais elementares, mais importantes e mais constantes na busca do significado elementar do que o autor estava querendo dizer.

Por último, depois de todo esse esforço, estaremos prontos para fazer a identificação do padrão de significado constante no texto. O significado do texto é único e refere-se ao que o autor quis comunicar por meio de suas palavras, porém, o significado concede o que poderíamos chamar de “um padrão de significado”.

O “padrão de significado” seria o “princípio espiritual” que está sendo comunicado no texto e que está por trás das palavras do autor. Para compreender a ideia do “padrão de significado” constante no texto bíblico, Robert Stein (1999, p. 43) faz uma ilustração com Efésios 5.18:

E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito. (EFÉSIOS 5.18 – ACF).

O significado aqui é bem claro, os efésios não deveriam se embriagar com vinho. Mas será que eles poderiam se embriagar com pinga? Com saquê? Com uísque? O texto não apenas traz um significado como também um padrão de significado implícito.

Em Efésios 5.18, por exemplo, o padrão desejado é a proibição da embriaguez com qualquer bebida alcoólica, e não apenas com vinho. O mandamento para não nos embriagarmos com vinho é apenas parte desse padrão, isto porque o mandamento envolve todas as bebidas alcoólicas atuais, assim como os narcóticos – mesmo que o apóstolo Paulo, a quem é atribuída a escrita de Efésios, tradicionalmente, não fizesse ideia da existência dessas substâncias nem de como elas entrariam no corpo humano (STEIN, 1999, p. 43). Ilustrando-se graficamente o “padrão de significado” de Efésios 5.18, de acordo com Robert Stein (1999), ficaria assim:

Figura 3 - Gráfico do Padrão de Significado de Efésios 5.18



Fonte: Stein (1999, p. 43).



Para que fique ainda mais claro, este “padrão de significado” são as implicações que o significado original traz junto com ele. “Implicações” são aqueles significados dos quais o autor não estava ciente, mas que, apesar de tudo, enquadram-se legitimamente no padrão de significado por ele pretendido (STEIN, 1999, p. 43). Tendo em vista as implicações do “padrão de significado”, o texto pode trazer ensinamentos para o presente que não trouxe para o passado. O autor explica que:

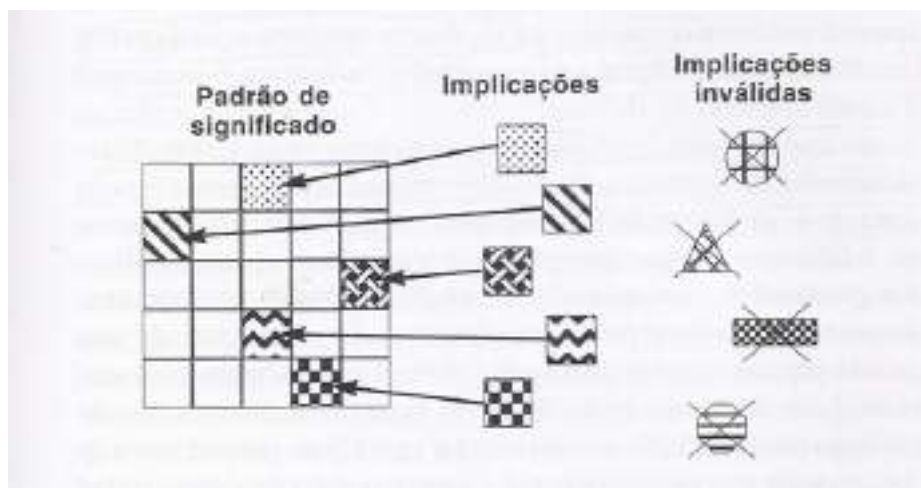
Se o princípio ou forma de significado pretendido por Paulo é algo como: ‘Não contamine seu corpo com substâncias como o vinho, que podem fazer com que você perca o controle de seus sentidos e inibições naturais’, então o uso de narcóticos é igualmente proibido por esse versículo. Se perguntássemos ao apóstolo sobre o assunto, com certeza responderia: ‘Eu não estava conscientemente pensando em narcóticos quando escrevi, mas foi exatamente a esse tipo de coisa que me referi’. O fato é que cada texto tem implicações ou significados dos quais o autor não está ciente, mas que se encaixam no significado pretendido (STEIN, 1999, p. 30).

Neste momento, é importante nos lembrarmos que um dos propósitos da interpretação bíblica é compreender não apenas o significado dos autores das Escrituras, mas, também, por meio de um padrão de significado, as várias implicações do texto. As implicações não são determinadas pelo intérprete, mas pelo autor. O intérprete:

[...] tal como o mineiro que se aventura pelas montanhas para encontrar ouro, busca descobri-las. O mineiro não cria o ouro da montanha, apenas procura o que já está lá. Assim também o intérprete das Escrituras. Ele busca na montanha da Palavra o ouro que o autor sagrado ali deixou (STEIN, 1999, p. 44).

A figura seguinte faz uma ilustração da relação entre o “padrão de significado” e suas “implicações” inerentes:

Figura 4 - Gráfico Ilustrativo do Padrão de Significado e suas Implicações



Fonte: Stein (1999, p. 44).

## A VOCAÇÃO DO PREGADOR

De acordo com Carlson (2005, p. 594), todo pregador deveria sentir-se na obrigação de entregar sermões que sejam poderosos e eficazes. É importante, porém, ressaltar que sermões assim não surgem ao acaso, não são decorrentes de aptidão pessoal, habilidades ou boa homilética, apenas. Têm muito a ver com o preparo da vida do pregador.

John A. Broadus (2009, p. 16-17) explica que o pregador precisa ter uma experiência espiritual com Cristo e que esta pode ser “embotada ou esfriada”, se não for zelada. Para o autor, uma pregação pode ser chamada de “real” quando esta reflete a vida do pregador.

Em geral, o pregador, tem uma experiência espiritual prévia com Jesus Cristo, mas ele pode deixar que essa experiência se embote e esfrie. O pregador pode manter sua experiência real ouvindo seus próprios sermões. Ele também deve se envolver na adoração pública e particular; deve amar e servir ao ser humano; deve testemunhar do poder salvador de Cristo; também deve ofertar para o sustento da igreja. Quando o ministro segue o caminho do discipulado, sua pregação é “real”. (BROADUS, 2009, p. 16-17).



©shutterstock

A vida do pregador é, provavelmente, o aspecto mais importante do preparo do sermão. Habilidades técnicas de interpretação e exposição bíblicas não são suficientes para que os propósitos da pregação sejam atingidos, na Igreja. Carlson (2005, p. 595) nos adverte:

Pregar não é produto de algumas poucas horas de estudo por semana; é o fluxo de uma vida inteira de relacionamento com Cristo. E no quarto secreto com Ele é que recebemos a verdade em nosso espírito e mente. Ali o Espírito Santo ilumina a Palavra. Compreensão adequada da relevância bíblica para as necessidades contemporâneas deve estar no âmago de toda mensagem. Só então os princípios podem ser aplicados no viver diário.

Hernandes Dias Lopes (2008, p. 171) destaca que uma das áreas mais importantes da pregação é a vida do pregador, lembrando de John Stott, famoso autor cristão do século XX, o qual dizia que “[...] a prática da pregação jamais pode ser divorciada da pessoa do pregador”. O autor insiste que a maior necessidade da

igreja é de pregadores que sejam “homens piedosos” (que vivam em santidade). Para ele, isso é muito mais importante que uma pregação “[...] com consistente exegese, sólida teologia e brilhante apresentação”. Hernandez Dias Lopes denuncia (2008, p. 170):

É assustador o número de pastores que estão no ministério, que sobem ao púlpito a cada domingo, exortam o povo de Deus à santidade, combatem tenazmente o pecado, mas ao mesmo tempo têm vida dupla; em casa, são maridos insensíveis e infiéis, pais autocráticos e sem alguma doçura com os filhos. Há muitas esposas de pastor vivendo o drama de ter um marido exemplar no púlpito e um homem intolerante dentro de casa. Há muitos pastores que já perderam a unção e continuam no ministério sem chorar pelos próprios pecados. Não são poucos aqueles que, em vez de alimentar o rebanho de Cristo, apascentam a si mesmo; que, em vez de proteger o rebanho dos lobos vorazes, são os próprios lobos vestidos de toga. Charles Spurgeon dizia que um pastor infiel é o maior agente de Satanás dentro da igreja.

Broadus (2009) alerta que “[...] o pregador que desenvolve as habilidades homiléticas pode se esquecer de sua necessidade do Espírito Santo” (BROADUS, 2009, p. 19). Para o autor, isso é uma tragédia, e o que explica que “alguns cultos de adoração” sejam “[...] frios e sem vida e de os sermões nesses cultos não terem impacto”. Carlson (2005) destaca que, como pregadores, “[...] não precisamos nos preocupar com a nossa capacidade; dependamos da capacidade de Deus e de sua capacitação” (CARLSON, 2005, p. 103). A questão é que nossos esforços de crescimento na arte da Homilética não são capazes de suplantam a o poder da capacitação espiritual de Deus a uma vida consagrada. O autor explica:

Deus abençoará a igreja ou o ministério quando os ministros consistentemente pregarem a Palavra e viverem vidas piedosas. O apóstolo Paulo deixou esse ponto claro, quando disse: “De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus. Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que, desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo” (Rm 15.17-19). O testemunho de Paulo era que ele pregava a Palavra e vivia de acordo com ela, por isso o seu ministério foi honrado por Deus com resultados sobrenaturais. Nossa palavra terá pouco efeito se não estiver apoiada em um viver íntegro. Vamos examinar cada um destes aspectos da mensagem proclamada (CARLSON, 2005, p. 100).

O autor defende que “[...] homens santos de Deus escreveram a bíblia quando foram capacitados pelo Espírito Santo, e homens santos de Deus, impulsionados pelo poder do Espírito, são necessários para trazer revelação à igreja dos dias de hoje” (CARLSON, 2005, p. 103). A responsabilidade do pregador é a de ser fiel, em sua vida e em sua pregação. Isso trará segurança para sua comunidade (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 52). “O pregador não sobe ao púlpito para entreter ou agradar a seus ouvintes, mas para anunciar-lhes todo o desígnio de Deus. Sem pregação fiel não há santidade. Sem santidade não há salvação. Sem santidade ninguém verá a Deus” (LOPES, 2008, p. 177).

John A. Broadus (2009) identifica as características que para ele devem estar presentes na vida do pregador: a) a percepção do chamado divino; b) uma experiência cristã vital; c) a continuidade na aprendizagem; d) o desenvolvimento dos seus dons naturais; e) a manutenção de sua saúde física; e f) a completa dependência do Espírito Santo.



## ANOTAÇÕES

---

---

---

---

---

---

---

---

## FUNDAMENTOS PARA UMA HOMILÉTICA RELEVANTE E CONTEXTUALIZADA

Uma das tarefas mais importantes da pregação está na parte da contextualização, a qual consiste em fazer as aplicações práticas, para a vida, que estejam ligadas ao princípio espiritual que está sendo pregado. Nos termos técnicos de Robert Stein, existe apenas um significado no texto e ele não muda. A significação, porém, tem muitas facetas, podendo variar de uma pessoa para outra (STEIN, 1999, p. 48). A significação de um texto deve ser distinguida das implicações, pois trata-se de algo que os leitores fazem, ao responderem ao significado do texto (STEIN, 1999, p. 49).

Robert Stein chama de significação a maneira como o leitor reage ao padrão de significado e às suas implicações. Significação refere-se à maneira como um leitor responde ao significado de um texto. Nesse sentido, o autor explica que, para o cristão, a implicação e a significação são muito próximas, porque ele está interessado em obedecer. Entretanto, para um incrédulo, ainda que a implicação do significado esteja muito clara, para ele, o texto não tem qualquer significação, porque não tem qualquer efeito de obediência. A significação é a aplicação das implicações do texto ao presente.

Uma das funções do pregador é a de fazer a contextualização da mensagem. Caso contrário, sua pregação será apenas informativa. Mas, como afirma Bruce Wilkinson (1998, p. 108), a Bíblia não nos foi dada para nos informar, mas para nos transformar. A transformação tem a ver com a contextualização da mensagem à realidade de vida dos ouvintes da pregação. Desse modo, a contextualização da mensagem é como o leitor reage ao padrão de significado, com suas implicações, dentro de sua realidade. Para ilustrar a relação entre o significado de um texto, suas implicações e a contextualização à realidade, observemos o texto da Grande Comissão:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (MATEUS 28.19-20 – ARA).

O gráfico abaixo ilustra a relação entre o “padrão de significado” do texto, suas implicações e sua contextualização (significação):

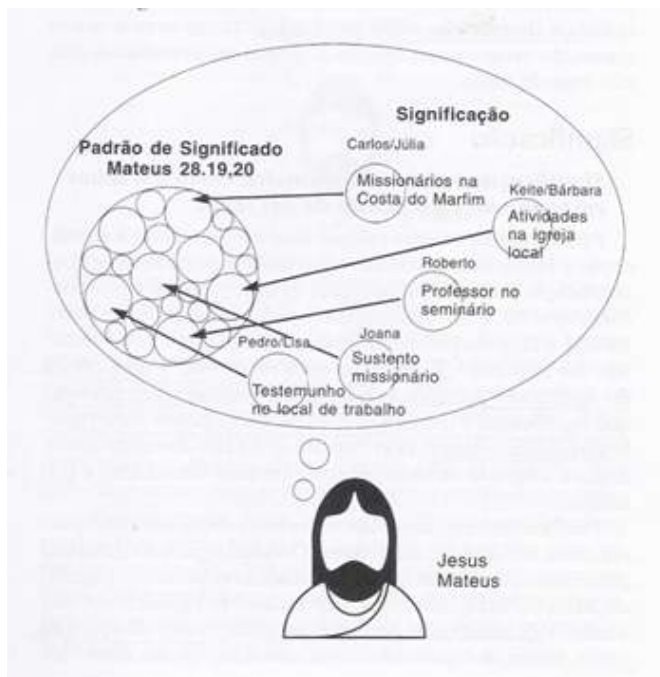
Figura 5 - Gráfico de Padrão de Significado com Implicações e Significações

Padrão de significado	Implicações	Significação
Jesus ordena que seus discípulos gerem outros discípulos, prometendo estar com eles.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ O discípulo deve agir para que outros discípulos sejam formados.</li> <li>➤ O trabalho do discípulo é gerar outros discípulos.</li> <li>➤ O discípulo deve ser capaz de ensinar.</li> <li>➤ O discípulo tem a promessa da companhia de Jesus enquanto estiver fazendo o seu trabalho.</li> <li>➤ O discípulo precisa saber o que Jesus ordenou.</li> <li>➤ O discípulo deve evangelizar.</li> <li>➤ O discípulo deve batizar.</li> <li>➤ O discípulo obedece a Jesus quando se dedica a formar outros discípulos.</li> <li>➤ ... etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Compartilho minha fé no meu local de trabalho.</li> <li>➤ Apoio o trabalho de uma agência missionária.</li> <li>➤ Contribuo com o trabalho da minha Igreja local.</li> <li>➤ Sou pastor de tempo integral.</li> <li>➤ Ensino histórias bíblicas para as crianças do meu bairro.</li> <li>➤ Ajudo pessoas em dificuldades para ter oportunidade de falar de Jesus.</li> <li>➤ Oro por pessoas doentes e aflitas nos hospitais.</li> <li>➤ Dou palestras com princípios cristãos a profissionais da minha área.</li> <li>➤ ... etc.</li> </ul>

Fonte: o autor.

Abaixo, Robert Stein (1999, p. 48) apresenta um exemplo gráfico da contextualização (significação) de Mateus 28.19-20:

Figura 6 - Gráfico da Significação de Padrões de Significado



Fonte: Stein (1999, p. 48).

Grant Osborne (2009, p. 551-552) explica que a chave da contextualização é buscar uma verdadeira “[...] fusão dos horizontes do texto bíblico e da situação moderna”. Essa fusão de contextos deve ser consistente e significativa. Para o autor, a falha nessa fusão resultará em uma contextualização imprópria ou falsa, podendo trazer sérias consequências.

Osborne (2009) também explica que o conteúdo da revelação bíblica é imutável, mas a forma em que ele é apresentado está sempre mudando. Segundo ele, esses dois aspectos – forma e conteúdo – constituem o núcleo indispensável da contextualização (OSBORNE, 2009, p. 532).

Bruce Wilkinson (1998, p. 108) esclarece que, como a Bíblia tem o objetivo de transformação, é necessário que o pregador não apenas apresente o que o texto está dizendo, mas, especialmente, quais as implicações deste para o hoje e como ele pode ser vivenciado hoje, na realidade de vida das pessoas. O autor chama essa etapa da pregação de “aplicação”. Referindo-se, especificamente, ao processo ensino/aprendizagem, o autor explica:



Durante a passagem e o princípio, o enfoque está no conteúdo, mas durante o passo “personalize” você redireciona as atenções para a classe. Durante esse estágio, a aplicação é amoldada ao aluno e toca na “emoção” dele, de forma que ele se torne “convicto” pelo Espírito Santo de sua necessidade de obedecer. Até aqui, a lição foi bastante objetiva. Agora, ela precisa se tornar subjetiva. Os alunos precisam caminhar da compreensão do conteúdo para a aplicação. É durante esse passo que a verdade se encarna. Os fatos se revestem de carne e osso. O princípio vai tornar-se pessoal. O terceiro passo é o cerne e a essência da aplicação. [...] o aluno deve saber o que fazer e se sentir convicto o suficiente para fazê-lo (WILKINSON, 1998, p. 129).

O autor argumenta que é nesse momento da aplicação (contextualização) que a pessoa deve conseguir enxergar como viver a passagem bíblica. É nesse momento da pregação, portanto, que “[...] o ensino teórico sai e o prático ocupa o seu lugar” (WILKINSON, 1998, p. 129).

Obviamente, estamos aqui nos referindo ao “papel humano”. Trata-se de uma responsabilidade técnica do pregador fazer essa ligação entre a verdade bíblica e a vida de seus ouvintes. Porém, é preciso ressaltar que essa transformação não ocorrerá apenas por esse passo estar sendo bem executado. É absolutamente necessária a ação do Espírito Santo, nesse momento especial da pregação. O autor ressalta que é nesse momento que deve “[...] haver uma parceria notável entre o professor humano e o Divino. Cada um deles tem seu papel, neste trabalho em equipe” (WILKINSON, 1998, p. 129).

O esclarecimento ocorre quando o professor pinta o quadro, mostrando como seria de fato o princípio, aplicado à vida e às circunstâncias do aluno. A convicção ocorre à medida que o Espírito toca no coração do aluno, levando-o a sentir a necessidade de obedecer ao Senhor e a colocar o princípio em prática. Quanto mais clara for nossa exposição do princípio à imaginação do aluno, mais rápida e eficazmente o Espírito poderá penetrar no coração dele. Além do mais, quanto mais forte for a convicção, maior será o potencial para uma transformação de vida genuína e duradoura. Essas duas atividades inter-relacionadas influenciam grandemente o grau de transformação de vida que ocorre quando ensinamos. O grau de eficiência com que você desempenha seu papel de esclarecer, normalmente, ou reprime ou libera o Espírito para efetuar a obra dele nos alunos. Embora o Espírito Santo seja todo-poderoso, ele quase que invariavelmente opera em cooperação com o professor humano. É por isso que alguns professores parecem ter a unção do Espírito, e outros (mesmo com idêntico conteúdo bíblico) parecem não ter (WILKINSON, 1998, p. 129).

Voltamos aqui, fatalmente, à questão do preparo espiritual do pregador. Sua vida e sua comunhão com Deus são sua verdadeira mensagem. Mais do que isso, são as condições para que ele possa ser plenamente usado pelo Espírito para que seus ouvintes tenham vidas transformadas pela Palavra. O pregador atrapalha ou coopera com essa transformação. Embora o autor esteja focando na figura do professor bíblico, em seu texto, é bastante óbvio que o mesmo se aplica ao pregador, na pregação da Palavra.

**REFLITA**

O caráter de uma pessoa de Deus é manifestado em atitudes e atos santos. A não ser que palavras santas saiam de um coração santo, elas não têm poder. E a não ser que a santidade resulte em total integridade, ela é uma pseudo-santidade. Nenhuma pessoa de Deus pode descuidar-se com respeito à integridade.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 236-237).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, no decorrer desta unidade, a Homilética é a arte e a ciência da exposição bíblica, uma das mais importantes funções do ministério pastoral. Esmerar-se nesta disciplina é absolutamente fundamental para que o ministério pastoral seja cumprido com excelência. Não à toa nos adverte 1Tm 5.17 que são dignos de dupla honra os pastores que lideram adequadamente a Igreja, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino.

Isso implica que a pregação seja bem apresentada, com clareza de comunicação. Deve-se evitar a todo custo que vícios de linguagem ou de gestos possam prejudicar de alguma maneira a exposição da Palavra. Isto porque a pregação se constitui no principal método usado por Deus ao longo da História do Cristianismo para a propagação da fé em Cristo. Como diz MacArthur (1998, p. 279): “A proclamação do Evangelho é o que produz fé nos que foram escolhidos por Deus (Rm 10.14). Pela pregação da Palavra vem o conhecimento da verdade que resulta na piedade (Jo 17.17; Rm 16.25; Ef 5.26)”.

O trabalho com o texto bíblico deve ser bastante criterioso a fim de se evitar interpretações errôneas. Investigar o propósito do autor bíblico, respeitar os contextos em que o texto se encontra, respeitar o gênero literário a que o texto pertence, respeitar as figuras de linguagem e identificar o padrão de significado do texto são ações muito importantes para que seja assegurada a integridade entre o que se está pregando e o que diz o texto bíblico.

A pregação deve fazer sentido à realidade das pessoas. Embora o contexto histórico e social dos textos bíblicos sejam distantes do hoje, seus princípios espirituais servem para todas as gerações. Estes não apenas devem ser apresentados, como também o pregador deve esforçar-se em esclarecer de que modo eles podem ser vividos nos dias de hoje, na realidade de seus ouvintes.



## A UNÇÃO DE DEUS

Nenhum cristão tem o direito de abaixar o nível médio da vida da Igreja ao viver uma vida sem unção. Nenhum líder cristão certamente ousará aviltar e depreciar a causa de Cristo ou a liderança cristã, vivendo sem unção e mostrando uma liderança sem unção.

## A UNÇÃO É PARA VOCÊ

Quando o Espírito Santo faz você nascer de novo, você recebe a Sua presença permanente. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9). O Espírito dá testemunho da sua salvação (Rm 8:16; 1 Jo 5:6,10), mas você recebe também o ministério do Espírito de muitas outras formas. Uma delas é a unção da sua vida e do seu serviço.

O grau em que cada cristão recebe essa unção e tem consciência dela depende da proximidade do seu caminhar com o Senhor e da medida em que, pela fé, ele se apropria dela. A unção continua nele, mas pode não estar poderosamente ativa. Como acontece em toda experiência cristã, a fé é o meio de apropriação.

Você, como líder, foi escolhido por Deus e pelo Seu povo para guiar seus companheiros crentes. Você, num sentido especial, foi separado para representar Cristo, o Ungido. Você precisa de uma unção especial e discernível para representar devidamente a Cristo e glorificá-lo. Você é uma pessoa marcada. Dentre todos, você pode honrar ou desonrar a Cristo. Dentre todas as pessoas, você deve assemelhar-se a Cristo e ter uma vida ungida.

Você deve também ser ungido em sua liderança. Desde que Cristo proveu a unção para você pela Sua graça, Ele espera que seja constantemente ungido pelo Espírito em todos os aspectos do seu papel de liderança. A sua responsabilidade como Seu líder para o Seu povo é tão grande que você não ousa trabalhar sem constante experiência e repetidas renovações da Sua unção. Você é também responsável perante o seu povo. Eles consideram você acima de tudo, o melhor como seu líder espiritual. Você deve a eles manter-se ungido para as suas responsabilidades mediante novos toques do Espírito de Deus.

A unção do Espírito, nas palavras de Bounds (2010, p. 32), “[...] é a coroação do céu conferida aos escolhidos e valentes que procuram esta honra ungida, embora através de muitas horas de oração em lágrimas e luta”. Ele chama isso de “capacitação divina”, pela qual o líder do povo de Cristo é equipado para a sua liderança. Sem isso, diz ele, “[...] não são alcançados quaisquer resultados espirituais”.

Deus proveu capacitação divina para você. A Escritura dá exemplos repetidos de Seus líderes recebendo essa preparação especial. Esta é a era da plenitude do Espírito. Qualquer falta da atuação do Espírito na sua liderança não é devida à má vontade de Deus, afinal, Deus quer fazer de você tudo o que pode ser pela Sua graça: um líder revestido, ungido, guiado e capacitado pelo Espírito Santo. Ele quer fazer de você um líder muito mais efetivo do Seu povo do que jamais sonhou ser possível. Pelo Seu toque especial, Ele pode extrair o importante potencial que vê em você. A sua unção, em toda a sua plenitude, é para você.





Cito Bounds (2010, p. 33) outra vez:

A unção, a unção divina, celestial, é o que o púlpito precisa e deve ter. Este óleo divino e celestial colocado nele pela imposição das mãos de Deus deve “amolecer” e “azeitar” todo o homem — coração, cabeça e espírito — até que o separe fortemente de todos os motivos e objetivos terrenos, seculares, mundanos e egoístas, reservando-o para tudo que é puro e divino.

### **A UNÇÃO PODE SER RECONHECIDA**

Vários termos bíblicos e frases descritivas indicam a capacitação especial de Deus através do Espírito Santo. Entre eles, estão os seguintes: “O Espírito do Senhor veio sobre”, “a mão do Senhor veio sobre”, “o poder do Senhor veio sobre” e a “unção” do Espírito. Cada um deles acrescenta ao nosso conhecimento o importante ministério de capacitação do Espírito. Num certo sentido, talvez todos pudessem ser considerados aspectos da unção do Espírito.

Todo líder cheio do Espírito é um ungido de Deus e experimenta aspectos da unção na sua liderança, mas muitos lugares enfatizam tão pouco a unção de Deus, expressam tão pouco desejo dela em suas orações e exercitam tão pouca fé para a sua apropriação que só experimentam, ocasionalmente e em grau mínimo, a diferença dinâmica que a unção do Espírito pode fazer no ministério.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones enfatizou a necessidade da unção do Espírito. Ele a chamou de maior fundamento no que diz respeito à pregação. E insistiu: “O preparo cuidadoso e a unção do Espírito Santo jamais devem ser considerados alternativas, mas complementos um do outro. Você sempre procura e busca esta unção antes de pregar? O pregador não pode aplicar um teste mais completo e revelador do que esse”.

Você está entre os que se mostraram indiferentes à unção do Espírito? Ela tem sido em geral uma experiência nominal da sua parte? Você tem de confessar que não espera nem depende de qualquer diferença significativa em seu ministério através da dotação sobrenatural de Deus? Não avalie a mão de Deus sobre você em seu futuro com base no seu passado. Deus quer dar-lhe uma nova dimensão da Sua capacitação divina, para que você tenha uma liderança cada vez mais eficaz e que dê glória a Deus. Que você possa mais do que nunca tornar-se “o ungido do Senhor”!

A unção de Deus é real e pode ser reconhecida. Em geral, a pessoa ungida pode reconhecê-la; muitas vezes, outras pessoas espiritualmente perspicazes conhecem a diferença. Certo dia perguntei ao Dr. Ezra Devol, missionário e superintendente médico de um hospital na Índia: “Ezra, existe algo como a unção do Espírito na cirurgia?”. Sua resposta imediata foi: “Pode estar certo que sim, e sei quando a tenho ou não!”.





Jesus tinha uma percepção suprema da unção do Espírito. Ele disse: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu” (Lc 4:18). Davi tinha conhecimento dela (2 Sm 23:2). Ezequiel deu testemunho dela repetidamente. Esdras (Ed 7:6) e Neemias (Ne 2:18) sabiam quando a mão do Senhor estava sobre eles. Paulo a experimentou (2 Co 1:21-22). Você também pode conhecê-la.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 207-212).



## ATIVIDADES



### 1. Analise as alternativas abaixo:

- I. A elaboração de sermões é ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Isto porque tem um aspecto de emprego de técnicas, mas, ao mesmo tempo, trata-se do desenvolvimento de uma habilidade pessoal, particular, de se empregar tais técnicas.
- II. A função da homilética é contribuir para que os sermões sejam biblicamente corretos, enfatizem a verdade com uma aplicação pertinente e sejam apresentados de maneira clara e compreensível.
- III. A homilética nasceu na oratória dos antigos gregos e foi incorporada pela Igreja, juntamente com sua herança da exposição das Escrituras, vinda do judaísmo das sinagogas.
- IV. Pregar é proclamar a mensagem de Deus. Qualquer pessoa pode fazer isso. A pregação não depende da qualificação do pregador para sua efetividade.
- V. O pregador deve estar intimamente envolvido com as pessoas a quem prega.

### Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I, a II e a III estão corretas.
- b. Somente a I, a II e a V estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- d. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

### 2. Analise as proposições abaixo:

- I. A arte da improvisação tem seu lugar de ênfase no ministério da pregação.
- II. O pregador deve estar envolvido com o sermão, com mente e com o coração.
- III. Pregar é diferente de discursar porque o pregador deve sugerir o senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade.
- IV. O uso da voz e a postura do pregador são fundamentais para a clareza e efetividade do sermão.
- V. O pregador não diz coisas simplesmente com a atitude de “faça como quiser”, ele deseja persuadir seus ouvintes sobre a veracidade de sua mensagem.

## ATIVIDADES



Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a II e a III estão corretas.
- b. Somente a II, a III e a V estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- d. Somente a II, a III, a IV e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

3. Analise as proposições abaixo:

- I. Os princípios espirituais de um texto bíblico são para todas as gerações, mas estão encapsulados numa cultura e sociedade arcaicas.
- II. As implicações de um texto bíblico estão ligadas ao padrão de significado pretendido pelo autor.
- III. Compreender o propósito do autor e o contexto do texto bíblico não é fundamental para se compreender um texto bíblico. O que é fundamental é a revelação do Espírito Santo.
- IV. Podemos entender de uma declaração algo completamente diferente do que ela queria dizer, se respeitarmos os limites do padrão de significado.
- V. O contexto literário pode ser estudado por meio do diagrama de fluxo de ideias, e o contexto histórico pode ser estudado por meio de materiais auxiliares de pesquisa.

Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- b. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a IV e a V estão corretas.
- d. Somente a I, a II, e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.



## ATIVIDADES



4. Marque verdadeiro ou falso:
- (     ) Um texto pode significar o que nunca significou.
  - (     ) Perguntas interpretativas são perguntas que fazemos ao texto para que o próprio texto responda.
  - (     ) O estudo da gramática de um texto bíblico é penoso e desnecessário para que ele seja adequadamente interpretado.
  - (     ) O significado de um texto bíblico é único, mas ele tem um padrão de significado que resulta em implicações que estão além do que está escrito.
  - (     ) Implicações são aqueles significados dos quais o autor não estava ciente, mas que, apesar de tudo, enquadram-se legitimamente no padrão de significado por ele pretendido.
- a. V,V,V,F,F.  
b. F,V,V,V,F.  
c. F,V,F,V,V.  
d. F,V,V,F,V.  
e. F,V,F,V,F.
5. Assinale verdadeiro ou falso:
- (     ) O pregador não precisa ter, necessariamente, uma experiência espiritual real e viva com Cristo.
  - (     ) A vida do pregador é provavelmente o aspecto mais importante do preparo do sermão.
  - (     ) Os pregadores não precisam buscar qualificação humana para a pregação, devem depender da capacidade de Deus e de sua capacitação, unicamente.
  - (     ) Nossos esforços de crescimento na arte da homilética não são capazes de suplantar o poder da capacitação espiritual de Deus para uma vida consagrada.
  - (     ) A contextualização é fazer as aplicações práticas, para a vida, que estejam ligadas ao princípio espiritual que está sendo pregado. Trata-se de uma das tarefas mais importantes da pregação.
- a. V, V, F, F, V.  
b. F, F, V, V, V.  
c. V, V, F, V, V.  
d. F, V, F, V, V.  
e. F, V, V, V, V.



## LIVRO

### Entendes o que lês

Gordon Fee e Douglas Stuart

**Editora:** Vida Nova

**Sinopse:** “Entendes o que lês?” Essa pergunta foi feita por Filipe, há muito anos, a um eunuco, alto oficial da rainha da Etiópia, que estava lendo o livro de Isaías sem nada compreender. Lucas narra em Atos a resposta desafiante do eunuco: “Como posso entender se não há ninguém para me explicar?”.

O tempo passou, mas o desafio continua, pois hoje não são poucos que, a exemplo do eunuco, admitem não conseguir entender a Bíblia. Foi pensando nessas pessoas que Gordon Fee e Douglas Stuart escreveram este livro.

Nesta nova edição, o leitor desfrutará de um livro totalmente atualizado. Inclusive com o acréscimo de um capítulo que trata sobre a questão da tradução da Bíblia e o uso das diversas versões para a tarefa da interpretação bíblica.





LIVRO

## **A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**

Grant R. Osborne

**Editora:** Vida Nova

**Sinopse:** Há um significado original nos textos bíblicos? Como esse significado pode ser traduzido para os dias de hoje? De que forma isso influencia a pregação?

Foi pensando em tudo isso que Grant R. Osborne escreveu a sua obra magistral, *A Espiral Hermenêutica*. Ao perceber as muitas dificuldades que pastores, pregadores e estudiosos da Bíblia enfrentam ao interpretar

o texto bíblico, Osborne resolveu propor uma nova abordagem à hermenêutica bíblica. Para o autor, a principal premissa deste livro é a de que a interpretação bíblica gera uma “espiral” que vai do texto ao contexto, do significado original à contextualização ou significação para a Igreja de hoje. Segundo ele, a espiral é a metáfora mais adequada, pois não é um círculo fechado, mas um movimento irrestrito que vai do horizonte do texto ao horizonte do leitor.

Além de dialogar com as mais recentes teorias da linguagem, bem como propor um novo método de interpretação bíblica, o autor também aprofunda questões de extrema relevância para a hermenêutica, tais como: contexto histórico, padrões de retórica, análise gramatical, semântica e exegética, gêneros literários, citações do AT no NT, relações entre a hermenêutica e as teologias bíblica, histórica, sistemática e homilética, e muito mais.

Outro aspecto importante é que “*A Espiral Hermenêutica*” é uma obra comprometida com a pregação da Palavra. Osborne dedica dois capítulos do livro a mostrar, passo a passo, como preparar um sermão que, começando com a exegese, leva em conta todas as etapas da hermenêutica.

Enfim, aqueles que estavam em busca de um livro especializado em hermenêutica bíblica agora têm em mãos uma das mais bem conceituadas obras de referência no assunto.





## LIVRO

### Há um significado neste texto?

Kevin Vanhoozer

**Editora:** Vida

**Sinopse:** Há um significado na Bíblia?

Será que esse significado envolve o leitor ou a maneira de ler? A doutrina cristã tem alguma contribuição a dar aos debates acerca da interpretação, da teoria literária e da pós-modernidade? Essas perguntas são fundamentais para os estudos bíblicos contemporâneos e para a Teologia.

Em resposta a elas, Kevin Vanhoozer argumenta que a crise pós-moderna na hermenêutica – “a incredulidade para com o sentido”, um ceticismo arraigado que se

relaciona à possibilidade de uma interpretação correta – é basicamente uma crise na Teologia.

Segundo o escritor, ela é provocada por uma perspectiva inadequada a respeito do Criador e pela chamada “morte” de Deus.

A Parte 1 desta obra examina os modos pelos quais a desconstrução e a crítica radical da resposta do leitor “desfazem” os conceitos tradicionais de autor, texto e leitura. Na Parte 2, Vanhoozer defende o conceito do autor e a possibilidade do conhecimento literário, valendo-se dos recursos da doutrina cristã e abordando o significado em termos de ação comunicativa. Uma contribuição importantíssima para a correta compreensão dos textos sagrados!





LIVRO

## **A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica**

Haddon Robinson e Craig B. Larson (orgs.)

**Editora:** Shedd Publicações

**Sinopse:** Há um significado na Bíblia?

Você tem em mãos uma arca do tesouro de insights para o pregador da atualidade. A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica é abrangente em escopo, cobrindo todos os aspectos da homilética de seus inúmeros ângulos, e proporciona não somente uma fonte de informações, mas também um fórum para diferentes perspectivas. Este livro está repleto de sabedoria prática dos mais renomados pregadores da igreja evangélica contemporânea.

Organizado por Haddon Robinson e Brian Larson, este compêndio das melhores entre as melhores seleções do site PreachingToday.com é ampliado com novos artigos escritos especificamente para este livro. De leitura agradável e fácil, breves e atraentes.



## REFERÊNCIAS

- BOUNDS, E. M. **Poder pela Oração**. São Paulo: Editora Vida, 2010.
- BROADUS, J. A. **Sobre a preparação e a entrega de sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- DUEWEL, W. **Em Chamas para Deus**. São Paulo: Editora Candeia, 1996, p. 236-237.
- \_\_\_\_\_. **Em Chamas para Deus**. São Paulo: Candeia, 1996, p. 207-212.
- FEE, G.; STUART, D. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HORTON, S. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 82- 83.
- \_\_\_\_\_. **Manual de Exegese Bíblica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.
- LLOYD-JONES, M. **Pregação e Pregadores**. São José dos Campos: Editora Fiel, 1984.
- LOPES, H. D. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008.
- OSBORNE, G. A **Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- STEIN, R. H. **Guia Básico para a Interpretação da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- WILKINSON, B. **As 7 Leis do Aprendizado**. Venda Nova-MG: Editora Betânia, 1998.
- WIERSBE, W. W.; SUGDEN, H. F. **Respostas às perguntas que os pastores sempre fazem**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

## ***GABARITO***

1. D
2. D
3. D
4. C
5. D







## O SERMÃO

UNIDADE

V

### Objetivos de Aprendizagem

- Informar e exemplificar a classificação dos sermões.
- Clarificar a função do sermão para a Missão da Igreja, analisando suas exigências e demandas.
- Descrever as partes constitutivas de um sermão.
- Identificar e exemplificar tipos de cerimônias e solenidades em que o exercício do ministério pastoral exija um sermão, observando os respectivos cuidados e necessidades a serem atendidas.
- Analisar e implementar algumas das técnicas de elaboração de sermões.

### Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Classificação dos sermões
- Requisitos fundamentais ao sermão
- Partes constitutivas do sermão
- Tipos de cerimônias e solenidades
- Técnicas de elaboração de um sermão



## INTRODUÇÃO

Uma das responsabilidades mais importantes do ministério pastoral é, sem dúvida, a pregação da Palavra. Trata-se de alimento e direção espiritual para o rebanho que Deus confiou. Por isso, todo esmero na arte da Pregação é uma responsabilidade que deve ser assumida. O sermão deve conseguir provocar o interesse dos ouvintes, ministrar a eles verdades espirituais e desafiá-los a comprometer-se com práticas de vida. A condução do sermão nesses propósitos é tarefa do pregador.

Nesse sentido, o pregador deve ser um estudioso tanto da Bíblia quanto da arte da pregação. Deve saber que exercerá uma função de mediação entre o conforto e o confronto da Palavra e a realidade de vida das pessoas a quem ministra. A elaboração de seus sermões será, assim, tanto bíblica quanto contextualizada. Wiersbe e Sugden (2006, p. 52) afirmam que uma congregação sente seus corações confortados e dá graças a Deus quando percebe ter um “[...] pastor que os ama a ponto de se dedicar com afinco à pregação”.

No ministério pastoral não se resolve tudo por meio dos sermões. Tanto o aconselhamento quanto as visitas fazem parte do trabalho pastoral e são capazes de atender necessidades que a pregação pública não pode atender. Apesar disso, os sermões, se bem feitos, e na condução do Espírito Santo, poderão gerar transformações impensáveis e ser determinantes para um avivamento espiritual numa comunidade de fé. Assim, o sermão não pode “ser um acidente” ou apenas “um algo a mais” na rotina do ministério pastoral. A ele deve ser dada a atenção que lhe é devida.

Nesta unidade, estudaremos a respeito do sermão. Começaremos com uma análise dos tipos diferentes de sermão que se encontram dentre os mais usados. Veremos os requisitos fundamentais para que o sermão cumpra com seu propósito, na pregação da Palavra. Também estudaremos sobre as partes que constituem um sermão e refletiremos sobre a relação entre o sermão e a ocasião em que ele estará sendo proferido. Finalizaremos com um estudo de aspectos práticos na elaboração de um sermão.

## CLASSIFICAÇÃO DOS SERMÕES

De acordo com John A. Broadus (2009, p. 61), “[...] a principal classificação dos sermões é pela estrutura”. Há três estruturas básicas em que os sermões geralmente se dividem. Eles podem ser Temáticos (também chamados de tópicos), Textuais ou Expositivos.

O sermão temático tem ênfase no assunto que será tratado. Significa que o sermão é dirigido pelo assunto. “É aquele que começa com a escolha de um assunto e então segue com a busca dos textos necessários para apoiá-lo” (REIS, 2006, p. 51). Anísio Batista Dantas (1995, p. 41-42) explica que no sermão temático “[...] o assunto é tratado e dividido segundo sua própria natureza. Tudo que esse sermão recebe do texto é sua ideia central”. O assunto tratado estará ligado ao título. Os textos bíblicos estarão presentes mais para apoiar o que está sendo dito. Hernandes Dias Lopes (2008, p. 137) também esclarece que:

Sermões tópicos (por assunto) são aqueles em que as divisões são feitas de acordo com o assunto tratado. O tópico pode ser extraído do texto, as divisões dependem do assunto. Os sermões tópicos dão um tratamento sistemático ou integrado do tema considerado digno de discussão [...] é construído ao redor de um determinado assunto, ou ideia, tirado da bíblia ou externo a ela. O pregador geralmente reúne o que a bíblia diz sobre um tópico específico, organiza a passagem em uma apresentação lógica e depois faz um sermão tópico.

A segunda categoria comum de estrutura de sermões chama-se textual. De acordo com Edmilson dos Reis (2006, p. 59), “[...] o sermão textual é aquele que é baseado num texto bíblico curto (cujo tamanho vai desde uma simples frase até uns poucos versículos). Dele deverão brotar tanto a ideia central (o tema) como as ideias primárias (as divisões)”. Neste caso, o que dirige o sermão não é o assunto que está sendo tratado, como no caso anterior. O que dirige o sermão é o próprio texto bíblico que está sendo trabalhado. Anísio Batista Dantas (1995, p. 44) explica que “[...] tanto o tema quanto as divisões são derivados do texto e seguem rigorosamente sua ordem natural”.

As divisões derivam-se do texto, devendo ficar intimamente relacionadas com o assunto e umas com as outras, constituindo uma só estrutura. Se bem construído, tem as mesmas vantagens do temático,

sobrepondo-se a este pela qualidade de poder ficar mais junto ao texto, não somente o assunto, mas todo o pensamento principal do discurso (DANTAS, 1995, p. 43).

Não há uma regra clara a respeito da quantidade de texto a ser trabalhado que caracterize um sermão textual. O autor alega que “[...] bons expositores e mestres aconselham não mais de quatro ou cinco versículos. Um texto maior seria para o sermão expositivo. Aliás, é bom lembrar que o textual é um expositivo de pequena extensão” (DANTAS 1995, p. 44). Para Hernandez Dias Lopes (2008, p. 139), o sermão textual “[...] é essencialmente o mesmo que o expositivo, com a diferença de que emprega uma passagem mais curta das Escrituras, em geral apenas um versículo ou uma ou duas frases”.

Dantas diz que “[...] o sermão textual é baseado, como sugere a própria palavra, na verdade bíblica contida no texto sagrado escolhido para essa finalidade. As divisões são feitas no texto bíblico (e não extraídas do tema)” (DANTAS, 1995, p. 44). Por esta razão, os sermões textuais:

[...] são úteis para explicar as Sagradas Escrituras, pois fundamentam-se exclusivamente nelas. Por isso, exige do pregador profundo conhecimento da Palavra de Deus. Oferece ainda a vantagem de levar o pregador a estudar constantemente a Bíblia. É mais útil à doutrina, além de se prestar muito ao pregador de cultura mediana (DANTAS, 1995, p. 45).

A terceira categoria de sermões é a expositiva. O sermão expositivo “[...] começa com um texto, então, descobre-se o tema e o seu desenvolvimento” (REIS, 2006, p. 53). É “[...] baseado em um único texto bíblico, geralmente longo. Esse texto pode consistir de uns poucos versos, de um ou dois capítulos, ou até de um livro inteiro da bíblia” (REIS, 2006, p. 53).

John A. Broadus (2009, p. 65) esclarece que “[...] não há uma definição de sermão expositivo, senão muitas”. Mas que uma característica que define um sermão como sendo expositivo é que este “[...] ocupa-se principalmente da exposição das Escrituras”. O autor sugere que um sermão expositivo “[...] pode ser definido como um sermão que extrai do texto suas divisões e a exploração dessas divisões”, sendo que os “[...] principais pontos e subdivisões vem do texto”, fazendo com que “[...] todo o conteúdo de pensamento” venha das Escrituras. O autor também esclarece que isso não exclui “[...] a explicação, a ilustração e

a aplicação de outras fontes”, mas que “[...] as ideias básicas” do que está sendo pregado estão vindo do texto. Hernandes Dias Lopes (2008, p. 142) reforça que:

A pregação expositiva não é simplesmente um comentário corrente sobre uma passagem da Escritura. Nem é uma sucessão de estudos de palavras ligados frouxamente por algumas ilustrações. Do mesmo modo, tampouco é uma simples exposição, quanto ao sentido, de um versículo, de uma passagem ou de um parágrafo. Alguns creem que pregação expositiva é fazer alguns comentários baseados em uma longa passagem bíblica. Outros definem pregação expositiva como fazer um sermão sobre uma passagem bíblica de muitos versículos. O sermão deve fazer a conexão entre o texto e os ouvintes contemporâneos.

John A. Broadus (2009, p. 66) explica que o que caracteriza um sermão expositivo não é, portanto, a quantidade de texto, mas como este texto está sendo usado. O autor afirma que “[...] um sermão expositivo pode ser preparado tendo como base apenas um versículo”. Hernandes Dias Lopes (2008, p. 143) esclarece o que deve acontecer para que o sermão seja considerado um sermão expositivo:

Para que o sermão seja expositivo, o seguinte deve ocorrer: o sermão precisa ser baseado em uma passagem da Bíblia. O sentido real da passagem bíblica deve ser encontrado. O sentido da passagem bíblica deve estar relacionado com o contexto imediato e geral da passagem. As verdades eternas contidas na passagem devem ser esclarecidas. Essas verdades devem agrupar-se em volta de um tema instigante. Os pontos principais do sermão devem ser extraídos dos versículos da Escritura. Devem ser utilizados todos os métodos que tornem possível aplicar as verdades contidas no versículo. Os ouvintes serão chamados a obedecer a essas verdades e aplicá-las na vida diária.

Anísio Batista Dantas destaca que o sermão expositivo “[...] é excelente para explicação das Sagradas Escrituras” porque consegue tratar “[...] da explicação de uma unidade bíblica de quatro ou mais versículos, de um capítulo ou de todo um livro da bíblia ou ainda de toda a bíblia” (DANTAS, 1995, p. 45).

John A. Broadus destaca que “[...] se pregar é dar voz à bíblia, se pregar é a proclamação da mensagem de Deus, então parece que o método expositivo seria o mais comumente empregado” (BROADUS, 2009, p. 65). Apesar disso, o autor adverte que este é o tipo de sermão “mais negligenciado”. Hernandes Dias Lopes (2008, p. 141) defende que:

Pregação expositiva é pregar a Palavra de Deus, não sobre a Palavra de Deus. O texto da Escritura é a fonte da mensagem e a autoridade do mensageiro. O texto dirige o sermão. O foco, o conteúdo, as ideias, as divisões e a aplicação do sermão devem ser centrados na passagem bíblica, não nos critérios, nos pensamentos e nas opiniões dos pregadores ou teólogos. Pregação expositiva é pregação centrada na bíblia.

De acordo com Edmilson Reis (2006, p. 59), o

[...] sermão expositivo é o melhor para alimentar os que já são crentes e ajudá-los a crescer na graça e no conhecimento de Cristo. Tem sido usado para a explicação continuada e abrangente de um livro da bíblia e também para exposição de passagens relacionadas dadas em série.

SAIBA MAIS



Chegamos agora ao cerne do nosso assunto. Para nós, ministros, o Espírito Santo é absolutamente essencial. Sem Ele o nosso ofício não passa de um nome. Não nos arrogamos sacerdócio além e acima daquele que pertence a todos os filhos de Deus. [...] A menos que o espírito dos profetas esteja repousando sobre nós, o manto que usamos não passa de um traje tosco e enganoso.

Fonte: Spurgeon, C. (Vol 1, p. 7).

## REQUISITOS FUNDAMENTAIS AO SERMÃO

À luz de tudo o que temos visto, ao longo dessas unidades, o sermão é de fundamental importância para a saúde da Igreja e, por consequência, para que seja cumprida a Grande Comissão. O sermão precisa ser “bem-sucedido” como ferramenta de Pregação da Palavra. Independentemente da categoria de sermão que um pastor usará, se temático, textual ou expositivo, ele precisa estar atento a alguns fundamentos básicos que devem nortear seus esforços na preparação de seu sermão. Com base em autores sobre o assunto, vamos ressaltar alguns dos requisitos fundamentais para que o sermão cumpra com seu propósito.

### A ANÁLISE PARA O SERMÃO

O primeiro requisito fundamental a um sermão é a análise que o pregador deve saber fazer antes de iniciar o preparo de seu sermão. Edmilson Reis (2003, p. 17) sugere que o pregador faça uma análise do auditório a que ministrará, uma análise da ocasião em que ministrará seu sermão e uma autoanálise. Isto significa que o pregador deve saber compreender as responsabilidades que pesam sobre ele, à luz do auditório e da ocasião em que seu sermão será proferido. O autor sugere um conjunto de perguntas que podem contribuir com essas análises:

Análise do auditório: a) O que os ouvintes já sabem sobre o tema que vou abordar? b) Qual a atitude deles em relação a esse assunto? c) Qual a atitude deles em relação a mim como orador? d) Quais são as ocupações deles? e) Qual seu nível educacional? f) Qual a idade deles? g) Quantos serão os ouvintes? e h) Quais são as necessidades deles?

Análise da ocasião: a) Qual a finalidade da reunião? b) Onde a reunião será realizada? c) Quais os recursos que estarão à minha disposição? e d) Quais as outras partes da programação que ocorrerão antes e depois da minha palestra?

Análise do orador: a) Conheço suficientemente o assunto sobre o qual pretendo falar? b) Tenho tempo suficiente para preparar o assunto? c) Estou realmente interessado no assunto? e d) Qual é a minha reputação como orador e como autoridade no assunto?



Embora essas análises não sejam determinantes ou condicionantes para a elaboração do sermão, elas serão muito úteis para guiar o pregador no seu preparo, para que sejam atendidos os objetivos de seu sermão.

## O OBJETIVO DO SERMÃO

O segundo requisito fundamental a um sermão é precisamente o seu objetivo. O sermão deve ter um alvo a ser atingido. Esse objetivo deve estar claro e deve estar sendo definido durante a preparação do sermão, à luz das análises que estão sendo feitas. John A. Broadus (2009, p. 55) explica que “[...] os pregadores muitas vezes declaram seus objetivos em termos de conteúdo, mas o objetivo tem que ver com ação, mudanças, veredicto”. Para o autor, o objetivo do sermão não é o de informar um conteúdo aos ouvintes, não é o de se explicar passagens das Escrituras aos ouvintes. O objetivo do sermão deve ser o de transformar os ouvintes em algum aspecto da vida. Isso precisa estar claro para o pregador durante o seu preparo. Edmilson Reis (2006, p.18) ensina esse conceito nas seguintes palavras:

Um sermão tem sempre como objetivo levar os ouvintes a uma determinada ação. Nunca se prega um sermão só para ensinar ou explicar uma verdade. Assim, antes de escolher o tema e começar a pesquisar e a colher o material que irá utilizar, o pregador deve se perguntar: o que eu espero como resultado deste sermão? Que ação específica eu quero que os meus ouvintes efetuem? Agora, sabendo claramente qual é seu propósito, determinará o tema. Além disso, o objetivo servirá de guia para decidir o que será incluído, ou não, no sermão. Cada texto, ilustração, comentário e outros dados apenas serão incluídos no sermão se servirem de ajuda para alcançar a meta proposta.



©shutterstock

John A. Broadus explica que “[...] muitos pregadores têm dificuldade em compreender esse simples fato. O objetivo é confundido com o tema ou a proposição”. Em outras palavras, o objetivo não é definido pelo assunto que será tratado ou pelo título que foi definido, mas pelos resultados que o sermão se propõe a alcançar. O autor estabelece duas regras para a definição de objetivos no sermão: “(1) O objetivo deve ser bem definido. O pregador deve saber exatamente o que está tentando realizar, que veredito está tentando alcançar. (2) em seguida, o objetivo deve ser limitado” (BROADUS, 2009, p. 56). A definição dos objetivos do sermão é importantíssima porque, de acordo com o autor “[...] muitos sermões fracassam porque o pregador tenta alcançar coisas demais com um único sermão” (BROADUS, 2009, p. 56). Broadus também esclarece que, a título de organização das ideias para se atingir um objetivo central do sermão, “[...] podem ser necessários dez objetivos individuais para se alcançar um objetivo maior”.

## A ARGUMENTAÇÃO NO SERMÃO

O terceiro requisito fundamental a um sermão é a argumentação. O pregador deve ser capaz de persuadir seus ouvintes. “A explicação, por si só, não atende a todas as exigências da pregação” (BROADUS, 2009, p. 151). Pregar é mais que discursar, é convencer as pessoas a agirem em conformidade com a Palavra. Para isso, o que está sendo dito precisa fazer sentido para as pessoas, dentro de suas realidades. A capacidade de argumentação conduzirá as pessoas de forma racional e lógica às conclusões que cooperam com os objetivos estabelecidos pelo sermão.

John A. Broadus (2009, p.151) explica que “[...] as ideias esclarecidas, para que tenham toda a sua força, devem ser frequentemente estabelecidas como

verdade, sendo relacionadas com outras ideias já aceitas de tal forma que também ganhem aceitação”. Argumentar consiste em “relacionar essas ideias” conduzindo as pessoas “a um julgamento”. Argumentar consiste em “[...] seguir uma linha de raciocínio [...] que sustente seu julgamento, e assim, estabelecer a verdade e justificar a aplicação que faria disso”. Broadus (2009, p. 153), defende que:

Todo pregador, portanto, deveria desenvolver e disciplinar sua capacidade de argumentação. Ser for avesso ao raciocínio, deve disciplinar-se para praticá-lo; se, por natureza, for fortemente inclinado nessa direção, deve se lembrar do sério perigo de enganar a si mesmo e aos outros por meio de falso argumentos. Alguém que não tenha estudado cuidadosamente algum bom tratado de lógica deve fazê-lo. Tornará a mente mais perspicaz para detectar a falácia, nos outros ou em si mesmo, e o ajudará a desenvolver o hábito de raciocinar inteligentemente.

O autor ressalta que a autoridade do sermão não está sobre a argumentação, apesar da importância dela, mas sobre as Escrituras. Para ele, “[...] muitas verdades devem ser estabelecidas parcialmente, pela argumentação” e fundamentadas pelos “[...] ensinamentos da revelação” (BROADUS, 2009, p. 159). O autor alerta que “[...] em todo o nosso raciocínio, devemos tomar o cuidado de tratar a autoridade das Escrituras como suprema e, sempre que suas mensagens forem distintas e inquestionáveis, como decisiva” (BROADUS, 2009, p. 159). Para ele, “[...] o pensador cristão deveria procurar apreciar integralmente essa autoridade incomparável” das Escrituras “[...] e manter sua relação adequada com todos os outros meios de prova”. Em sua opinião, “[...] os crentes apreciam e os descrentes exigem que o ministro mostre sempre que possível, a colaboração da razão e da experiência” com as verdades da Escritura.

## O TEXTO BÍBLICO

O quarto requisito fundamental a um sermão é o texto bíblico. O sermão deve ser bíblico e, portanto, as Escrituras são indispensáveis ao sermão. Isso parece ser muito óbvio, mas nem sempre o fato de ter um texto bíblico num sermão significa que esse sermão seja bíblico. John A. Broadus destaca que “[...] a pessoa pode usar um texto e ainda assim pregar um sermão que não pareça cristão; por

outro lado, um sermão sem um texto e sem uma referência bíblica formal pode ser inteiramente cristão” (BROADUS, 2009, p. 36). Como temos visto ao longo dessas duas últimas unidades, o uso que fazemos do texto bíblico é determinante para que o sermão seja bíblico. A relação do sermão com o texto deve ser, portanto, adequadamente trabalhada pelo pregador. Além disso, Broadus destaca que “[...] a seleção adequada de um texto é uma questão da maior importância” (BROADUS, 2009, p. 37) e que “[...] como regra geral, os objetivos do sermão são mais bem alcançados com um texto bem escolhido” (BROADUS, 2009, p. 36).

Broadus aconselha, em primeiro lugar, que “[...] o texto deve ser claro, de outro modo as pessoas ou serão repelidas por algo em que não veem nenhum sentido ou terão apenas uma curiosidade preguiçosa sobre o que o pregador fará com o texto” (BROADUS, 2009, p. 37). Por outro lado, o autor também deixa claro que textos mais complexos devam ser evitados, como regra, porque reconhece que “[...] muitas das passagens mais nobres e impressionantes das Escrituras têm uma natural grandeza de expressão, e haveria uma grave perda em evitá-las de modo habitual” (BROADUS, 2009, p. 38). Na verdade, o conceito implícito nesses conselhos é o de que “[...] o pastor deve ter o cuidado de evitar a ostentação, mas não deve se furtar a usar alguma passagem que possa ser útil à congregação” (BROADUS, 2009, p. 38).

Em segundo lugar, “[...] não evite um texto porque ele é conhecido”. O autor lembra que não é preciso, de fato, que o sermão apresente um texto bíblico que seja sempre uma novidade absoluta, porque “[...] o que se precisa não é de novidade, mas de frescor”. O pregador pode criar um interesse renovado por um texto conhecido, dependendo da interpretação, das ilustrações e da aplicação que apresenta (BROADUS, 2009, p. 39).

Em terceiro, lugar, o pregador não deve negligenciar alguma parte das Escrituras. O autor explica que “[...] alguns negligenciam o Antigo Testamento, perdendo assim sua rica revelação da natureza de Deus e os métodos da sua providência, suas numerosas ilustrações da vida e do dever humanos, e seus muitos tipos e previsões da vinda do Salvador” (BROADUS, 2009, p. 39). Isso traz prejuízos para a cultura bíblica dos ouvintes, especialmente, se estão ouvindo o mesmo pastor semanalmente, nos cultos. Num outro extremo, de acordo com Broadus (2009, p. 39), outros pregam quase exclusivamente sobre o Antigo Testamento.

Para ele, esses pregadores “[...] ou não têm prazer nas ‘doutrinas da graça’, na espiritualidade do Evangelho”; ou são pregadores “[...] dedicados a uma extravagante alegorização, que não apreciam o ensinamento direto de Cristo e seus discípulos tanto quanto sua imoderada ‘espiritualização’ de tudo que esse refere à história, às profecias e aos provérbios do Antigo Testamento”. Para o autor, o pregador não deve negligenciar nenhuma das grandes divisões de Palavra de Deus.

O quarto conselho de John A. Broadus (2009, p. 39) é “[...] deixar que as necessidades da congregação determinem a escolha dos textos”. Pregar é, como temos visto, atender a necessidades. Por isso, o autor esclarece que “[...] à medida que o ministro” se dedica “[...] à visitação e ao aconselhamento pastoral e conviva com as pessoas em situações sociais, ele se conscientizará de necessidades, problemas e desejos”. Então, a partir dessa experiência pastoral, de envolvimento com o rebanho, “[...] o objetivo do sermão ganhará foco. Seus sermões não estarão centrados no tema, mas na pessoa”. A implicação é que “[...] o ministro tentará selecionar textos que atendam a todas as necessidades das pessoas”.

Em quinto lugar, o autor aconselha que o “texto escolha a pessoa”. Isso significa que o pregador deve permitir-se ser “atingido” por um texto que se tornará um sermão. Broadus (2009, p. 39), apresenta essa experiência nas seguintes palavras:

Quando o pregador se entrega a um intenso estudo da bíblia, alguns textos dominarão sua mente e coração. Um texto que exija ser pregado, que não possa ser deixado de lado, será significativo para o pregador e para a congregação. Talvez a resposta mais fácil à pergunta “sobre o que devo pregar” se encontre na meditação regular da Palavra de Deus. A pessoa que dedica tempo às Escrituras descobrirá textos que exigem “Pregue-me”. Um texto que escolha o pregador será desenvolvido com facilidade e trará grande satisfação pessoal.

A atenção para com esses requisitos fundamentais tornará o sermão uma ferramenta efetiva no cumprimento de seus propósitos.

## PARTES CONSTITUTIVAS DO SERMÃO

### O TÍTULO DO SERMÃO

O título do sermão é o “[...] nome que se dá ao sermão, ou seja, seu cabeçalho” (REIS, 2006, p. 18). No entanto, há pessoas que confundem o título com o tema. O tema, na verdade, é “[...] o assunto do sermão, enquanto que o título é uma simples frase cujo objetivo é despertar o interesse, sem revelar, necessariamente, o que vai ser tratado” (REIS, 2006, p. 18). Edmilson Reis sugere que “[...] um bom título deve possuir as seguintes características: ser breve, chamar a atenção para o presente em vez do passado e focalizar os problemas religiosos e práticos da atualidade” (REIS, 2006, p. 18).



©shutterstock

## A INTRODUÇÃO DO SERMÃO

O objetivo da introdução é “[...] conquistar o interesse dos ouvintes de modo que eles simpatizem com o orador, disponham-se a ser conduzidos e ensinados por ele e prestem atenção à mensagem que será proferida” (REIS, 2006, p. 19). Edmilson Reis afirma que “[...] se ela for bem feita, tornará os ouvintes atentos, dóceis e benévolos” (REIS, 2006, p. 19). Além disso, John A. Broadus explica que a introdução “[...] deve despertar o interesse e produzir expectativa, contanto que a expectativa possa ser convenientemente satisfeita pelo corpo do discurso” (BROADUS, 2009, p. 113). Para Anísio Batista Dantas (1995, p. 51), a introdução “[...] é o prenúncio do que se pretende dizer, e deve estar intimamente ligada ao pensamento central do sermão, não podendo desviar-se do texto”.

Por essas razões de importância, a introdução “[...] não deve ser muito argumentativa ou emocional” (BROADUS, 2009, p. 113) e não deve ser de improviso, o que causará “[...] má impressão aos ouvintes pela imprecisão dos pensamentos, fraqueza de ideias e, às vezes, falta de propósito” (DANTAS, 1995, p. 51). Reis (2006, p.18) defende que, durante a introdução, o orador será julgado pela impressão que causa nos ouvintes. “Se ele parecer nervoso, hostil ou despreparado”, os ouvintes poderão rejeitá-lo, “[...] se ele parecer amistoso e interessante, terá boas chances de cativá-los”. Para o autor:

Há três tipos de pregadores: aqueles que os ouvintes não podem escutar, aqueles que eles podem escutar e aqueles que eles precisam escutar. Durante a introdução, geralmente os ouvintes qualificam o tipo de pregador que está se dirigindo a eles naquele momento. (REIS, 2006, p. 19).

Edmilson Reis também alerta para o perigo de a introdução ser curta demais ou longa demais. “Ela deve ser suficientemente longa para captar a atenção dos ouvintes, levantar as necessidades e orientar o auditório para o tema. Antes de ter feito isso, a introdução é incompleta; e, depois disso, é longa demais” (REIS, 2006, p. 19). A introdução, portanto, deve ser breve, apropriada e simples. Broadus (2009) alerta para que seu conteúdo não comprometa o que será apresentado como conteúdo do sermão:



A introdução deve apresentar algum pensamento intimamente relacionado ao tema do discurso, de modo a conduzir ao tema com naturalidade e desembaraço, e, ainda assim, ser um pensamento absolutamente distinto da discussão. Pregadores inexperientes erram frequentemente por antecipar na introdução algo que pertence ao corpo do discurso; e esse risco deve receber especial atenção (BROADUS, 2009, p. 112).

Na introdução estão implícitas as ideias básicas do tema, assunto e texto, por isso, deve ser previamente preparada. A introdução deve ser proferida com clareza e segurança (DANTAS, 1995, p. 51), pois é nela que o pregador conquista ou perde a atenção dos ouvintes (REIS, 2006, p. 19).

## O CORPO DO SERMÃO

O corpo do sermão é a estrutura de tópicos, que são as divisões das ideias que estão sendo trabalhadas (REIS, 2006, p. 22).

Todo sermão, à semelhança de um corpo humano, deve possuir um esqueleto que dê sustentação a todas as suas partes [...] Alguns esboços admitem apenas divisões, enquanto que outros necessitam de subdivisões e até de outras divisões menores (REIS, 2006, p. 22).

De acordo com Anísio Batista Dantas (1995, p. 49):

[...] a divisão é importante porque: a) auxilia o pregador na elaboração do discurso; b) facilita a análise da proposição principal; c) facilita a memorização das partes principais do sermão ou discurso pelo pregador, evitando divagações e prolixidade; e d) ajuda o ouvinte a acompanhar a discussão do assunto e a recordar facilmente o sermão ou grande parte dele.

Por essa razão, deve-se evitar “[...] a abundância de divisões e subdivisões, para não causar embaraço ao pregador e dificuldade de compreensão ao ouvinte” (DANTAS, 1995, p. 48).

O autor defende que “[...] a maioria dos mestres de homilética considera ideal a divisão do sermão em três partes, permitindo-se, no máximo, três subdivisões para cada uma” (DANTAS, 1995, p. 48). Além disso, “[...] as divisões devem obedecer, de preferência, a uma ordem ascendente, isto é, do ponto mais fraco para o mais forte, em vigor de argumentação, visto ser mais lógico este



princípio e mais convincente” (DANTAS, 1995, p. 49).

Anísio Batista Dantas (1995, p. 47) aconselha que as divisões do corpo do sermão sigam alguns critérios: a) cada parte ou divisão deve ser lógica; b) cada parte deve manter a unidade lógica com o todo; c) cada divisão deve estar ligada intimamente ao tema e ao texto, conforme a espécie do sermão; d) um ponto não deve conter argumento de outro, pois isso empobrece o estilo, cansa os ouvintes e, por consequência, diminui os efeitos do sermão; e e) a passagem de uma parte para outra não deve ser abrupta, mas natural e sutil.

## AS ILUSTRAÇÕES DO SERMÃO

As ilustrações são “[...] recursos utilizados pelo pregador para criar interesse e prender a atenção do auditório” (REIS, 2006, p. 62). Uma ilustração:

[...] quando bem elaborada, contribui para implantar no espírito do ouvinte convicção das verdades apresentadas. Por exemplo, uma história humana e verídica pode ser altamente edificante e, se bem escolhida, ajuda a convencer o ouvinte vacilante ou duvidoso. (DANTAS, 1995, p. 59).

Para Broadus (2009, p. 189), “[...] sua função é exclusivamente auxiliar, dando suporte ora a um e ora a outro dos elementos principais”.

Ilustrar, segundo a etimologia, é lançar luz sobre um tema – uma função muito necessária da pregação. O pregador não pode confiar em seu dom de lucidez e capacidade de exposição, raciocínio e persuasão; ele precisa tornar a verdade interessante e atraente, expressando-a por meio de palavras transparentes e usando-a em metáforas, histórias e imagens esclarecedoras (BROADUS, 2009, p. 189).

Ilustrações são maneiras de “[...] apresentar a verdade mais uma vez, sem cansar os ouvintes. Servem ainda para fortalecer os argumentos racionais e emotivos, contribuindo dessa forma para atrair a vontade” (REIS, 2006, p. 62). Edimilson Reis argumenta ainda que “[...] além de quebrar a monotonia elas tornam claro o assunto que está sendo exposto e marcam o sermão, no sentido de ajudar a lembrar a aplicação feita” (REIS, 2006, p. 62). Isso significa, segundo Broadus (2009, p. 189), que a ilustração “[...] como meio de explicar, provar ou despertar

a emoção, se encaixa sob os títulos de explicação, argumentação e aplicação; como meio de elaboração, ela pertence à elegância do estilo”. Ele explica que:

As ilustrações podem ser usadas com bastante proveito em qualquer parte do sermão. Na introdução, servem para atrair a atenção e despertar o interesse; na argumentação, para tornar claro o argumento, manter o interesse, repetir as ideias e prover descanso mental; e na conclusão, para repetir as ideias apresentadas, resumir a ideia central ou mostrar como funciona na vida, para comover os sentimentos e apelar à verdade (REIS, 2006, p. 66).

Anísio Batista Dantas (1995, p. 60) vê nas ilustrações um instrumento de:

[...] ornamento ao sermão. Como elemento retórico, a ilustração contribui grandemente para que o sermão agrade o ouvinte. O sermão deve agradecer, mesmo quando exortativo. E, se ilustrado com fatos e analogias bem selecionados, expressa o bom gosto na arte de falar em público e atrai a atenção do ouvinte.

Além disso, o autor também destaca que uma ilustração “[...] bem escolhida e convenientemente aplicada permite ao ouvinte reter a mensagem”. Há casos em que, por causa de uma boa ilustração, “[...] o ouvinte lembra não somente o texto lido ou o tema, mas toda a mensagem” (DANTAS, 1995, p. 60).

## A CONCLUSÃO DO SERMÃO

A conclusão deve ser o clímax do sermão, por isso deve ser bem pensada e planejada. Edmilson Reis (2006, p. 25) argumenta que “[...] tudo que foi dito antes teve como objetivo conduzir os ouvintes até o ponto da conclusão”. Na conclusão precisa ficar claro o que a verdade “exige da parte deles”. Além disso, na conclusão, “o orador deve dizer qual a ação que os ouvintes devem realizar, como consequência natural da mensagem que acabam de receber” (REIS, 2006, p. 25). O autor sugere que, para concluir o sermão, o pregador pode: a) apresentar de modo resumido os pontos principais; b) usar uma ilustração que resuma a ideia ou que mostre como a verdade apresentada no sermão funciona na vida; c) apresentar uma citação bem escolhida que declare a ideia do sermão em palavras mais eficazes e mais vívidas do que o próprio pregador consegue achar sozinho.

Também é bom que seja curta e que o pregador a saiba de cor.

Anísio Batista Dantas (1995, p. 54-55) observa que a conclusão deve ser breve, porque “[...] quando longa, dá a impressão de reinício do sermão ou começo de outro”, mas isso traz prejuízos ao sermão. O autor dá algumas dicas aos pregadores, com relação à conclusão do sermão:

a) evite ameaças de conclusão; b) certos chavões dão a entender uma conclusão, o que na realidade não está acontecendo. É o fim da mensagem que não se finda, pois o pregador fica relutando por sua continuação. Isso tira os efeitos desejados pelo pregador e desgosta o auditório; c) a conclusão bem planejada é breve e segura. d) bem pensada facilita a aplicação. e) faça a conclusão através de apelo veemente para aceitação da verdade; f) é possível concluir o sermão pela recapitulação das suas partes principais, e com aplicação, esta objetiva e prática. Para isso, o pregador deve preparar o auditório com bastante habilidade, sem imprimir emoção não realmente experimentada (DANTAS, 1995, p. 55).

John A. Broadus (2009, p. 119) explica que “[...] a conclusão deve ser um término natural e apropriado para a discussão. Deve parecer à congregação a coisa inevitável a ser dita, um fim lógico de todos os argumentos, uma proposta refletida à luz de todos os fatos”. A conclusão deve evitar “[...] a introdução de materiais novos e estranhos”. Para o autor, isso “[...] tende a distrair o público em um momento em que se deseja concentração, perdendo assim o pleno impacto da linha de pensamento seguida na discussão” (BROADUS, 2009, p. 119). Ainda que possam haver desvios de assunto no decorrer da pregação, Broadus (2009, p. 119) defende que a conclusão deve ser muito objetiva e pessoal:

Mas, faça o que fizer em outro momento, na conclusão o pregador deve estar muito consciente de seus ouvintes e deve lhes falar muito diretamente. Ele é mensageiro e advogado de Deus, pedindo, exortando, persuadindo, aconselhando, orientando, desafiando. Seu objetivo consciente não é oratório, mas pessoal e espiritual.

A conclusão de um sermão não pode “ser um acidente”, tampouco “um acréscimo”. Trata-se de “uma parte orgânica” do sermão e “[...] necessária à sua completude de forma e efeito. Ela reúne as várias ideias e impressões da mensagem para causar um impacto final sobre a mente e o coração dos ouvintes” (BROADUS, 2009, p. 118).

## O APELO DO SERMÃO

Trata-se do momento em que o pregador pede uma resposta dos seus ouvintes, em relação ao que está sendo dito. Essa resposta pode ser pública ou particular. Edmilson Reis (2006, p. 161) fala sobre o apelo como parte integrante do sermão, para que seus propósitos sejam atingidos. “Um bom apelo é breve. [...] O apelo também deve ser claro. Aquele que se propõe a atendê-lo deve saber exatamente o significado do que está fazendo. Também precisa ser objetivo, direto, sem rodeios”.



©shutterstock

Além disso, o autor defende que o apelo precisa ter honestidade. O pregador não deve usar de subterfúgios ou de astúcia para conseguir fazer com que as pessoas respondam ao seu apelo. O também precisa ser “[...] espontâneo, quer dizer, voluntário, natural” (REIS, 2006, p. 161).

De certa forma, todo sermão deve ter algum tipo de apelo, no sentido de “exigir” uma resposta dos ouvintes. Reis (2006) menciona que o apelo será “[...] ora às emoções, ora ao intelecto, mas querendo acima de tudo conquistar a vontade” (REIS, 2006, p. 161). Considerando que o objetivo do sermão seja a transformação, a atitude em que o apelo está circunscrito deve permear todo o sermão.

## TIPOS DE CERIMÔNIAS E SOLENIDADES

### SERMÕES FÚNEBRES

John A. Broadus (2009, p. 261) explica, que num culto fúnebre, instintivamente, os familiares gostariam de ouvir do pregador elogios ao falecido. Num momento assim, as pessoas geralmente estão “[...] desoladas pela perda de parentes, e sentem uma necessidade especial da misericórdia e da graça de Deus”. Assim, o pastor deve “[...] aproveitar a oportunidade com prazer para apresentar o Evangelho da consolação e imprimir a necessidade da fé pessoal para que as pessoas estejam prontas para viver e prontas para morrer”. Apesar disso, o autor recomenda que:

[...] o pregador deve se lembrar de que ele não é um mero elogiador dos mortos, mas que sua tarefa é pregar o Evangelho aos vivos. Por esse motivo, suas palavras sobre os que partiram devem ser apenas uma parte do que ele diz, em geral apenas uma pequena parte, e devem ser escrupulosamente verdadeiras, embora não digam necessariamente toda a verdade. No caso de o falecido ter sido cristão, o pregador deve falar principalmente desse fato, ressaltando qualquer coisa no caráter ou curso de sua vida que saiba e que outros reconheçam ser digno de imitação. No caso de não ter sido cristão, ele pode às vezes, legitimamente, dizer palavras consoladoras sobre coisas que mais especialmente o tornavam estimado pelos amigos. Mas isso deve ser feito sem exagero. É um dever solene evitar dizer qualquer coisa que sugira que aqueles aspectos positivos do caráter dão qualquer base de esperança de eternidade. Em geral, o pregador deve ser reservado quanto ao que diz sobre o falecido; e no caso de pessoas más, é frequentemente de bom tom e revela absoluta delicadeza não dizer nada (BROADUS, 2009, p. 262).

O autor explica que algumas pessoas estarão mais bem “[...] preparadas para receber a palavra”. Trata-se daqueles que já frequentam cultos. No entanto, num culto fúnebre, “[...] as pessoas que raramente assistem aos cultos de adoração” também podem estar abertas à mensagem cristã. Portanto, conclui Broadus que “[...] é muitíssimo importante que os sermões fúnebres indiquem claramente às pessoas o caminho da vida e as convide, com carinho, a Jesus Cristo” (BROADUS, 2009, 261-262). John A. Broadus aconselha que o culto fúnebre “[...] não dure

mais que trinta minutos” e o sermão dure “[...] cerca de oito a doze minutos” (BROADUS, 2009, p. 263).

## SERMÕES PARA ACADÊMICOS

Broadus (2009, p. 263) menciona que sermões “[...] em instituições de ensino ou em ocasiões de interesse literário muitas vezes não são bem conduzidos”, porque, segundo ele, o pregador “[...] imagina que não deve fazer um sermão evangélico”, mas um sermão que trate de “[...] assuntos altamente eruditos ou metafísicos”. Na opinião do autor:

Ciência e erudição são o trabalho cotidiano daqueles professores e alunos; do pregador preferirão muito mais ouvir algo diferente. Mesmo aqueles que não têm qualquer interesse em religião sentirão, como pessoas de discernimento, que é coerente, que é apropriado, um pregador pregar o Evangelho, enquanto que os verdadeiramente devotos, preocupando-se com seus companheiros não convertidos, desejarão que o pregador lhes ofereça a verdade salvadora da maneira mais fervorosa e prática (BROADUS, 2009, p. 263).

Sermões para públicos altamente instruídos ou em instituições de ensino podem tirar algum proveito da erudição compatível ao ambiente, “[...] podem, às vezes, sugerir leves peculiaridades de alusão, ilustração e estilo” (BROADUS, 2009, p. 263), mas devem ser centrados em Cristo e devem atender aos objetivos maiores da Grande Comissão.

## SERMÕES EM DATAS COMEMORATIVAS

É possível que em datas comemorativas ou aniversários de instituições ou pessoas o pastor seja convidado a pregar um sermão. John A. Broadus (2009, p. 264) ressalta que “[...] ocasiões desse tipo muitas vezes dão ao pregador a oportunidade de alcançar pessoas que raramente vão à igreja, ou à sua igreja, e a quem ele pode nunca mais voltar a encontrar”. O autor comenta que o pregador não pode se “[...] dar ao luxo de ser apenas o mestre do desfile nesse momento; ele

tem de ser a alma devota e inspiradora da ocasião”. Segundo ele, em ocasiões assim, o pregador:

[...] não deve ser arrojado, filosófico ou ambicioso, mas deve procurar despertar um sentimento profundamente religioso por meio de uma apresentação fervorosa, direta e emocionante das verdades do Evangelho. É sensato o ministro que devotamente evita fazer um espetáculo em tais ocasiões, mas que se empenha sinceramente em trazer seus colegas para mais perto de seu Mestre (BROADUS, 2009, p. 264).

## SERMÕES A GRUPOS ESPECIAIS

O pregador pode ter a oportunidade de pregar a um grupo especial, a alguma associação profissional, a um clube de serviços, “[...] a algum aniversário, alguma celebração, um banquete, uma convenção”, alguma inauguração, algum evento político ou vinculado ao Estado etc. São inúmeras as possibilidades e oportunidades que frequentemente surgem. John A. Broadus sugere algumas regras gerais, “[...] aplicáveis, mais ou menos, a todos os casos” que surgirem:

(1) Seja cuidadoso na seleção do texto e do tema. Procure aqueles que são novos, surpreendentes e apropriados; mas evite ostentação e evite especialmente o que é forçado e improvável na aplicação do tema à ocasião (2) Não seja muito alusivo e pessoal no discurso e aplicação. A própria ocasião muito fará em aplicar o que o pregador diz a um grupo particular de pessoas. Há o perigo de repelir exatamente aqueles que o pastor deseja alcançar se, intencionalmente, ele os destacar demais. No entanto, um apelo pessoal e sensível é natural e pode ser altamente eficaz (3) Como sempre, pregue o Evangelho. Não se deixe trair ou seduzir pelo mero sensacionalismo. Nas mãos de pregadores mundanos, essas ocasiões especiais facilmente se degeneram em afetação diante da comunidade e dos jornais. Que as grandiosas verdades da bíblia encontrem expressão clara e inequívoca e aplicação fervorosa e devota (BROADUS, 2009, p. 269-270).

Vale ressaltar neste ponto, por certo, que a “análise para o sermão”, como vimos na seção sobre os “requisitos fundamentais ao sermão”, é altamente necessária para que a oportunidade seja aproveitada com um sermão relevante.



## REFLITA

## UMA ORAÇÃO DE GEORGE HERBERT (1593-1633)

Senhor, como pode o homem pregar a tua palavra eterna?

Ele é vidro frágil e imprestável.

No entanto, no teu templo tu lhe conferes

Esse lugar glorioso e transcendente,

A ser uma janela por tua graça.

Fonte: Robinson, H. (2010, p. VI).

## TÉCNICAS DE ELABORAÇÃO DE UM SERMÃO

Vamos fazer um exercício, passo a passo, para entender como elaborar um sermão, em cima de um texto bíblico. Vamos dividir a elaboração do sermão em quatro partes: a) primeiramente, vamos identificar os princípios espirituais que estejam no texto que estamos trabalhando; b) em segundo lugar, vamos elaborar o corpo do sermão, com os pontos vindos desses princípios espirituais; c) em terceiro lugar, vamos elaborar uma conclusão para o sermão; e d) por último, vamos preparar a introdução do sermão. Para cada uma dessas partes, teremos alguns passos práticos a serem dados. Com um texto bíblico apropriado, seguindo-se esse roteiro de elaboração de sermão, teremos como resultado um sermão bíblico e de caráter aplicativo. Trata-se de um roteiro para elaboração de sermões textuais ou expositivos.



## IDENTIFICANDO PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS NO TEXTO BÍBLICO

Neste primeiro passo, devemos utilizar a técnica de interpretação ao texto bíblico, como já vimos mais detalhadamente na unidade anterior.

Passo 1: Analise os elementos envolvidos:

- A. Quem está falando?
  - a. Observe quem é o autor e/ou qual é o personagem que está falando (ou personagens).
- B. Em que contexto a frase está sendo dita?
  - a. Observe o contexto literário:
    - i. O que vem antes e depois da frase (ou versículo)?
    - ii. A frase ou versículo, está ligada à conversa (ou bloco de pensamento) de que maneira?
  - b. Observe o contexto histórico:
    - i. Quais acontecimentos estavam envolvidos com a frase (ou versículo)?
    - ii. Qual era a situação dos personagens no trecho estudado?
    - iii. O que estava acontecendo nos bastidores históricos do texto?
- C. De que forma a frase está sendo dita?
  - a. Há um tom de ironia? De amenizar o impacto do que está sendo dito (eufemismo)? Ou de causar impacto maior (hipérbole)? Há um tom poético nas palavras?
- D. O que será que o autor do texto estava querendo que seus leitores entendessem com suas palavras?
  - a. Procure identificar a possível intenção original do autor do texto bíblico.
  - b. Consulte outras versões do texto bíblico para que o entendimento seja amadurecido.
  - c. Consulte comentários bíblicos que possam trazer luz ao texto.

- E. Ataque o texto com perguntas interpretativas
  - a. Quem? Como? Quando? Onde? De que maneira? Por quê? Qual?
  - b. Deixe que o próprio texto responda essas perguntas
- F. Quais são os verbos no texto?
  - a. Quais são as ações no texto? Quem está praticando ou deve praticá-las?
  - b. Qual é o tempo dos verbos (passado, presente, futuro etc.)?
- G. Existem características que estão sendo mencionadas?
  - a. Quais são as palavras que mostram “qualidades” (ou características)? (Observe os adjetivos).
- H. Como os elementos do texto se inter-relacionam?
  - a. Existem elementos que estão em contraste? Que estão sendo comparados?
  - b. Existem explicações de motivos? O próprio texto está explicando “o porquê” ou “a razão” do que está escrito?
  - c. O texto apresenta algo como “consequências”? Se sim, o texto diz consequências de quê (quais são as causas dessas consequências)?
  - d. O texto mostra algum final feliz? O que esteve envolvido para que se chegasse a este final feliz?
  - e. Há, no texto, algum momento em que “o ambiente” é mudado radicalmente? Alguma coisa que é dita ou algum acontecimento que causa um novo rumo para a história?

Quanto mais tempo dedicado a este passo, melhor!

Passo 2: Relacionar os princípios espirituais identificados no texto:

A. Crie uma tabela com as seguintes colunas:

Tabela 1 - Tabela de Identificação de Princípios Espirituais

Princípio ou verdade espiritual que você encontrou	Parte do texto onde ela se encontra	Resumo em apenas uma palavra

Fonte: o autor.

- Aliste indiscriminadamente todas as verdades espirituais que conseguir encontrar.
- Pense nas ações envolvidas no texto e nas consequências que essas ações trariam ou trouxeram.
- Observe o que os personagens estão fazendo. Observe o que o autor está querendo comunicar no texto.
- Certifique-se de que o princípio ou verdade espiritual que você encontrou está claramente escrito na parte do texto que você está colocando na coluna do meio.

**Evite fazer “deduções”** neste momento. Simplesmente mostre na coluna 1 a verdade espiritual que está mencionada na coluna 2 (do meio).

Passo 3: Selecione (ou identifique) o assunto do sermão:

- a. Escolha um assunto para trabalhar no sermão:
  - i. Observe a tabela que você elaborou no passo 1.2 e procure identificar itens que tenham alguma correspondência entre si.
  - ii. Uma dica é se concentrar em um dos personagens. O que ele fez? Como agiu? Como creu?
  - iii. Outra dica é se concentrar nas seguintes perguntas: “O texto mostra mandamentos que devem ser obedecidos?”, “O texto mostra promessas em que se deve confiar?”
  - iv. Outra dica é se concentrar no que você está entendendo que foi a intenção do autor do texto (ou de um dos interlocutores).
  - v. Outra dica é se concentrar no desfecho do texto. Se o texto mostra um final feliz, ou um fim trágico, o texto pode estar revelando os passos que levaram àquele tipo de final.
- b. Escolha apenas algumas das verdades ou princípios espirituais que você identificou, as quais estejam relacionadas ao assunto que você escolheu.

Passo 4: Reflita nas necessidades a serem atendidas:

- a. Procure refletir sobre o texto, à luz das necessidades espirituais e emocionais que as pessoas possam ter.
- b. O objetivo é procurar conectar as verdades espirituais encontradas no texto bíblico com as necessidades do “auditório”.
- c. Investir tempo neste passo ajudará a que o sermão seja ainda mais relevante para as pessoas.
- d. Alguns exemplos de perguntas a serem levantadas:
  - i. Há alguma situação para a qual o texto bíblico apresenta respostas?
  - ii. Quais são os problemas contemporâneos que se relacionam com a mensagem do texto?

- iii. De que forma os personagens bíblicos se parecem com os personagens atuais (personalidade, erros, atitudes, princípios etc.)?
- iv. Que situações o texto bíblico mostra que se repetem ao longo da história e principalmente hoje?
- v. Que paralelos existem entre a Bíblia e a sociedade atual na questão dos erros cometidos nas estruturas sociais, religiosas, familiares, costumes etc.?
- vi. De que forma as propostas mundanas de solução de problemas se parecem com aquelas apresentadas pela Bíblia ou são cópias baratas da mesma?

## ELABORANDO O CORPO DO SERMÃO

Passo 1: Acrescente uma coluna à sua tabela de verdades espirituais:

- A. Crie uma frase para cada uma das linhas das verdades que você selecionou no passo 2.
  - a. Essas serão as frases das divisões do seu sermão.
  - b. Procure elaborar frases que expressem ação ou que requeiram decisões ou ações dos ouvintes do sermão. (Será mais fácil as pessoas compreenderem o que devem fazer com a mensagem, ao final do sermão).
  - c. Procure combinar, entre si, a maneira como as frases estão escritas.
  - d. Procure elaborar frases criativas para que as pessoas não se fechem ou ignorem quando a frase da divisão for mencionada.
- B. Coloque as frases (os pontos) numa ordem apropriada.
  - a. Procure finalizar o sermão de uma forma inspirativa. Então, deixe para o final os pontos mais inspirativos e trabalhe primeiro os mais “confrontativos”.

Passo 2: Elabore um título para o sermão.

- A. Crie um título que esteja relacionado às frases do sermão.
- B. O título deve estar relacionado ao assunto que será tratado na mensagem.
  - a. O assunto do sermão é oriundo do conjunto das verdades selecionadas, das frases das divisões e do título.
  - b. Um mesmo assunto pode ter vários títulos diferentes.
- C. O título deve estar de acordo com as frases que foram criadas para as divisões.
  - a. Para facilitar que este alvo seja alcançado, uma dica é repetir o título que você deu ao sermão antes de cada frase de cada ponto.
  - b. O objetivo é ter uma frase completa que faça sentido, em que a primeira parte dessa frase é o título do sermão e a segunda é a frase que você criou para o ponto.

Passo 3: Estruture cada ponto do sermão.

- A. Cada ponto deve ter as seguintes divisões:
  - a. Fundamentação
    - i. Objetivo: Mostrar na Bíblia a verdade espiritual que você identificou.
    - ii. Nesta seção do ponto deve ser mostrado, durante a pregação, onde, no texto bíblico, encontra-se a verdade espiritual representada pela frase do ponto.
    - iii. Trata-se de ler, identificando no texto, o que está sendo pregado.
  - b. Clarificação
    - i. Objetivo: Esclarecer como a parte do texto que você mostrou na fundamentação está relacionada à frase que você elaborou (verdade espiritual identificada no texto).
    - ii. Recursos que podem ser usados:

1. Argumentação
  - a. A argumentação deve fazer sentido para qualquer pessoa, principalmente para a pessoa que estiver pela primeira vez numa “igreja de crente”.
  - b. A argumentação deve ser resultado de um raciocínio simples e lógico.
2. Ilustrações
  - a. Histórias, estórias, experiências pessoais ou testemunhos que ajudem as pessoas entenderem a verdade espiritual que está ligada ao trecho da fundamentação.
3. Textos bíblicos
  - a. Podem ser usados outros versículos bíblicos que esclareçam por que a frase da divisão do ponto está relacionada ao texto da fundamentação.
  - b. Evite textos que careçam de ainda mais explicações.
  - c. Evite textos que despertem o interesse das pessoas por algum assunto que não seja o assunto do sermão.
- c. Aplicação

#### Objetivos:

1. Dizer às pessoas como elas devem agir/crer, por causa da verdade espiritual que está sendo trabalhada.
  2. Mostrar às pessoas situações práticas do dia a dia nas quais aquela verdade pode/deve ser praticada.
  3. Fazer com que as pessoas sintam-se desafiadas a praticar o que o ponto está dizendo.
1. Ilustrações:
    - a. Histórias, estórias, experiências pessoais ou testemunhos que ajudem as pessoas a enxergarem como elas podem praticar o que o ponto está dizendo.

2. Textos bíblicos
  - a. Neste caso, textos que inspirem as pessoas a praticarem a verdade espiritual do ponto.
  - b. Priorize textos que desafiem as pessoas a obedecerem à Palavra.
  - c. Evite textos que careçam de explicações.
  - d. Evite textos que tirem as pessoas do foco do assunto do sermão.
3. Subpontos
  - a. Pode-se usar o recurso de subpontos para apresentar passos práticos que as pessoas devem tomar para viverem a verdade espiritual que está sendo trabalhada.
  - b. Evite tornar esses subpontos uma pregação à parte dentro do sermão.
  - c. Evite criar subpontos que careçam de explicações ou outras fundamentações bíblicas. Apenas apresente os passos práticos de maneira desafiadora.
  - d. Priorize usar palavras que expressem ações que possam ser praticadas.
  - d. Transição

#### Objetivos:

1. Relacionar o ponto que está sendo apresentado ao título do sermão.
2. Preparar o ouvinte para o próximo ponto ou para a conclusão da mensagem.

## ELABORANDO A CONCLUSÃO DO SERMÃO

Passo 1: Resgate o tema do sermão:

- A. Resgate o ambiente de interesse que foi criado na introdução



do sermão (perguntas ou promessas que tenham sido levantadas).

B. Caso a introdução ainda não tenha sido elaborada, esta parte da conclusão deve ser revista.

Passo 2: Recapitule brevemente os principais desafios trabalhados:

A. Resgate brevemente os principais desafios que foram apresentados na seção “aplicação” de cada ponto.

B. Deve-se ter muita objetividade para não cair no erro de “pregar de novo”. É preciso evitar repetições.

Passo 3: Crie uma sensibilização:

A. Use uma frase, uma ilustração, um versículo, etc. que prepare as pessoas para um chamado ao comprometimento.

B. É realmente importante ser breve!

Passo 4: Motive um comprometimento:

A. Pode ser um apelo para que as pessoas venham à frente, levanten a mão ou “apenas” orem se entregando a Deus.

B. Pode ser uma tarefa que a pessoa deva executar nos próximos dias.

C. O objetivo é que a pessoa assuma um compromisso com a Palavra pregada. Que vá para a casa com a própria consciência como testemunha.

## ELABORANDO A INTRODUÇÃO DO SERMÃO

Passo 1: Crie uma conexão com o auditório:

A. Apresente “a isca” para o assunto do sermão:

a. Uma dica é mencionar algo que seja de conhecimento do auditório: um fato, uma situação atual, um ditado popular, uma notícia, um problema do dia a dia etc.

- b. Outra dica é levantar uma pergunta que desperte o interesse das pessoas (independentemente do fato de que o título do sermão já seja uma pergunta).
  - c. Outra dica é contar uma ilustração, um testemunho, uma história ou até mesmo uma piada.
- B. Leve as pessoas a considerarem importante a reflexão sobre aquele assunto.
- a. Uma dica é usar argumentação. Deve ser usada uma argumentação clara e lógica que induza as pessoas a concordarem que precisam saber mais sobre aquele assunto.
  - b. Outra dica é mostrar as implicações para o dia a dia que aquele assunto pode trazer.

**Passo 2: Conecte o auditório com a Bíblia**

- a. Depois de ter despertado o interesse, explique que a Bíblia tem o que dizer sobre o assunto em questão.
- b. Leia o texto fazendo com que as pessoas mergulhem na história.

**Passo 3: Crie uma transição para os pontos do sermão:**

- a. Ao final da leitura, destaque que o texto bíblico lido traz lições relevantes para o dia a dia, dentro do assunto em questão.
- b. Levante perguntas sobre o assunto que recuperem o interesse das pessoas (perguntas que você pretenda responder no sermão).
- c. Destaque que você quer apresentar agora passos práticos sobre o assunto, que respondem o título do sermão que você apresentou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sermões podem ser classificados pela estrutura, dividindo-se principalmente em Temáticos, Textuais ou Expositivos. Os sermões expositivos são os mais significativos para a exposição das Escrituras. Não se trata de um comentário sobre uma passagem, mas uma conexão entre o texto bíblico e os ouvintes contemporâneos. Como destaca John A. Brodus (2009, p. 65), o sermão expositivo é o que mais bem representa a essência da pregação: dar voz à Bíblia.

Para que o sermão cumpra com seu papel, ele precisa de alguns requisitos fundamentais: a) uma análise preparatória para que o pregador se organize na elaboração de materiais e no seu preparo pessoal; b) a definição de quais objetivos, especificamente, o sermão pretende alcançar; c) um recurso de argumentação lógica, de tal maneira que o que está sendo dito seja construído de maneira lógica na mente dos ouvintes; d) uma fundamentação bíblica, em um ou mais textos, cuja interpretação tenha sido bem feita.

Vimos também que um sermão tem partes que o constituem e que precisam ser bem planejadas pelo pregador, como o título, a introdução, os pontos, as ilustrações, a conclusão e o apelo. O pregador pode não ler ou usar o seu sermão, no momento da pregação, mas o preparo deste o ajudará a comunicar com qualidade e eficácia.

O pregador deve dar especial atenção à contextualização, ou aplicação do seu sermão. Seus ouvintes não devem ser apenas informados das realidades espirituais, eles precisam ser transformados por elas. Explicar claramente como um princípio bíblico pode ser vivido, dentro do contexto de um auditório, é a tarefa mais importante para que haja alguma transformação na vida das pessoas, humanamente falando. O zelo do pregador em planejar essa parte associado ao trabalho do Espírito Santo, por meio da sua vida consagrada, pode trazer resultados surpreendentes. Nessa questão, o pregador deve ser cuidadoso para não expor assuntos particulares, exemplos inapropriados e constrangedores.



## O PODER DE DEUS NO MINISTÉRIO DE CHARLES G. FINNEY

A partir de então, com poder e resultados crescentes, ele pregou o evangelho na América e mais tarde na Inglaterra. Algumas vezes, o poder de Deus caía de tal modo sobre o culto que quase toda a audiência ficava de joelhos e orava, enquanto alguns se prostravam no chão.

Nas metrópoles e cidades onde ministrava, inúmeras vezes uma solenidade divina, uma calma consagrada, envolvia o lugar a ponto de mesmo alguns não salvos comentarem a respeito. Algumas vezes, os não salvos se sentiam profundamente convictos dos seus pecados ao entrarem na cidade.

Em uma grande cidade de Nova Iorque, quando Finney pregou contra o pecado e a incredulidade, dentro de quinze minutos uma impressionante solenidade vinda de Deus “pareceu descer sobre eles. A congregação começou a cair dos bancos em todas as direções, gritando por misericórdia. Se eu tivesse uma espada na mão, não poderia tê-la brandido com a velocidade necessária enquanto caíam. Quase todos estavam de joelhos ou prostrados”.

Em 1826, em Auburn, Nova Iorque, alguns dos professores do seminário de Teologia repudiaram o seu ministério. Eles escreveram aos ministros nas áreas onde Finney não havia pregado, fazendo com que muitos se opusessem à sua obra de reavivamento. Espiões foram enviados para tentar descobrir algo que pudesse ser publicado, a fim de prejudicar a sua influência.

Deus dava, às vezes, instruções detalhadas a Finney sobre o que dizer e como abordar indivíduos aparentemente inatingíveis, e depois o Espírito descia sobre eles em convicção e salvação. Parecia constantemente guiado ou constrangido no que dizia respeito aos lugares onde ministrar.

O poder de Deus que vinha sobre as pessoas no ministério de Finney não era devido à sua presença, mas à presença do Espírito. As pessoas, tocadas por Deus durante um culto, muitas vezes continuavam sob a mão poderosa do Espírito depois de voltarem para casa. Até que houvessem completado o seu arrependimento, conversão e confissão, achavam praticamente impossível desempenhar seus deveres diários.

Um homem de negócios, conhecido de Auburn, opunha-se fortemente à vida cristã da esposa e não a deixou comparecer às reuniões por alguns dias. Certa noite, antes do culto, ela orou longamente e, ao chegar o marido, este lhe disse que a levaria à reunião. Queria encontrar coisas para ridicularizar e criticar.

Finney nada sabia a respeito, mas no início do culto Deus lhe deu um texto: “Que temos nós contigo?”, de Marcos 1:24, ungindo-o com poder especial quando pregou. De repente o homem gritou e caiu do banco. Finney parou de pregar e foi até ele. O homem havia recuperado parte de suas forças, estava com a cabeça no colo da esposa e chorava como uma criança, confessando os seus pecados. As pessoas começaram a chorar em toda a Igreja. Finney encerrou o culto.





O homem teve de ser amparado para chegar em casa. Ele imediatamente mandou chamar seus antigos companheiros e confessou a eles os seus pecados, advertindo-os a “fugir da ira vindoura” (Mt 3:7). Durante vários dias ficou de tal forma dominado pelo poder de Deus que não conseguia andar, mas continuou chamando pessoas, fazendo confissões e pedindo perdão, exortando-as a serem salvas. Ele se tornou, com o tempo, um valoroso presbítero na Igreja presbiteriana.

Por outro lado, Deus usou, às vezes, a presença física de Finney para levar pessoas a Cristo. O poder de Cristo estava nele, e tamanha influência para Deus parecia emanar dele que todos eram rapidamente levados a Cristo. Parecia que a chegada de Finney era de tal forma acompanhada pela presença do Senhor que os não salvos sentiam o Espírito de Deus. Até o fim da sua vida, não só reavivamentos aconteciam onde quer que ele começasse a trabalhar, mas em geral a salvação chegava às casas das pessoas visitadas por Finney.

Durante o seu ministério em New York Mills, ele visitou uma fábrica de algodão. Quando chegou perto de uma jovem que tentava emendar um fio partido, ela se abaixou e rompeu em lágrimas. Outros no salão notaram isso e começaram a chorar; dentro de minutos, quase todos no grande salão estavam soluçando.

A convicção do Senhor espalhou-se de sala em sala. O dono da fábrica deu ordens ao superintendente para encerrar o trabalho. Todos os trabalhadores foram reunidos num salão maior e Finney falou a eles. O reavivamento percorreu o prédio com tanta força que em poucos dias quase todos na fábrica tinham sido convertidos.

Finney foi persuadido a pregar em Roma (Nova Iorque), certo domingo. No dia seguinte, muitas pessoas se reuniram numa casa tão profundamente comovidas que, depois de alguns comentários, Finney sugeriu que terminassem o culto. Ele orou “em voz baixa e inexpressiva”. As pessoas começaram a chorar e suspirar. Finney tentou conter a emoção, pedindo que cada um fosse em silêncio para casa, sem falar com ninguém, mas eles saíram chorando e suspirando rua abaixo.

Bem cedo, na manhã seguinte, chegaram chamados de toda a cidade para que ele visitasse várias casas e orasse pelos profundamente convictos. Quando ele e o pastor entravam numa casa, os vizinhos corriam para ela. A manhã inteira foi gasta indo de casa em casa.

À tarde, as pessoas literalmente vieram de todas as direções para um grande salão de culto. Muitos foram convertidos, e a reunião durou até a meia-noite. Deus operou tão poderosamente que durante vinte dias foi realizada uma reunião de oração todas as manhãs, outra para interessados todas as tardes, e um culto de pregação todas as noites.

Três homens zombaram da obra e passaram o dia bebendo, até que um deles caiu morto. Os dois outros ficaram atônitos. Quase todos os advogados, mercadores, médicos e outros líderes foram convertidos. De fato, parecia que toda a população adulta de Roma aceitara Cristo. Em vinte dias, pelo menos 500 indivíduos foram convertidos.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 45-50).



## ATIVIDADES



1. Analise as proposições abaixo:

- I. A principal classificação dos sermões é pela estrutura. Eles podem ser Temáticos, Textuais ou Expositivos.
- II. O sermão temático tem ênfase no assunto que será tratado. Significa que o sermão é dirigido pelo assunto.
- III. O sermão textual é aquele que é baseado num texto bíblico curto. Significa que o sermão é dirigido pelo texto.
- IV. O sermão expositivo é aquele que expõe os princípios espirituais num texto geralmente mais longo. Significa que é dirigido pelo texto.
- V. O sermão textual é essencialmente o mesmo que o expositivo.

Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I, a II e a III estão corretas.
- b. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- d. Somente a IV e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

2. Analise as proposições abaixo:

- I. O sermão expositivo começa com um texto, então, descobre-se o tema e o seu desenvolvimento.
- II. Uma característica que define um sermão como sendo expositivo é que este ocupa-se principalmente da exposição das Escrituras.
- III. A explicação, a ilustração e a aplicação de outras fontes são recursos para o sermão expositivo, mas as ideias básicas do que está sendo pregado estão vindo do texto.
- IV. O que caracteriza um sermão expositivo não é a quantidade de texto, mas como este texto está sendo usado. Um sermão expositivo pode ser preparado tendo como base apenas um versículo.
- V. O sermão expositivo é considerado o melhor para alimentar os que já são crentes e ajudá-los a crescer na graça e no conhecimento de Cristo.

## ATIVIDADES



Assinale a alternativa correta:

- a. Somente a I, a II e a III estão corretas.
- b. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- d. Somente a IV e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

3. Assinale verdadeiro ou falso:

- ( ) Antes de preparar o sermão, o pregador deve saber fazer uma análise do auditório e de si.
- ( ) O alvo a ser alcançado num sermão será resultado da ação do Espírito Santo, e o pregador não precisa se preocupar com ele.
- ( ) As análises que o pregador deve fazer antes da elaboração do seu sermão não definirão necessariamente os objetivos do sermão.
- ( ) O objetivo do sermão não é o de informar um conteúdo aos ouvintes, não é o de se explicar passagens das Escrituras aos ouvintes. O objetivo do sermão deve ser o de transformar os ouvintes em algum aspecto da vida.
- ( ) O objetivo não é definido pelo assunto que será tratado ou pelo título que foi definido, mas pelos resultados que o sermão se propõe a alcançar.

- a. V, F, F, V, V.
- b. V, V, V, V, V.
- c. V, V, V, V, F.
- d. V, V, V, F, F.
- e. F, V, F, V, F.

## ATIVIDADES



4. Analise as proposições abaixo:

- I. Pregar é mais que discursar, é convencer as pessoas a agirem em conformidade com a Palavra.
- II. Argumentar consiste em relacionar essas ideias conduzindo as pessoas a um julgamento.
- III. O sermão deve ser bíblico e, portanto, as Escrituras são indispensáveis ao sermão. Mas nem sempre o fato de ter um texto bíblico num sermão significa que esse sermão seja bíblico.
- IV. Passagens bíblicas difíceis devem ser evitadas para que os objetivos do sermão sejam alcançados.
- V. O pregador deve evitar negligenciar partes das Escrituras, nunca tratando delas.

- a. Somente a I, a II e a III estão corretas.
- b. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.
- c. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.
- d. Somente a IV e a V estão corretas.
- e. Todas estão corretas.

5. Assinale verdadeiro ou falso:

- ( ) O título pode ser confundido com o tema, mas estes são diferentes.
- ( ) Na introdução, o pregador poderá ser rejeitado ou aceito pelos ouvintes.
- ( ) A divisão em pontos facilita a memorização das partes principais do sermão (ou discurso) pelo pregador, evitando divagações e prolixidade.
- ( ) As divisões devem obedecer, de preferência, a uma ordem ascendente, isto é, do ponto mais fraco para o mais forte, em vigor de argumentação, visto ser mais lógico este princípio e também mais convincente.
- ( ) A função das ilustrações é exclusivamente auxiliar, dando suporte ora a um e ora a outro dos elementos principais.

- a. V, F, F, V, V.
- b. V, V, V, V, V.
- c. V, V, V, V, F.
- d. V, V, V, F, F.
- e. F, V, F, V, F.





LIVRO

## **A Arte de Pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno**

Robson Marinho

**Editora:** Vida Nova

**Sinopse:** Depois de mais de 16 mil cópias vendidas, chega a nova edição de A Arte de Pregar, totalmente atualizada, revista e ampliada.

Nela o leitor encontrará:

- Uma seção inteiramente nova que trata de como alcançar o ouvinte pós-moderno, com temas como: tipos de ouvintes e de pregadores; visões de mundo do ouvinte pós-moderno; temas bíblicos para o Pós-Modernismo; comunicando a mensagem a ouvintes pós-modernos.
- Capítulos ampliados e reescritos.
- Bibliografia ampliada e atualizada.
- Um DVD contendo o curso 7 Fatores da Pregação Relevante.

Sobre o DVD:

O leitor encontrará o curso 7 Fatores da Pregação Relevante.

Devido à sua importância, o autor trata, em destaque, cada um dos fatores. São eles:

1. Contexto Atual.
2. Sintonia com o Ouvinte.
3. Comunicação Clara.
4. Estrutura Unificada.
5. Ilustrações Realistas.
6. Introdução Criativa.
7. Conclusão Prática.

Além de instrutivo, o curso é bastante dinâmico, trazendo entrevistas com diversas pessoas que compartilham sua opinião, sob o ponto de vista do ouvinte, a respeito de qual seria a melhor maneira de pregar a palavra de Deus no mundo de hoje.



## REFERÊNCIAS

- BROADUS, J. A. **Sobre a preparação e a entrega de sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- DANTAS, A. B. **Como Preparar Sermões**: dominando a arte de expor a Palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BRAGA, J. **Como preparar mensagens bíblicas**. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- LOPES, H. D. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008.
- REIS, E. dos. **Como Preparar e Apresentar Sermões**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- ROBINSON, H; LARSON, C. (Orgs.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p. VI.
- SOUSA, S. dos R. **Homilética**: a eloquência da pregação. Curitiba: A.D. Santos, 1999.
- SPURGEON, C. **Lições aos meus alunos**: homilética e teologia pastoral. Vol 1. São Paulo: PES, p. 7.



## ***GABARITO***

1. E
2. E
3. A
4. A
5. B



## CONCLUSÃO

Muito bem, caro(a) aluno(a), chegamos ao final de nossa jornada. Como prometemos no princípio, fizemos uma análise panorâmica dos principais conceitos relacionados ao ministério pastoral. É certo que há muito mais o que dizer, estudar, aprender e compartilhar sobre o assunto, mas espero que tudo o que vimos o ajude, primeiro, a despertar para a importância dos assuntos, e, segundo, a procurar capacitação e aperfeiçoamento. O conteúdo que tratamos deve funcionar como que flechas que apontem os caminhos a serem percorridos.

O ministério pastoral é um chamado honroso e uma grande responsabilidade. O pastor deve manter seu ministério fundamentado nos requisitos bíblicos, numa Teologia saudável e numa vivência pastoral fundamentada no amor pelas ovelhas. Sua perspectiva deve ser de servo humilde e fiel de seu Senhor, empenhado em atender às necessidades de Deus para as pessoas. O pastoreio é uma atividade que, por sua essência, requer maturidade, tanto de vida quanto de espiritualidade. Há que se ter paciência, porque leva-se, realmente, anos até que um pastor “seja formado”.

Como vimos, o pastor deve ter muito zelo pela liturgia do culto. Aprendemos a respeito de Deus, de sua vontade e dos fundamentos da fé também por meio dos ritos, dos cânticos, dos cerimoniais etc. Nesse sentido, o pastor deve saber zelar adequadamente por ela.

O ministério da pregação da Palavra é uma das tarefas mais importantes para o pastor. A pregação deve fazer sentido à realidade das pessoas. Isto porque os princípios espirituais revelados na Bíblia servem para as todas as gerações, e é tarefa do pregador esforçar-se em esclarecer como estes podem ser vividos na prática, hoje.

Assim, quero finalizar essa nossa caminhada encorajando você. Continue! Persevere! Estude, busque aprimoramento. Fique firme. Deus é fiel e sempre capacita seus chamados. Lembre-se de que “se alguém deseja o ministério pastoral, deseja uma nobre função”. Que a Graça de Deus continue capacitando e fortalecendo sua vida. Ele é fiel para completar a boa obra que começou em sua vida.

